



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

SAMARA LÍVIA ARAÚJO TEIXEIRA

**“A FESTA BOA É NA BASE DA UNIÃO, É A FESTA DA COLHEITA QUE DEU EM
NOSSO SERTÃO”: UMA ETNOGRAFIA DA FESTA CAMPONESA NA
MICRORREGIÃO NORTE DE SOBRAL - CEARÁ**

**FORTALEZA
2024**

SAMARA LÍVIA ARAÚJO TEIXEIRA

**“A FESTA BOA É NA BASE DA UNIÃO, É A FESTA DA COLHEITA QUE DEU EM
NOSSO SERTÃO”: UMA ETNOGRAFIA DA FESTA CAMPONESA NA
MICRORREGIÃO NORTE DE SOBRAL - CEARÁ**

Dissertação apresentada ao Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Ceará e Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Área de concentração: Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Martinho Tota Filho Rocha de Araújo.

FORTALEZA

2024

SAMARA LÍVIA ARAÚJO TEIXEIRA

“A FESTA BOA É NA BASE DA UNIÃO, É A FESTA DA COLHEITA QUE DEU EM NOSSO SERTÃO”: UMA ETNOGRAFIA DA FESTA CAMPONESA NA MICRORREGIÃO NORTE DE SOBRAL - CEARÁ

Dissertação apresentada ao Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Ceará e Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Martinho Tota Filho de Araújo (Orientador)

Universidade Federal do Ceará - UFC

Profª. Drª. Lea Carvalho Rodrigues

Universidade Federal do Ceará – UFC

Profª. Drª. Maria de Assunção Lima de Paulo

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

Às Universidades Públicas;
aos Camponeses e Camponesas;
aos Festejantes.

AGRADECIMENTOS

Uma das reflexões que têm me atravessado nos últimos anos é sobre como não estamos sozinhos, principalmente na escrita e no processo acadêmico, embora, muitas vezes, pareça que sim. A vida acadêmica para mim sempre foi intensa, às vezes até denotava ser solitária, mas é impossível não olhar para trás e ver que nunca estive sozinha.

Durante a trilha do mestrado, muitos desafios surgiram, mas sempre contei com a ajuda de pessoas que dedicaram seu tempo, sua paciência, seu afeto e seu conhecimento, apostando na minha capacidade de seguir trilhando e produzindo conhecimento na Antropologia. Portanto, o sucesso desta pesquisa está diretamente relacionado às pessoas com quem pude compartilhar essa caminhada.

Na escrita do texto, por vezes me imaginei escrevendo estas palavras que carregam consigo o gosto de fim, de descanso depois do trabalho, de doce que sobra no tacho. Esta é uma caminhada que diz muito não só de uma dissertação, mas de um fazer ciência entre choros, danças, risos, alegrias e amizades.

Este trabalho é dedicado primeiramente a meus pais, Sandra e Benedito, pelo cuidado, amor e apoio incondicional no dia a dia, mesmo quando não compreendiam o distanciamento em função da escrita e do campo. A vocês, todo meu amor e gratidão pelos ensinamentos, desde criança, na nossa casa camponesa, no sertão de Itapipoca.

À minha irmã Sanny, com quem também partilho a vida acadêmica e que foi minha inspiração ao ingressar primeiro na universidade e me mostrar como este espaço deve ser ocupado por nós, mulheres de origem camponesa.

À minha avó Judite e aos meus Avôs Antônio e Sebastião (em memória), que demonstraram desde sempre como é ser feliz no campo, viver, produzir e se orgulhar de ser camponês. Desde sempre fizeram Agroecologia sem nem mesmo saber que já o faziam.

A meus tios Sanoelma e Flávio, que são profissionais doados e dedicados à educação e ao ato de ensinar. Obrigada por todo apoio e crença no meu potencial, por terem me dado abrigo nas idas à capital para aulas do mestrado.

À Lys, Pedro, Letícia, Livia e Toinho, obrigada por repovoar os sentidos que família tem. Cada um de vocês, à sua maneira, caminha comigo nessa empreitada.

À Erivan Silva, meu companheiro de vida e amor de meus dias. A você todo meu afeto pela vida que compartilhamos, a paciência e compreensão no percurso de escritas madrugadas adentro, campo e tudo mais. É inspirador poder partilhar com você também a vida acadêmica, trocas e reflexões. Gratidão pelo companheirismo do dia a dia.

Agradeço à Martinho Tota, meu orientador, por aceitar a empreitada de trilhar os caminhos de pesquisar a Festa da Colheita comigo, pelas trocas, pela generosidade e paciência durante o processo de pesquisa e escrita. Pela orientação segura e compromissada para a produção de um trabalho acadêmico sério e ético, que possa contribuir para o campo antropológico, incluindo o debate do campesinato na academia.

Às professoras integrantes da banca avaliadora, Léa Carvalho e Assunção Lima, pelo aceite do convite e pelas contribuições valiosas que me ajudaram a crescer como pesquisadora, profissional e como humana.

A todos os professores do Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal do Ceará e da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, pela acolhida, ensinamentos e conhecimento compartilhado.

Aos meus amigos e colegas, por tornar a academia um espaço tão agradável entre tantos percalços nos quais pudemos aprender tanto juntos e juntas. Helenita, Tânia, Deybson, Aparecida, Dary, Mário, Tati, Cleber, Iully, Felipe e Leidiana, todo meu carinho por vocês. Juntos fomos porto e fonte de inspiração uns para os outros. Agradeço por todas as conversas, trocas e alegria compartilhada.

Aos Camponeses e Camponesas da Rede de Intercâmbio de Sementes e do Assentamento Pocinhos, que me acolheram em suas casas nas diversas visitas para pesquisa em campo, em especial aos amigos Cleide, Ricardo, Jeane, João, Aurilene, Kailane, Germana e todos que contaram suas histórias para esta dissertação.

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento a Pesquisa (FUNCAP), pela bolsa concedida que me deu condições para que pudesse me dedicar integralmente à pesquisa.

Toada de Abertura

Esta festa comemora
toda nossa produção:
Nossos frutos da lavoura,
nossa boa criação,
também água de beber
e da produção fazer
acabando a precisão.

Para ter boa colheita
valeu o planejamento:
plantou-se de tudo um pouco
com grande contentamento
nosso solo respeitando,
a família integrando
garantindo o sustento.

Por isso companheirada
vamos dar um passo à frente:
garantir acesso à terra,
nosso arado e as sementes
mais comida em nossa mesa
partilhando com grandeza
dando mais valor a gente.

Vamos recriar o campo
no rumo que nós queremos
variando os produtos,
outros inventos criemos
melhorando o produto
dando mais valor a tudo
aquilo que nós fazemos.

(Machado e Siebra)

RESUMO

No estado do Ceará, camponeses de vários municípios do semiárido cearense têm construído espaços de armazenamento coletivo denominados Casas de Sementes Comunitárias, que se integram na Rede de Intercâmbio de Sementes (RIS). É por meio desta articulação que camponeses e camponesas da microrregião norte de Sobral reúnem-se há 12 anos para celebrar e festejar a colheita. A Festa da Colheita é também uma organização política que produz identidades e processos de resistência no campo, principalmente no que tange à produção de alimentos. Por meio de fragmentos de memória, inseridos na ritualização da colheita, percebe-se o contínuo processo de construção da identidade social camponesa fundida ao longo da história dos integrantes da Rede. Desta forma, esta pesquisa objetiva compreender a relevância da Festa da Colheita para os camponeses integrantes da RIS Sobral e sua importância para a continuidade dos modos de vida camponeses, gerando reflexões acerca de temas como campesinato, festa, cultura, comida e sociabilidades. Tomo como base do processo metodológico a pesquisa de campo etnográfica que se apoiou na descrição densa de Clifford Geertz (2008), no sentido de que a experiência etnográfica está intimamente ligada à interpretação. Ao mesmo tempo em que Geertz (2008) busca alcançar a cultura de um povo, o que também busco neste trabalho é uma interpretação de contextos singulares (Clifford, 2002) que, junto das reflexões teóricas, adquirem um significado mais profundo.

Palavras-chave: campesinato. sementes. festa. colheita.

RESUMEN

En el estado de Ceará, campesinos de varios municipios de la región semiárida de Ceará han construido espacios de almacenamiento colectivo denominados Casas Comunitarias de Semillas, que forman parte de la Red de Intercambio de Semillas (RIS). A través de esta articulación, los campesinos de la microrregión norteña de Sobral se reúnen desde hace 12 años para celebrar la cosecha. La fiesta es también una organización política que produce identidades y procesos de resistencia en el campo, especialmente en lo que se refiere a la producción de alimentos. A través de fragmentos de memoria insertados en la ritualización de la cosecha, podemos ver el proceso continuo de construcción de una identidad social campesina que se ha ido fundiendo a lo largo de la historia de los miembros de la Red. De esta forma, esta investigación pretende comprender la relevancia de la Fiesta de la Cosecha para los miembros campesinos de la RIS Sobral y su importancia para la continuidad de los modos de vida campesinos, generando reflexiones sobre temas como campesinado, festividad, cultura, alimentación y sociabilidad. El proceso metodológico se basa en la investigación etnográfica de campo, que se basará en la descripción densa de Clifford Geertz (2008) en el sentido de que la experiencia etnográfica está estrechamente vinculada a la interpretación. Al mismo tiempo que Geertz (2008) busca comprender la cultura de un pueblo, lo que también busco en este trabajo es una interpretación de contextos singulares (Clifford, 2002) que, junto con reflexiones teóricas, adquieran un significado más profundo.

Palabras-clave: campesinado. semillas. fiesta. cosecha.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Localização geográfica dos municípios e área da atuação da RIS Sobral.....	38
Figura 2 -	Manual de Gestão e Organização da Rede de Intercâmbio de Sementes	42
Figura 3 -	Recibos de Empréstimo e Devolução de Sementes RIS Sobral.....	43
Figura 4 -	Registro da realização da primeira Festa da Colheita no Assentamento	55
Figura 5 -	Benção coletiva dos alimentos.....	61
Figura 6 -	Distintas formas de organização das Sementes no Encontro de Planejamento da RIS Sobral no Distrito de Padre Linhares Massapê.....	62
Figura 7 -	Equipe de ambiente nos preparativos da Festa Microrregional em Pocinhos.....	64
Figura 8 -	Equipe de Cozinha nos preparativos da Festa da Colheita em Pocinhos	65
Figura 9 -	Equipe de Alimentação durante a Festa da Colheita em Pocinhos.....	66
Figura 10 -	Cartilha de orientação para celebração da Festa da Colheita.....	67
Figura 11 -	Mutirões comunitários no alpendre da Casa Sede onde também se localiza a Casa de Sementes São José.....	68
Figura 12 -	Chegada das caravanas e entrosamento dos participantes.....	70
Figura 13 -	Espaço para higienização e limpeza dos utensílios de cada participante	71
Figura 14 -	Alimentação coletiva.....	73
Figura 15 -	Camponeses reunidos no alpendre da Casa de Sementes do Assentamento Pocinhos para momento de formação.....	75
Figura 16 -	Mística de abertura da Festa da Colheita em Jordão, Distrito de Sobral	76
Figura 17 -	Alimentos partilhados para Festa da Colheita Comunitária em Pocinhos no ano de 2023.....	77
Figura 18 -	Animações culturais da Festa - forró pé de serra e reisado dos caretas	78
Figura 19 -	Ferramentas de trabalho e sementes em espaço de acolhida da Festa da Colheita microrregional em Pocinhos.....	83
Figura 20 -	Fogueira acesa durante a Festa da Colheita microrregional em Pocinhos.....	84

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Interlocutores participantes da pesquisa.....	27
--	----

LISTA DE SIGLAS

ANA	Articulação Nacional de Agroecologia
ASA	Articulação do Semiárido Brasileiro
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CDS	Cáritas Diocesana de Sobral
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
COAGRE	Companhia de Agroecologia e Produção Orgânica
CONAB	Companhia Nacional de Abastecimento
CONTAG	Confederação dos Trabalhadores na Agricultura
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CPT	Comissão Pastoral da Terra
DAP	Documento de Aptidão Pronaf
EMATERCE	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará
ESPLAR	Centro de Pesquisa e Assessoria
FAO	Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura
FBB	Fundação Banco do Brasil
FBES	Fórum Brasileiro de Economia Solidária
FCVS	Fórum Cearense pela Vida do Semiárido
FEAB	Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil
FETRAECE	Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado do Ceará
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INSA	Instituto Nacional do Semiárido

MAB	Movimento dos Atingidos por Barragens
MAM	Movimento pela Soberania Popular na Mineração
MANGORIS	Manual de Gestão e Organização das Casas de Sementes
MAPA	Ministério do Meio Ambiente, Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento
MEB	Movimento de Educação de Base
MMC	Movimento de Mulheres Camponesas
MPA	Movimento dos Pequenos Agricultores
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PJMP	Pastoral da Juventude do Meio Rural
PLANAPO	Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica
PNAE	Programa Nacional de Aquisição de Alimentos Escolares
PNAPO	Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica
RIS	Rede de Intercâmbio de Sementes
SEMACE	Superintendência Estadual do Meio Ambiente
SDA	Secretaria de Desenvolvimento Agrário
STTR	Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais

CONVENÇÕES

Utilização da palavra rede: quando utilizada em maiúsculo - “Rede” -, estarei me referindo à organização coletiva dos/as camponeses/as. Ao utilizar “rede” em minúsculo, estarei me referindo ao substantivo, rede utilizada para se deitar.

Utilização da palavra casa: quando utilizada em maiúsculo - “Casa” - estarei me referindo ao espaço coletivo de armazenamento das sementes. Ao utilizar “casa” em minúsculo, me referirei ao substantivo, casa de morar.

Utilização da palavra semente: quando utilizada em maiúsculo - “Semente” -, estarei me referindo às Sementes Crioulas, no sentido da concepção dos/as camponeses/as. E ao utilizar sementes em minúsculo, estarei me referindo ao substantivo sementes/grãos, mas também às sementes dentro de outras óticas de utilização.

Utilização da palavra festa: quando utilizada em maiúsculo - “Festa” -, estarei me referindo à Festa da Colheita. E ao utilizar festa em minúsculo, me referirei ao substantivo festa em seu sentido geral.

Entrevistas: as entrevistas foram transcritas conforme a pronúncia dos interlocutores e não conforme a gramática normativa.

Flexão de gênero as/es/os: ao longo desta dissertação, utilizo a gramática normativa para escrita do texto que contém flexão de gênero para me referir aos/às interlocutores/as da pesquisa (Camponeses/as, Agricultores/as, Sócios/as etc.).

“Aspas duplas”: utilizadas nas citações de autores, fala dos interlocutores envolvidos na pesquisa e até mesmo em algum conceito que tenha sido importante destacar.

‘Aspas simples’: utilizadas para expressar uma ideia não literal. Ou mesmo ironia.

[Colchetes]: utilizados para intervir em citações.

(Parênteses): utilizados para fazer indicação de longas pausas na entrevista ou passagens incompletas.

Itálico: utilizado quando se trata de palavras ou conceitos exteriores à língua portuguesa e/ou para destacar alguma informação dentro do texto.

SUMÁRIO

1	PRÓLOGO: BEM-VINDOS À FESTA.....	20
1.1	Como as Sementes foram semeadas: aspectos metodológicos.....	23
1.2	Como as Sementes foram germinando: categorias e conceitos.....	29
2	CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DA PESQUISA.....	35
2.1	A organização política das Casas de Sementes: Rede de Intercâmbio de Sementes.....	35
2.2	Contexto empírico: Assentamento Pocinhos (Forquilha – CE)	45
3	A FESTA DA COLHEITA: FARTURA E PARTILHA NA MICRORREGIÃO NORTE DE SOBRAL.....	56
3.1	A Festa da Colheita no contexto das festas brasileiras.....	56
3.2	A produção da Festa.....	63
3.3	O simbolismo e a dimensão religiosa.....	81
3.4	O significado da Festa para os camponeses.....	85
4	PRODUÇÃO CAMPONESA, COMIDA E CULTURA.....	88
4.1	Alimentação como sociabilidade e como ato político.....	88
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
	REFERÊNCIAS.....	99

SUMÁRIO DETALHADO

Esta dissertação está organizada em 4 capítulos que juntos abordam a Festa da Colheita na microrregião norte de Sobral, por onde o leitor percorrerá os caminhos da Festa, compreendendo o que é a Festa da Colheita, como ela se organiza a partir do campesinato, quais suas simbologias e qual papel político ela cumpre para os camponeses e camponesas.

1 PRÓLOGO: BEM-VINDOS À FESTA

1.1 Como as sementes foram semeadas: aspectos metodológicos

Nesta seção, abordo questões sobre o objeto da pesquisa, de como foi pensado e moldado aos poucos, a partir do pensar e do fazer pesquisa, os desafios do “fazer dissertação” e das trilhas para esta construção. Também destaco aspectos sobre a importância de pesquisar a Festa da Colheita e sua contribuição para o campo acadêmico.

A sustentação metodológica parte da teoria interpretativa de Geertz (2008), através da descrição densa que objetiva, inicialmente, uma compreensão das estruturas simbólicas para que estas, então, sejam apresentadas. Além disso, busca a compreensão das singularidades de Clifford (2002) que, junto das teorias, adquirem maior significado. É neste tópico onde apresento o percurso realizado para coleta e tratamento de dados para a escrita.

1.2 Como as Sementes foram germinando: categorias e conceitos

Ao longo deste trabalho tomo como referência algumas categorias e conceitos que aprofundarei nesta seção. A escolha de autores e conceitos parte do que acredito, de meus posicionamentos políticos no fazer ciência, mas também a partir da observação das singularidades do campo. Destaco e discorro sobre algumas categorias que são essenciais para o trabalho como: Camponês, Campesinato, Agricultor, Agricultura, Agroecologia, Sementes Crioulas, Mística e Comunidade. Outras categorias como a bibliografia de festas e rituais ganham espaço no decorrer dos capítulos dois e três por meio da escrita etnográfica.

2 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DA PESQUISA

2.1 A organização política das Casas de Sementes: Rede de Intercâmbio de Sementes

Visando uma melhor compreensão do leitor, nesta seção, faço uma abordagem da Rede de Intercâmbio de Sementes (RIS) na microrregião norte de Sobral, que é resultado da organização política das Casas de Sementes. Inicialmente, tomo como recorte temporal a constituição da Rede de Intercâmbio de Sementes no Ceará e na microrregião norte de Sobral, pois é por meio dela que os/as camponeses/as se organizam, é através da Rede que dão sentido político ao que fazem, se articulam e resistem no campo, e foi dessa organização que a festa, tão grande e farta como afirmam os/as camponeses/as, surgiu.

2.2 Contexto empírico: Assentamento Pocinhos (Forquilha - CE)

O recorte empírico desta pesquisa se concentra no município de Forquilha – CE, e de forma mais específica, no Assentamento Pocinhos, que está situado às margens da CE-362, distante 230km de Fortaleza, a capital do Ceará. A escolha dessa comunidade específica parte de alguns motivos, mas, de modo geral, pela dimensão que a RIS Sobral ocupa, estando, atualmente, em 11 municípios. Nesta seção, abordo questões mais específicas sobre a comunidade, os modos de vida, a interação social e o universo social camponês na comunidade pesquisada.

3 A FESTA DA COLHEITA: FARTURA E PARTILHA NA MICRORREGIÃO NORTE DE SOBRAL

3.1 A Festa da Colheita no contexto das festas brasileiras

Neste tópico, apresento a Festa da Colheita no contexto das festas brasileiras e em âmbito mais localizado, na microrregião norte de Sobral, trazendo fontes, registros e produções acadêmicas relacionadas ao tema. Aqui, abordo como a Festa teve início, o que é a Festa e como ela se organiza institucionalmente por meio da RIS.

3.2 A produção da Festa

Conforme Perez, Amaral e Mesquita (2012), as festas marcam tempos fortes, momentos de culminância e alternâncias de ritmos e intensidades na vida coletiva e individual. Com isto, nesta seção, faço uma descrição densa (Geertz, 2008) da Festa da Colheita. Aqui, a análise contempla a produção da Festa da Colheita, trazendo ao leitor uma interpretação da Festa em sua totalidade, como ela acontece, como é organizada pelos/as camponeses/as, abordando traços particulares do rito e dos/as festejantes, assim como revelações da vida social do público que festeja.

3.3 O simbolismo e a dimensão religiosa

Aqui, faço uma pormenorização dos símbolos que permeiam a Festa da Colheita e os/as camponeses/as integrantes da RIS. Ressalto que não se trata somente de uma descrição, mas de uma análise do que cada símbolo representa e seus significados dentro do ritual festivo. Busco, ainda, identificar as relações de dádiva (Mauss, 1988) e reciprocidade que são desencadeadas no universo camponês para tratar a dimensão religiosa, já que a Festa nasce no âmbito da igreja católica com as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), além disso, a mística animadora da Festa da Colheita e de outros movimentos sociais também surge a partir da dimensão religiosa.

3.4 O significado da Festa para os camponeses

Aqui, trato sobre a importância da Festa para os/as camponeses/as integrantes da RIS Sobral e o papel político que a Festa cumpre na produção e reafirmação de identidades camponesas, bem como processos de resistência no tocante à preservação da cultura, produção de alimentos, acesso à terra, água, sementes e permanência digna no campo.

4 PRODUÇÃO CAMPONESA, COMIDA E CULTURA

4.1 Alimentação como sociabilidade e como ato político

Aqui, faço uma abordagem da Festa com o olhar voltado para a comida, as sociabilidades e o lazer. Conforme Brandão (2007, p. 39), “a festa, mesmo quando dê trabalho prepará-la é o oposto do trabalho. Pois, é nela onde mulheres e homens reúnem-se em algum lugar para juntos conviverem entre gestos, palavras e objetos carregados com a leveza e a força dos símbolos, a fé, a alegria [...]”. Portanto, abordo reflexões relacionadas à comensalidade, que são desencadeadas por meio da Festa. A comida é um instrumento importante para compreender as relações sociais existentes, fatores culturais, históricos, ambientais e econômicos. Ao mesmo tempo, falar de comida é também entrar no universo da produção de alimentos, é pensar na organização do espaço rural, dos saberes tradicionais dos camponeses e do papel político que o comer cumpre. Portanto, nesta seção, destaco o papel da comensalidade na Festa e na vida dos/as camponeses/as.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trago aqui considerações acerca do trabalho, mesmo sabendo que esta pesquisa não abarca o esgotamento do tema pelas várias dimensões que este universo traz, e também pelo

tempo da pesquisa. Mas trago algumas reflexões, a partir de resultados concretos observados em campo, elencando fatores sociais, econômicos, culturais e até mesmo metodológicos, pensando em onde piso e no fazer Antropologia, que consiste em também deixar-se afetar (Favret-Saada, 2005) pelo que afeta o outro e, assim, também aprender com outras epistemologias.

1 PRÓLOGO: BEM-VINDOS À FESTA

Dou início a esta dissertação, recordando como vim parar aqui. Esta pesquisa apresenta-se como continuidade de estudos realizados em contato e trajetórias anteriores, profissional e acadêmica, junto à Rede de Intercâmbio de Sementes (RIS), ou RIS Sobral¹, como é conhecida, no período de 2015-2021.

No ano de 2015, passei a integrar a execução do Programa Ecoforte², que apoiou o desenvolvimento de territórios onde situavam-se Redes de Agroecologia³, com o objetivo de fortalecer o extrativismo e a produção orgânica. Sobre o programa, gostaria de destacar que, dentre as políticas públicas brasileiras focadas em ações que visam o desenvolvimento sustentável do país, destaca-se a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PNAPO), instituída em 2012 (período do governo Dilma)⁴ pelo Decreto Federal n. 7.794. Conforme afirma Martins (2018), essa política resulta de longas mobilizações dos povos do campo e das florestas, com destaque aos movimentos de mulheres organizados na Marcha das Margaridas⁵.

A operacionalização do PNAPO acontece por meio do Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PLANAPO). Desta forma, o Programa Ecoforte, que integra o PLANAPO, é um programa financiado pela Fundação Banco do Brasil (FBB) e pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), coordenado por estas instituições, mas em parceria com outros órgãos do Governo Federal, como o Ministério do Meio Ambiente, o Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA), a Secretaria de Desenvolvimento Agrário (SDA), a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB)⁶ e a Companhia de Agroecologia e Produção Orgânica (COAGRE).

¹ A RIS está presente em 11 municípios (Sobral, Santana do Acaraú, Morrinhos, Forquilha, Massapê, Alcântara, Bela Cruz, Santa Quitéria, Marco, Frecheirinha e Pacujá), é composta por 92 comunidades e 2.887 camponeses, entre homens, mulheres e jovens. É a partir dela que, anualmente, os camponeses reúnem-se para celebrar a colheita.

² Para mais informações, consultar Schmitt *et al.* (2020).

³ As Redes de Agroecologia desempenham importante papel na promoção da segurança alimentar e nutricional, ao atuarem na diversificação da produção e construção de sistemas agroalimentares baseados nas potencialidades dos territórios.

⁴ Apesar do Governo Lula e Dilma terem mantido relações próximas e grandes fatias de financiamento para o agronegócio brasileiro, é importante destacar que foi por meio destas gestões que conseguimos avançar nas políticas de créditos para a agricultura familiar até a PNAPO.

⁵ Realizada desde os anos 2000, a Marcha das Margaridas é uma ação estratégica das mulheres do campo e da floresta, que integra a agenda permanente dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais de todo o Brasil, para reivindicação de direitos.

⁶ Órgão diretamente envolvido no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), que adquire produtos da agricultura familiar.

A primeira edição do programa ECOFORTE teve início com o lançamento do Edital de Seleção Pública FBB/BNDES nº 2014/005 - Redes ECOFORTE, lançado em 2014 e vigente até o início de 2017. Foi neste período que, por meio da Cáritas Diocesana de Sobral⁷ (CDS), uma organização não governamental sem fins lucrativos que se constitui como um organismo da Igreja Católica, pertencente à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), pude conhecer e me aproximar dos/as camponeses/as, dos grupos, comunidades e municípios que integram atualmente a RIS da microrregião norte de Sobral.

A Cáritas de Sobral é uma das 187 entidades-membro organizadas em rede no país. No Ceará, se articula com outras 9 Cáritas por meio da Cáritas Regional Ceará, com sede em Fortaleza. Por atuar com projetos diversos em diferentes linhas e eixos políticos, um dos destaques da atuação da Cáritas de Sobral consiste na convivência com os Biomas, onde a RIS Sobral se insere diretamente e por onde teve seu acompanhamento efetivo pelo Programa Ecoforte.

Foi por estar inserida neste espaço que me interessei por compreender sobre as motivações que levaram os/as camponeses/as a organizarem-se em Rede e qual sua relação com as Sementes. As reflexões decorrentes desta pesquisa encontram-se na monografia intitulada ‘Sementes da Vida: a relação de afeto dos guardiões de sementes na preservação do patrimônio genético-cultural na microrregião norte de Sobral’ (Teixeira, 2020), defendida em 2020 no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú.

Por meio da pesquisa de campo, dediquei-me a conhecer os camponeses que integram a Rede de Intercâmbio de Sementes e as relações afetivas com as Sementes Crioulas que, entre gerações, são conservadas⁸ e preservadas⁹, dando-lhes o título autorreferencial de “guardiões de sementes” que, para além das Sementes, guardam memórias que dão sentido às resistências¹⁰ coletivas no campo, no tocante à luta pela terra e, sobretudo, ao avanço do agronegócio e das indústrias sementeiras, em relação aos modos de vida camponeses.

⁷ Disponível em: <https://caritas.org.br/>. Acesso em: 9 jun. 2024.

⁸A conservação permite o desenvolvimento socioeconômico aliado ao cuidado com a natureza. É por meio da conservação que os/as camponeses/as da RIS Sobral conseguem desenvolver uma agricultura mais sustentável.

⁹ A preservação visa manter as características próprias sem nenhuma interferência humana. Nesse sentido, a natureza segue seu curso naturalmente e, no caso das Sementes, seguem seus ciclos garantindo equilíbrio ecológico ao ambiente e à própria biodiversidade.

¹⁰ Ao longo desta pesquisa, utilizo o termo “resistências” e, portanto, ao me reportar a ele, estarei me referindo ao sentido do conceito elaborado por James C. Scott (2002), que desenvolveu o conceito de “resistência cotidiana” após uma convivência de dois anos entre camponeses da Malásia, ocasião em que pesquisou a reação dos membros da aldeia Sedaka, situada no estado de Kedah, à implantação da “revolução verde”, projeto voltado para o aumento da produtividade através de mudanças tecnológicas na colheita do arroz.

Durante o período do trabalho de campo, outros aspectos foram evidenciados, como a possibilidade de continuidade da pesquisa, e foi a Festa da Colheita que me trouxe até a construção desta dissertação, na qual busco compreender a relevância da Festa da Colheita na vida dos/as camponeses/as da Rede de Intercâmbio de Sementes da microrregião norte de Sobral¹¹.

A Festa da Colheita é uma grande celebração organizada em torno da produção camponesa que abarca uma diversidade de alimentos do campo. É também um ritual que há 12 anos é realizado anualmente na microrregião, entre os meses de maio a julho de cada ano, que compreende o período de colheita da safra semeada durante a quadra invernos¹², que inclui o período de quatro meses (janeiro a abril de cada ano).

A Festa é também uma organização política que produz identidades e processos de resistência no campo, principalmente no que tange à produção de alimentos. Por meio de fragmentos de memória inseridos na ritualização da colheita, percebe-se o contínuo processo de construção da identidade social camponesa, fundida ao longo da história dos integrantes da Rede. Cada um tem elementos que, pouco a pouco, constituem-se em uma história que direciona e molda a Festa como ela acontece.

Durante a pesquisa de campo, interessaram-me narrativas que permeiam de forma mais detalhada os símbolos e significados da festa e o imaginário de quem celebra aprofundando suas cosmovisões, pois, é na Festa onde desenvolve-se um conjunto de ações simbólicas entre os interesses e comportamentos de cada indivíduo, por onde desencadeiam-se também relações secundárias, até mesmo conflitos que são comuns na vida social e que, dentro desta conjuntura, serão analisados.

Portanto, esta pesquisa apresenta resultado da minha pesquisa de campo, a festa camponesa, a Festa da Colheita, e direciona-se a todos os públicos, especialmente aos militantes camponeses e estudiosos interessados na questão do campesinato brasileiro.

Nóbrega (2010) afirma que, desde os tempos remotos, as celebrações festivas ocupam um lugar bastante significativo na cultura das comunidades. Para ela, as festas configuram-se como uma celebração da vida, da espontaneidade e da alegria, sendo muito significativa para o

¹¹ Esta etnografia se localiza na mesorregião noroeste de Sobral, nas microrregiões de Sobral, Litoral de Camocim, Acaraú e Santa Quitéria. Entendendo as informações oficiais produzidas pelo estado, seguindo as divisões político-administrativas, conforme define o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Mas, para os/as camponeses/as que integram a RIS, esta definição se dá em termos de “microrregião de Sobral”, e isso ocorre pela posição que Sobral ocupa em relação a outros municípios, uma posição de polo. Mas também se conecta por uma nomenclatura criada inicialmente pela Cáritas Diocesana, devido à sua área de atuação na Diocese de Sobral.

¹² Esta não é uma referência apenas dos camponeses que compõem a RIS da microrregião norte de Sobral, mas de todos os povos do semiárido brasileiro, principalmente daqueles que residem no semiárido cearense.

homem, especialmente na sua definição como ser comunicativo e social, não existindo uma sociedade sem elas. Para a autora, ao participar de uma festividade, cada indivíduo sente que está entre um coletivo e, ao mesmo tempo, na reconstituição de sua identidade, ameaçada pela vida séria, cotidiana e regrada do mundo social.

Embora haja uma grande variedade de estudos sobre festas populares no século XX, o caráter predominantemente descritivo e pouco analítico destas obras dificulta o entendimento das inter-relações estabelecidas a partir das manifestações festivas. Portanto, é de fundamental importância transcender o olhar etnográfico e compreender as relações que se estabelecem por detrás das práticas observadas em campo. Por trás da Festa, escondem-se divergências, tensões e disputas que analisei durante a abordagem da Festa da Colheita.

Os estudos de festa no Brasil demonstram a importância da compreensão de seu significado enquanto objeto de investigação das Ciências Sociais. Ao investigarmos o sentido das festas, nos deparamos com uma pluralidade de significados que perpassa realidades culturais, políticas, religiosas, artísticas e sociais de um povo, evidenciando elementos centrais de nossas formas de temporalidade, expressão e pertencimento.

Dito isto, a Festa da Colheita é uma importante e significativa manifestação da tradição camponesa da microrregião norte de Sobral, no Ceará. Originada por movimentos de base religiosa da igreja católica e das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), é atualmente realizada em 92 comunidades e 11 municípios da mesorregião noroeste do estado.

O ciclo de realização das Festas da Colheita inicia-se no final do inverno (maio), mas é a partir do plantio dos roçados que a preparação da Festa tem seu ciclo inicial. É nesse período de sol ameno e chuvas mais frequentes (inverno cearense) que os camponeses plantam, manejam e, aos poucos, a colheita vai chegando. Considero que o evento culminante desta manifestação cultural, batizada pelos camponeses/as de Festa da Colheita, marca um período de abundância para a vida camponesa: o da fartura.

1.1 Como as sementes foram semeadas: aspectos metodológicos

Quando criança, estive sempre ligada à agricultura e a diversas dimensões do espaço rural, uma vez que nasci e sempre vivi no campo com minha família, no interior de Itapipoca - CE, vivenciando e participando de atividades agrícolas com a família. O contato com as sementes, para mim, é intrigante, uma vez que acompanhei, por muitas vezes, meu pai em busca de sementes para plantio no período de inverno. A chegada da chuva trazia alegria e, ao mesmo

tempo, “aperreio” por não ter a semente na hora certa para plantar. O fato é que, com o contato direto com a RIS Sobral, me aproximei da Agroecologia e retomei meu histórico com as Sementes e com o campesinato na casa de meus pais e avós.

O contato com a RIS despertou interesse em conhecer mais sobre o mundo rural, buscando leituras e estudos que me permitiram ter uma compreensão mais crítica do campesinato, além disso, foi também por onde escolhi trilhar os caminhos de pesquisa, primeiro na graduação, e agora no mestrado, afinal, toda pesquisa tem um pouco do sujeito que a constitui.

Pelo fato de a RIS Sobral simbolizar também resistência no campo, no cuidar e preservar das Sementes, para garantia da autonomia dos/as camponeses/as na hora de plantar, colher, comer e festejar, passei a pesquisá-la a fim de também compreender as mudanças que ocorreram paulatinamente no campesinato brasileiro, após a injeção do pacote tecnológico da Revolução Verde¹³ e os processos de resistência que têm sido travados no campo.

A agrobiodiversidade enfrenta grandes desafios, tendo em vista o grande avanço das indústrias sementeiras que impõem restrições à soberania das Sementes Crioulas, que são variedades locais melhoradas e aperfeiçoadas pelo tempo e pelas mãos de camponeses/as que se propõem, antes de tudo, a serem guardiões não só das Sementes, mas das histórias e dos saberes locais que cada variedade carrega consigo. Acredito ser aqui que surge o meu fazer ciência. Pela partilha generosa das práticas cotidianas dos/as camponeses/as e por essa ciência dos lugares que dão sentido às categorias e conceitos pré-estabelecidos.

Com base nisso, esta pesquisa apresenta como tema o estudo da festa no espaço camponês com o objetivo de compreender sua relevância social para os/as integrantes da RIS Sobral. O trabalho consiste em desvendar, por meio das narrativas, diálogos e vivências de campo, o que motiva os/as camponeses/as que estão organizados/as em Rede por meio das Casas de Sementes, em festejar dentro desta organização política anualmente. Além disso, busco perceber o simbolismo que permeia a Festa, as relações, sociabilidades e conflitos que são comuns na vida social, bem como o papel político que esta cumpre dentro da Rede.

O recorte empírico deste trabalho se localiza no município de Forquilha - CE, no Assentamento Pocinhos, que está situado às margens da CE-362, distante 230km de Fortaleza,

¹³ Görgen (2004) afirma ser um programa de desenvolvimento do capitalismo na agricultura e na pecuária que se baseia na produção voltada para o lucro e para o mercado, através da genética vegetal com produção e multiplicação de sementes híbridas ou “melhoradas”, “resistentes a doenças e pragas” e adaptadas para receber altas doses de adubos químicos. Também é validada na aplicação de novas técnicas agrícolas ou tratamentos culturais, aplicação intensiva de adubos químicos e venenos. E no tocante à genética animal, o melhoramento de raças animais com o uso de antibióticos e hormônios.

a capital do Ceará. A escolha dessa comunidade específica parte de três motivos: o primeiro, parte de uma leitura geral da dimensão que a RIS Sobral ocupa, estando atualmente em 11 municípios, o que me levou a tomar como base da pesquisa/ação de campo apenas uma comunidade. O segundo, por oportunamente, após três anos sem realização das Festas da Colheita por ocasião da Pandemia da Covid-19, a retomada da Festa em sua instância microrregional¹⁴ ocorreu em Pocinhos, no município de Forquilha. E terceiro, que mesmo tendo o direcionamento da comunidade e município a partir da Festa, o município de Forquilha ocupa, dentro da RIS, o quarto mais numeroso em Casas de Sementes e um dos que tiveram maior aderência para a realização das festas comunitárias e municipais.

Para atender ao objetivo da pesquisa, se fez necessário compreender algumas questões que ora se apresentam como objetivos específicos: 1) Como a festa teve início? Por que festejar a colheita?; 2) Como a produção do alimento está ligada ao ato do festejar, de organizar, preparar e mobilizar pessoas para este evento?; 3) Qual o papel da festa na vida destas pessoas? De que forma ela contribui para o resgate de culturas imbuídas nas “memórias coletivas e individuais” (Pollak, 1989) do público deste estudo?; 4) E qual papel político ela cumpre na construção de identidades e resistências no campo?

Enquanto produto social e cultural, a Festa da Colheita se apresenta como um campo rico para a compreensão e análise de redes de relações que delimitam práticas sociais recorrentes para alguns indivíduos ou grupos, por onde constituem suas ações, visões de mundo e linhas de ação.

Durante o trabalho de campo, pude perceber um sistema de representações e práticas sociais particulares cuja importância social e seu sentido podem ser mais bem compreendidos a partir de uma perspectiva teórica que implica uma relação solidária entre ação e representação, no sentido de que as formas e conhecimentos do mundo, natureza e conteúdo são sociais (Durkheim, 1996).

Acredito que esta pesquisa possa contribuir para a compreensão de como uma forma cultural específica ganha expressão, assim como um determinado grupo encontra significado por meio da produção e criação cultural, articulando experiências no contexto de certas práticas e representações.

Por meio deste trabalho, espero poder colaborar para a elaboração de agendas futuras de pesquisa, dedicadas a pensar a inseparabilidade entre natureza e sociedade, a partir das

¹⁴ As festas acontecem em três instâncias: local, à nível comunitário e de formas mais abrangentes a nível municipal e microrregional. Mais adiante, situo melhor o leitor sobre isso.

práticas cotidianas dos/as camponeses/as. Nesses termos, acredito que o trabalho seja capaz de ‘fazer circular’ a Rede de Intercâmbio de Sementes, animando reflexões, discussões e o fazer político a partir de vínculos que historicamente têm demonstrado outras formas de habitar e povoar o mundo, as quais se tornam cotidianamente mais urgentes, diante das devastações ecológica, climática e até mesmo democrática.

Aqui, assumo o papel desafiador de falar sobre o mundo do “outro” com a preocupação de que minha posição não seja somente aquela que recai no imaginário do pesquisador que efetua uma reflexão marcada pela “autoridade etnográfica”, nos termos de Clifford (2002), a pesquisadora autorizada a falar o que aprendeu em campo. A proposta é uma pesquisa etnográfica ética e responsável que promova o diálogo intercultural e o respeito pela diversidade cultural. Além disso, comprometida em ajudar a combater os estereótipos culturais, contribuindo para uma compreensão mais ampla e complexa da diversidade dos povos.

Assim, tomo como base do processo metodológico a pesquisa de campo etnográfica que se apoiou na descrição densa de Clifford Geertz (2008), no sentido de que a experiência etnográfica está intimamente ligada à interpretação. Apesar de me utilizar de Geertz (2008) como referência etnográfica neste trabalho, é preciso deixar claro que não foi possível acessar algum tipo de totalidade ou a “cultura de um povo”. O esforço etnográfico desta pesquisa foi limitado pelo próprio tempo.

Para Geertz (2008), a etnografia envolve colocar o foco nas experiências da vida do grupo em que se deseja conhecer. E conhecer esse “outro” não significa reconhecer a ação do outro como um mero reflexo, mas sim compreender aspectos da vida cotidiana, lembrando que o pesquisador não acessa certas sensibilidades desse espaço cotidiano de uma forma direta.

Assim, dediquei esforços de forma muito intensa para a construção de relações com meus interlocutores para que, à medida que estas fossem se consolidando, fosse possível estabelecer interpretações cuidadosas. A etnografia foi pensada como uma forma especial de relação pesquisador-pesquisado, não para que a pesquisadora se tornasse pesquisada, mas para que eu pudesse compreender o universo dos pesquisados, sua forma de ver o mundo e entre outros aspectos possíveis através de uma troca mútua.

Embora o recorte empírico esteja alicerçado em Forquilha, tomo como base, ao longo da pesquisa, narrativas de camponeses/as de diferentes municípios e comunidades que compõem a RIS Sobral, além de instituições parceiras que também se inserem diretamente neste objeto. Portanto, apresento a seguir o Quadro 1, que oferece um perfil dos interlocutores que

aparecem ao longo da pesquisa. A descrição dos sujeitos baseia-se na forma como eles e elas se enxergam e se descreveram quando estive em campo.

Quadro 1 - Interlocutores participantes da pesquisa

INTERLOCUTORES	COMUNIDADE	MUNICÍPIO
Ipê Roxo é agricultora/produtora rural, responsável pela Secretaria de Mulheres do STTR de Forquilha, Coordenadora da RIS municipal de Forquilha e também da RIS Regional	Rocha	Forquilha
Anjico e Aroeira são respectivamente marido e mulher e moram em Pocinhos. Ele é agricultor, Coordenador Sindical de Base de Pocinhos, Sócio e ex-coordenador da Casa de Sementes São José e ex-presidente da Associação Comunitária de Pocinhos. Ela é dona de casa e agricultora	Assentamento Pocinhos	Forquilha
Jurema Branca é Presidente do STTR de Forquilha, natural da comunidade Caiçara-Cajazeiras	-	Forquilha
Juazeiro é agricultor, morador do Assentamento Pocinhos, Sócio e ex-coordenador da Casa de Sementes São José	Assentamento Pocinhos	Forquilha
Umbuzeiro é um dos mais antigos moradores do Assentamento Pocinhos, é agricultor e Sócio da Casa de Sementes	Assentamento Pocinhos	Forquilha
Sabiá é dona de casa e agricultora, moradora do Assentamento Pocinhos	Assentamento Pocinhos	Forquilha
Umburana é agricultora familiar da Comunidade Camará em Santana do Acaraú e Sócia da Casa de Sementes Águas de Março	Camará	Santana do Acaraú
Cumarú é Agricultor, Presidente do STTR de Santana do Acaraú, Sócio e Coordenador da Casa de Sementes de Barro Preto	Barro Preto	Santana do Acaraú
Carnaúba é agricultora, Secretária de Mulheres do STTR de Massapê, integrante da RIS Sobral e Sócia da Casa de Sementes Estevão Nascimento, e Coordenadora da RIS regional	Bairro Bandeira Branca	Massapê
Mulungu é agricultor, Secretário do STTR de Massapê, Sócio da Casa de Sementes São Damião, Coordenador da RIS municipal de Massapê e da RIS regional	Riacho Fundo	Massapê
Janaguba é agricultora, aposentada, Sócia da Casa de Sementes Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, integrante da coordenação da RIS municipal de Bela Cruz e da RIS regional	Assentamento Leite	Bela Cruz

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Outra observação importante é que, para uma abordagem mais ética da pesquisa, opto por utilizar pseudônimos ao me referir aos interlocutores desta pesquisa. A aposta metodológica neste caso oculta o nome dos sujeitos por dois motivos, conforme apontam Monteiro, Raimundo e Martins (2019): o primeiro, em função da intimidade dos interlocutores que são retratados na pesquisa, e segundo, por proteção do próprio pesquisador.

Dito isto, trago uma terceira dimensão que se torna muito simbólica, com relação à escolha dos pseudônimos. Os nomes foram escolhidos por cada entrevistado/a em um momento

posterior de reflexão sobre a utilização ou não dos nomes verdadeiros, e nessa escolha, é possível perceber como seu direcionamento ganha uma dimensão de vínculo coletivo alimentado por afetos, os quais constituem corpos dotados de histórias que se integram com aspectos particulares da vida de cada sujeito e, nesse caso mais específico, o campo, a agricultura e as sementes, ao utilizarem nomes de plantas nativas de cada lugar, remetendo ao espaço em que vivem. Além das pessoas destacadas no quadro, também tive diálogos informais e coletivos com a comunidade e o público da Festa. Esses detalhes estão presentes ao longo do texto, ainda que algumas destas pessoas não sejam citadas diretamente.

Combinada à perspectiva etnográfica, esta pesquisa também se utilizou de entrevistas semiestruturadas com atores-chave, e o caminho até essas pessoas foi sendo construído mediante as narrativas que me conduziam até as pessoas que iam sendo citadas durante os diálogos. Ao longo deste percurso, eu ia percebendo novas oportunidades para a pesquisa. As narrativas aqui constituem uma forma de interpretação da experiência individual e coletiva como veículo de sentido, e o fluxo conjunto das narrativas ganha uma dimensão que fala de suas experiências e de seus sentidos sociais.

Apesar de já ter contato com a RIS Sobral, estive em campo pela primeira vez, como pesquisadora do Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia, no período de julho de 2022, em uma estadia que durou 7 dias no Assentamento Pocinhos, com o interesse de acompanhar os preparativos da Festa da Colheita, mas também de conhecer mais sobre a comunidade e os/as camponeses/as que integrariam a pesquisa.

A ida a campo no mês de julho foi intencional, pois os meses de junho e julho são especiais, uma vez que envolvem o período de colheita, no final da quadra invernos. É também o período em que ocorrem as festas da colheita nas comunidades, municípios e também a festa microrregional, juntamente com um momento de formação que ocorre durante três dias. Para estabelecer um itinerário da pesquisa, contei com **Ipê Roxo**, articuladora da RIS em Forquilha. A receptividade que tive na comunidade e as amizades que foram tecidas durante o encontro e a Festa também me permitiram contato por aplicativos de celular, por onde eu também dialoguei posteriormente sobre como estavam as coisas na RIS Sobral e sobre as próximas Festas.

Posso afirmar que a construção desta pesquisa se deu a partir de uma composição gradual que está associada ao campo, aos encontros com os/as camponeses/as, aprendizados, discussões teóricas e metodológicas. Conforme Diniz (2013), é preciso que o pesquisador se encontre com sua pesquisa, e foi nessa caminhada que busquei encontrar meus métodos de pesquisa, foi me arriscando tecer Antropologia que aprendi realmente a fazê-la.

De modo geral, os materiais que utilizo como fonte para análise são: a bibliografia dos estudos de festas, rituais e campesinato; fontes orais concedidas em diálogos informais e entrevistas semiestruturadas; os diários de campo; a bibliografia documental disponibilizada pela Cáritas de Sobral, Esplar e RIS; além da consulta a trabalhos acadêmicos com perspectivas semelhantes à área desta pesquisa.

1.2 Como as Sementes foram germinando: categorias e conceitos

Ao longo da escrita, tomo como referência algumas categorias e conceitos que ganham sentido ao longo do texto. Explicito que partem do que acredito, de meus posicionamentos políticos no fazer ciência, mas também a partir da observação das singularidades do campo.

Inicialmente, gostaria de explicitar porque tomo como base o termo “Camponês” para me reportar aos/às interlocutores/as desta pesquisa, embora eles e elas enxerguem-se enquanto “Agricultores Familiares”, pois para eles/elas é o que dá sentido ao que fazem. Muitas vezes, os dois conceitos são tratados como iguais, porém tratam de realidades distintas e de forças políticas diferentes.

Aqui, não pretendo fazer uma análise da gênese do campesinato e sua reprodução no Brasil, mas destacar a pertinência e a atualidade política do campesinato, afinal, há uma revalorização da categoria “camponês” e “campesinato” na atualidade (Wanderley, 2014).

Ao compreender os atores desta pesquisa como camponeses e não como agricultores, quero destacar, assim como Woortmann e Woortmann (1997), os modos de vida e produção camponesa abordando sua organização, saberes e simbologias em torno dessa articulação que se organiza com outros espaços e, respeitosamente, com a natureza, que lhes permite a produção do seu sustento:

O camponês deve ser percebido como agente ativo da sua reprodução socioeconômica, capaz de desenvolver estratégias (usos alternativos de recursos e insumos, internalização dos supostos da produção etc.) pelas quais se opõe e manipula o sistema envolvente que o subordina (Woortman; Woortman, 1997, p. 2).

O conceito de “agricultor familiar” aborda uma discussão recente que surge para que o sujeito camponês se insira de forma determinante no campo de produção capitalista, principalmente para utilização das novas tecnologias desenvolvidas no período de revolução verde. Aqui, minha intenção não é desmerecer os agricultores familiares, mas clarificar que este

se insere diretamente na onda capitalista, a partir do seu trabalho, como afirma Lima (2017, p. 6):

A agricultura familiar facilita o desenvolvimento do capitalismo no campo, no qual o pequeno agricultor passa a atender as demandas do mercado transformando sua unidade de produção, que estava baseada nas necessidades da família, para atender ao capital, distanciando o pequeno produtor da compreensão da terra como condição de vida.

Fernandes (2000) destaca que o produtor familiar que está totalmente integrado ao mercado capitalista e se utiliza de recursos técnicos não é um camponês, mas sim um agricultor familiar. Desse modo, toda agricultura camponesa é familiar, mas nem toda agricultura familiar é camponesa e, portanto, nem todo camponês é um agricultor familiar.

Para Rosa (2017, p. 31), o campesinato envolve valores centrais como trabalho, família e terra, além disso, envolve relações de reciprocidade local que se expressa na vida cotidiana:

De modo geral podemos dizer que o campesinato envolve uma maneira de organizar-se em torno de valores centrais, como o trabalho, a família e a terra. Os vínculos de solidariedade e a convivência comunitária baseada em relações de reciprocidade são aspectos frequentes. O campesinato envolve o sentimento de pertencimento a um local, aspecto ligado à relação que se estabelece com a terra, que é concebida como lugar de vida e de trabalho, patrimônio familiar que não visa apenas à reprodução material. Estes valores e a maneira pela qual eles se expressam na vida cotidiana apresentam-se de maneira singular no modo de vida camponês. Com isso queremos dizer que não se deve buscar definir o campesinato conformando-o em um modelo homogêneo e idealizado do que possa vir a caracterizar essa classe.

Um dos fatores que contribui para que os camponeses da região de Sobral, assim como de outros territórios, tomarem o termo Agricultor Familiar como identidade coletiva, também se relaciona ao mecanismo por onde se organizam através dos sindicatos via Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares (CONTAG).

Picolotto (2009) afirma que, no Brasil até o séc. XX, não existia uma categoria clara para definir os trabalhadores do campo. Foi somente em 1950 que o Partido Comunista Brasileiro instituiu o termo político Camponês, buscando articulá-los em nível nacional (Martins, 1981) e distinguir vários segmentos. Antes, os trabalhadores que hoje são concebidos como camponeses recebiam denominações próprias, que variavam de acordo com cada região, como o caipira nas regiões de São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Paraná e Mato Grosso do Sul, ou o tabaréu no Nordeste.

O mesmo acontecia com os hoje chamados latifundiários, que eram os estancieiros no Sul do país; os fazendeiros em São Paulo, Rio de Janeiro, Goiás, Minas Gerais e Paraná; os

senhores de engenho no Nordeste; e os seringalistas do Norte. Portanto, o conceito de camponês designa, sobretudo, o seu lugar social, é uma palavra política e que expressa a unidade das lutas camponesas.

A estruturação do sindicalismo rural brasileiro aconteceu em 1960, e três anos depois, a CONTAG foi constituída como órgão máximo dos sindicatos rurais brasileiros. O fato é que, com a institucionalização da CONTAG, o sujeito Camponês tornou-se objeto de políticas que antes não os incluía, uma vez que este, tido como pequeno produtor, estava sempre à margem dos setores de exportação. Com isto, as políticas estatais que visavam o ‘setor agrícola’ passaram a inclui-los, trazendo mudanças significativas no trabalho camponês.

O termo Agricultura Familiar foi tomado como referência para a CONTAG no período de 1990, após a reformulação do seu projeto político como forma de unificar as bases sindicais rurais. Foi por meio deste termo que se aproximaram da máquina estatal, que passou a reconhecer o trabalho da agricultura familiar como um projeto econômico viável, apresentando uma inevitável evolução para o agronegócio no contexto da agricultura industrializada e de transgenia¹⁵. Portanto, saliento que o trabalho do camponês é um trabalho independente, não vende seu trabalho e sim os frutos que, segundo Silva (2020), nasce como propriedade sua e não capitalista.

Paralela à toda essa movimentação no Brasil, constituiu-se em 1992 a Via Campesina¹⁶, que é uma articulação mundial que reúne movimentos, camponeses e trabalhadores rurais por onde o termo “Camponês” tem tomado força. A organização surge com a urgência de uma proposta contrária ao modelo neoliberalista vigente, que se consolidou nos anos 1980, quando, na opinião de Ribeiro e Sobreiro Filho (2012), houve crescente mercantilização e internacionalização da agricultura. Com isto, a Via Campesina surge como uma via alternativa para os camponeses que inclui o trabalho familiar, a agroecologia, a preservação da biodiversidade, a soberania alimentar, a garantia de direitos e a permanência no campo.

¹⁵ A agricultura de transgenia se utiliza de recursos científicos da biologia molecular e da engenharia genética para fazer mudanças em laboratórios no núcleo vivo das plantas e dos animais (gene), criando plantas e animais com características que não existem na natureza. Görgen (2004) afirma que a agricultura de transgenia ganhou força na terceira fase da revolução verde, em busca de produção de grande escala, por meio do “melhoramento genético” e resistência a alguma praga.

¹⁶ Articulação mundial dos movimentos camponeses que tem entre seus objetivos: a construção de relações de solidariedade, reconhecendo a diversidade do campesinato no mundo; a construção de um modelo de desenvolvimento da agricultura que garanta a soberania alimentar, como direito dos povos de definir suas próprias políticas agrícolas; e a preservação do meio ambiente, com a proteção da biodiversidade. No Brasil, é formada por um conjunto de movimentos que inclui: Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM), Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), Comissão Pastoral da Terra (CPT), Pastoral da Juventude do Meio Rural (PJMP) e a Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil (FEAB).

Görge (2004) afirma que a história da agricultura brasileira está marcada pela luta entre dois modelos: o de propriedade, produção, agroindustrialização, pesquisa, assistência técnica, apropriação da natureza e de modelos tecnológicos. Contrapondo-se a isto, a agricultura camponesa tem resistido bravamente ao longo dos anos, tecendo a história brasileira a partir de sua produção em pequenas áreas com trabalho familiar, sempre buscando autonomia dos pacotes tecnológicos e produzindo para o mercado local, interno, em um sistema integrado de policultivos¹⁷.

Atualmente, as lutas camponesas têm reivindicado a soberania alimentar, a proteção do meio ambiente e, de forma subjacente, a defesa de seus territórios. Vieira (2019) afirma ser uma luta que não se resume à conquista da terra como meio de produção, mas a terra como espaço de autogoverno, uma luta por autonomia que “anuncia iminentes vendavais libertários” (Vergés, 2011, p. 78). É uma luta para atribuir sentido à terra, a partir da existência e da resistência, mas, sobretudo, de re-existência, pois se reinventam ante as circunstâncias.

Após as implicações descritas acima, acredito que o debate sobre campesinato continua aceso para compreender a realidade agrária brasileira, e ao trazê-lo nesta pesquisa, penso retomá-lo no espaço acadêmico. O conceito de Camponês e a dimensão do campesinato implica uma análise histórica e reflexões de cunho sócio-político e cultural. Está relacionado à luta pela terra e à predominância de valores camponeses que dão sentido às suas lutas e suas organizações políticas, estabelecidas no campo ao longo da história. Portanto, conforme Peirano (2008), ao afirmar que a etnografia é a teoria vivida, constatei em campo que os sujeitos desta pesquisa são, antes de qualquer outra denominação, camponeses/as que desenvolvem um estilo próprio, pois, por onde produzem para seu sustento, preservam culturas, saberes e tradições através das Casas de Sementes que têm o cuidado e preservação das Sementes Crioulas, perpassando por gerações a partir de experimentações e observações empíricas de seus antepassados.

Conforme Derli Casalli (Pilon *et al.*, 2019), além do acesso à terra e água, são necessários outros elementos para que a família camponesa possa produzir: Soberania Genética (sementes, raças e mudas crioulas); e Soberania Cultural (acesso ao conhecimento e afirmação da identidade cultural). Nesse sentido, as Sementes Crioulas cumprem o papel importante de dar autonomia às famílias camponesas, já que são variedades genéticas diversificadas e adaptadas aos diferentes ambientes e regiões onde se localizam. Essas Sementes são o resultado de seleção natural e da prática de camponeses, ao longo de gerações, por onde desenvolveram

¹⁷ Refere-se à prática de cultivar várias espécies de plantas em um mesmo ambiente. Na agricultura camponesa, isso é muito comum nos quintais agroecológicos das unidades familiares. É uma alternativa de produção e contrapõe-se ao modelo monocultor do agronegócio.

fortes mecanismos para suportar condições específicas de solo, clima e doenças. Ao contrário das sementes comerciais, que são produzidas em grande escala e geralmente possuem uma variedade genética limitada, as Sementes Crioulas oferecem uma maior diversidade genética e podem ajudar a preservar a biodiversidade. Além disso, são mais resistentes a pragas e doenças. Também têm um papel importante na soberania alimentar, uma vez que permitem que as comunidades camponesas produzam sua própria comida, além de promover uma agricultura sustentável, fortalecendo as comunidades locais e sua autonomia alimentar.

Conforme Teixeira(2020), para os camponeses, uma Semente Crioula engloba vários significados e são, antes de tudo, resistência. Por conseguinte, são sementes cuidadas, preservadas e conservadas ao longo do tempo, são aquelas que passaram entre gerações de avô, de pai para filho e que vêm sendo multiplicadas por eles e têm alimentado e continuam alimentado suas famílias, permitindo uma boa produção na roça, pois são sementes fortes e, se tratando de ser Crioula, “já sabe que é boa”.

Para eles, as Sementes Crioulas estão ligadas enquanto pureza no sentido de não haver nenhuma contaminação por química e/ou nenhuma manipulação genética. E isso inclui as sementes animais (Teixeira, 2020) pois, na visão dos camponeses, os animais também devem ser considerados sementes, e isso se dá em função da significação criada por eles no intuito de também preservá-los, pois, assim como sementes crioulas, os animais também podem desaparecer. E, mesmo não sendo armazenados em garrafas de um ano para o outro, os animais também são memórias, culturas e significações. Há um apego e uma relação de afeto¹⁸ com esses animais que, assim como as sementes, perpassam gerações familiares e vêm sendo reproduzidos, cuidados e preservados. São também raças adaptadas ao clima semiárido, que foram tomando resistência, assim como as Sementes Crioulas.

Em campo, as espécies destacadas pelos interlocutores geralmente abarcam galinha caipira conhecida como galinha “pé seco”, caprinos, suínos, geralmente chamados de “porco crioulo” ou “porco preto”, até bovinas chamadas de “gado pé duro”. A expressão “pé duro” para se referir aos animais denota um simbolismo de resistência desses animais e a capacidade de sobrevivência em condições semiáridas.

Dito isto, não poderia deixar de tratar sobre o conceito de “Agroecologia”, pois as práticas agroecológicas concretizam-se como umas práxis da agricultura camponesa

¹⁸ É importante destacar que o tipo de afeto com os animais presente nessas comunidades não é o afeto recentemente despertado pela classe média urbana, entre humanos e seus animais de estimação. É um afeto pela linhagem e um reconhecimento da importância deste animal para a sobrevivência do homem.

diferenciada, na qual há mais autonomia decisória por parte da família, manejo ecológico na produção, valorização do conhecimento do agricultor e da sua cultura historicamente construída. Ainda assim, é importante salientar que nem todo agricultor camponês produz com base na agroecologia.

Segundo Altieri (2012), o conceito de “Agroecologia” data dos anos 1970, mas cuja ciência e prática têm a idade da própria agricultura. A literatura histórica documenta que, ao explorarem culturas indígenas, muitos sistemas desenvolvidos localmente incorporaram a Agroecologia em suas rotinas e organizações sociais, no intuito de proteger suas culturas contra as intempéries do ambiente natural e contra predadores.

Altieri (2012) destaca ainda que, historicamente, o manejo agrícola incluía rica simbologia e sistemas rituais que frequentemente serviam para regular as práticas de uso da terra. Porém, com a emergência de culturas de retorno imediato e a crescente pressão em itens particulares para exportação, as estratégias de uso da terra, que foram desenvolvidas em milênios para reduzir os riscos na agricultura e manter a base de recursos, foram desestabilizadas.

O termo agroecologia pode significar muitas coisas. Superficialmente definida, a Agroecologia, geralmente, incorpora as ideias mais ambientais e de sentimento social acerca da agricultura, focando não somente a produção, mas também a sustentabilidade ecológica dos sistemas de produção. Já Gliessman (2000) afirma que a agroecologia proporciona o conhecimento e a metodologia necessária para desenvolver uma agricultura ambientalmente consistente, altamente produtiva e economicamente viável. E isso se dá porque ela valoriza o conhecimento local e empírico dos camponeses e a socialização coletiva destes conhecimentos, e sua aplicação aos objetivos da comunidade, levando a caminhos mais sustentáveis.

Deste modo, o camponês agroecológico é um sujeito social, histórico que trabalha e vive sob princípios sociais específicos e vinculados à relação cotidiana que mantém com a terra. Na RIS Sobral, a caminhada para a construção de sustentabilidade no campo vem sendo feita a partir das Sementes Crioulas, por meio do resgate, multiplicação e melhoramento genético baseado nas condições locais e observação camponesa. Tem todos os seus princípios orientados sobre a base da agroecologia, valorizando os saberes e a produção. A Rede até já dotou um Manual de Gestão e Organização¹⁹ que orienta ações dos participantes, segundo as bases da agroecologia, por onde já se tem notado novas formas de manejo e plantio.

¹⁹ Situo o leitor mais à frente sobre isso.

2 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DA PESQUISA

Neste tópico, situo o leitor a respeito do campo onde a pesquisa ocorreu. Primeiramente, o contexto da Rede de Intercâmbio de Sementes que, de forma mais abrangente, também se constitui como campo desta pesquisa, pois é através dela que a Festa acontece e, portanto, a importância de contextualizar o que é a Rede, de que forma se constitui, como se organiza e qual o sentido da RIS Sobral para camponeses da microrregião norte.

Posteriormente e de forma mais localizada, aproximo o leitor do recorte empírico da pesquisa, o Assentamento Pocinhos, por onde abordarei questões mais específicas sobre a comunidade, modos de vida e interação social no universo camponês, também pensando a relação entre a família camponesa e seus espaços, por onde tecem distintas formas e relações entre os sujeitos e a natureza.

2.1 A organização política das Casas de Sementes: rede de intercâmbio de sementes

No estado do Ceará, camponeses de vários municípios do Semiárido²⁰ cearense têm construído espaços de armazenamento coletivo denominados Casas de Sementes Comunitárias, que se integram na Rede de Intercâmbio de Sementes (RIS) Ceará, denominada carinhosamente de RIS Sementes da Vida.

A nomenclatura “sementes da vida” para referir-se à Rede de Sementes do Ceará encontra sentido na importância das Sementes Crioulas, reconhecida sobretudo pelas famílias camponesas. Essas Sementes são as que melhor se adaptam a cada região. São de grande relevância devido ao valor nutricional e de adaptabilidade, mas também pelo valor histórico, cultural e social que carregam consigo, mantendo tradições familiares no tocante ao desenvolvimento de conhecimento acerca destas sementes, técnicas de conservação e manejo, fazendo com que as comunidades não estejam submetidas às variações de mercado nem de sementes produzidas em laboratórios que necessitam do uso de agrotóxicos que prejudicam a saúde e o meio ambiente.

Em outro trabalho (Teixeira, 2020), afirmei que a prática organizada de cuidado com as Sementes no Ceará iniciou na Diocese de Crateús, na década de 1970, ainda no período da

²⁰ Segundo o Instituto Nacional do Semiárido (INSA), o Semiárido brasileiro se estende pelos 9 estados da região Nordeste e também pelo norte de Minas Gerais. Ocupa 12% do território nacional e abriga cerca de 28 milhões de habitantes divididos entre zonas urbanas (62%) e rurais (38%). O Ceará tem 93% do seu território denominado Semiárido.

ditadura militar, por meio do movimento das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), Comissão Pastoral da Terra (CPT), Igreja Católica e o Centro de Pesquisa e Assessoria (ESPLAR). A criação das Casas de Sementes busca solucionar um problema coletivo e histórico relacionado à perda da biodiversidade e, ao mesmo tempo, trouxe o debate e a necessidade da organização camponesa ter acesso à terra e a políticas públicas. Durante a atuação do Esplar, que prestava assistência técnica aos camponeses no período que compreende de 1990 a 1992, ainda no Sertão de Crateús, a RIS Ceará se constituiu por meio de reuniões e articulações de encontros estaduais.

Atualmente, a RIS Estadual como instância está em processo de retomada no estado, apenas as RIS Regionais encontram-se em funcionamento, totalizando, no estado, 7 Redes de Sementes em diferentes territórios, sendo: RIS Ibiapaba, RIS Centro Sul, RIS Cariri, RIS Inhamuns, RIS Três Climas, RIS Vale do Jaguaribe e a RIS Sobral, onde realizei esta pesquisa. Estas Redes, segundo Lopes (2022), estão presentes em 50 municípios do Ceará, 231 Casas de Sementes, que juntam mais de 5 mil camponeses/as sócios e sócias.

Em Sobral, o primeiro registro de Casas de Sementes data de 1983, na Comunidade Bulandeira, no município de Santana do Acaraú, e por meio de uma parceria da Cáritas Diocesana de Sobral, o Movimento de Educação de Base (MEB) e o Dia do Senhor²¹, com recursos da Oxfam Brasil²². Inicialmente, não havia um espaço exclusivo para armazenar Sementes, mas um camponês da comunidade cedeu solidariamente um quarto de sua casa.

O espaço funcionou algum tempo, mas devido à seca²³ e a fragilidade da gestão, foi desativada. Somente em 1998 foi reativada, em uma parceria da Cáritas de Sobral, Esplar e Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santana do Acaraú, envolvendo cerca de 83 sócios/as (47 mulheres e 36 homens).

Explicito em outro trabalho (Teixeira, 2020) que, com a criação de novas Casas de Sementes, a RIS Sobral foi consolidada anos depois. Somente no ano 2011 ocorreu o primeiro

²¹ O Movimento de Educação de Base (MEB), constituído em acordo firmado em março de 1961 entre Governo Federal e Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), com objetivo de alfabetização da população rural por meio de aulas radiofônicas por emissoras católicas em todo o país. Paralelo a isto, surge também o movimento “Dia do Senhor” (Meb e o Dia do Senhor), que surgiu na Diocese de Sobral em 1965, no contexto de Ditadura Militar. Os movimentos eram espaços de evangelização, educação, promoção humana, mas, principalmente, espaços de organização popular, luta social e conquista da palavra, por onde dialogavam sobre estratégias de resistência no campo, pela libertação das amarras do patrão, por terra e condições dignas no campo.

²² A Oxfam Brasil é uma organização da sociedade sem fins lucrativos. Faz parte de uma rede global que tem 21 membros e opera em 87 países pelo mundo, por meio de campanhas, programas e ajuda humanitária, e atua em 4 áreas temáticas: Justiça Rural e Desenvolvimento; Justiça Social e Econômica; Justiça Racial e de Gênero; e Justiça Climática e Amazônia. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/>.

²³ Para Lopes (2020), devido à seca ocorrida no período de 1980 a 1983, as sementes foram utilizadas para alimentação, mas também por impossibilidade de multiplicação das sementes, devido à falta de chuvas.

encontro da RIS Sobral, na Comunidade Pé da Serra das Contendas, em Massapê. Foi neste espaço onde os camponeses integrantes das Casas de Sementes discutiram sobre a importância das Sementes Crioulas para o campesinato, na microrregião norte de Sobral, e da oficialização da Rede de Intercâmbio de Sementes como um espaço importante de articulação e mobilização das Casas de Sementes.

Além disso, a Festa da Colheita também foi pauta para os debates, no sentido de ser um espaço de celebração da colheita e fortalecimento da cultura camponesa. Como no Nordeste e no Ceará já é costume muitas festas durante o mês junho (quadrilhas, casamento matuto, comidas típicas etc.), os camponeses/as planejaram e concretizaram uma festa com o objetivo de comemorar a colheita com um ritual de ação de graças, muita música popular, danças e uma diversidade de comidas típicas que demonstra o grande potencial e riqueza cultural abrigadas nas comunidades camponesas.

No ano de 2015, com a chegada do Programa Ecoforte, a RIS Sobral teve mais apoio e fomento para iniciativas agroecológicas que foram essenciais para a consolidação da RIS Sobral. Ao mesmo tempo que em Sobral as Casas de Sementes tiveram grande amplitude e notoriedade, outras regiões do estado, articuladas pelas Cáritas Diocesanas, tomaram as Casas de Sementes como política de convivência com o Semiárido, dando impulso à implementação e retomada destas tecnologias em outras regiões do estado.

Ainda em 2015, foi realizado no Assentamento Morgado em Massapê, por meio do Programa Ecoforte, um encontro de planejamento da RIS Sobral que contou com a participação de várias instituições parceiras, tais como Esplar, Cáritas Diocesanas de Tianguá, Itapipoca, Iguatu e Região Jaguaribana, onde dialogaram sobre a unificação da nomenclatura Sementes da Vida enquanto articulação em nível estadual, tomando como base a experiência de sementes já realizada na Paraíba, que se denominava de Sementes da Paixão.

Sementes da Vida é uma forma afetuosa de reconhecer, segundo e nas palavras dos camponeses, que as sementes são *vida, crescimento, multiplicação, renovação de esperanças, revolução, união, transformação de vidas, lutas e resistências*. É, de fato, a teimosia dos camponeses em se organizar e fazer a agricultura acontecer de um jeito diferente, se contrapondo ao modelo de sociedade capitalista.

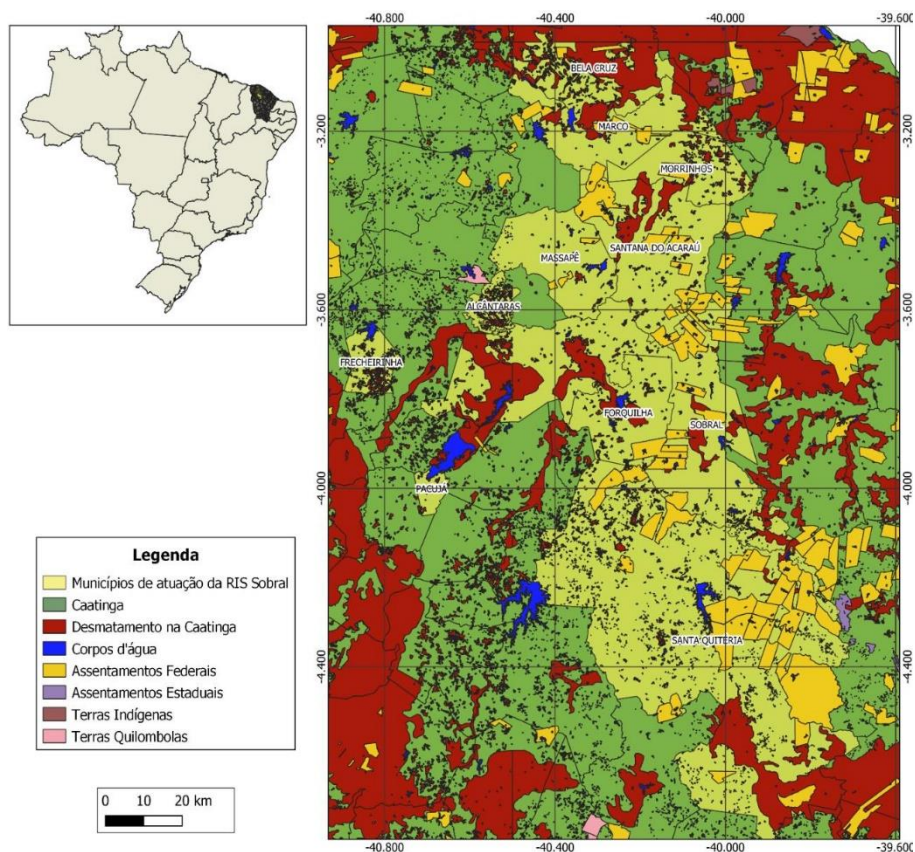
Em sua composição e mobilização, a RIS Sobral se articula e se apoia em outras instituições, como os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais de cada região e municípios que têm um papel fundamental de animação, ou seja, formação e manutenção do trabalho com as

sementes fazendo um acompanhamento próximo e sistemático, juntamente com as coordenações locais (Comunitárias) e municipais das Casas de Sementes.

Além destes, soma-se ao movimento ONGs como Centro de Pesquisa e Assessoria (Cetra), Cáritas Diocesanas, Federação dos Trabalhadores Rurais, Agricultores e Agricultoras (FETRAECE), Cooperativas de Produtores e Produtoras, Associações Comunitárias, Camponeses, Quilombolas e Assentados de Reforma Agrária. A Rede também se articula com o Fórum Cearense pela Vida do Semiárido (FCVS), Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA), Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) e o Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES).

Embora existam outras Redes de Sementes no estado, a RIS Sobral tem ganhado grande notoriedade pela dimensão que ocupa. A partir de atualizações e dados concretos, a RIS Sobral está presente em 11 municípios (Sobral, Santana do Acaraú, Morrinhos, Massapê, Forquilha, Bela Cruz, Marco, Pacujá, Frecheirinha, Alcântaras e Santa Quitéria) que compõem a microrregião de Sobral, 92 comunidades, reunindo cerca de 2.887 (sócios/as) camponeses/as, entre homens, mulheres e jovens.

Figura 1 - Localização geográfica dos municípios e área da atuação da RIS Sobral



Fonte: Lopes (2022).

Mesmo tendo várias formas e usos, as Casas de Sementes são estruturas que têm prioritariamente o objetivo de armazenar Sementes. São assim definidas, primeiro, porque, geralmente, a casa tem um simbolismo afetivo para os camponeses, representa antes de tudo um espaço onde a família se reúne; a casa, o lar, o abrigo e a estrutura se assemelham mesmo à planta arquitetônica de uma casa, com paredes, portas, janelas e uma sala ampla onde as sementes são armazenadas.

Para integrantes da RIS Sobral, a Casa de Sementes é um espaço muito importante, o qual não apenas preserva sementes, mas também contribui para o plantio na hora certa com Sementes em quantidade e qualidade, já que muitos relatam insatisfação com o Programa Hora de Plantar²⁴, do Governo do Estado, conforme explicita dona **Janaguba** do Assentamento Leite, Bela Cruz - CE:

“Uma coisa também que eu considero pela importância das Casas de Sementes, você ter semente de qualidade na hora certa pra plantar, não ter dependência do governo, e a gente já teve momentos aí antes que [...] a nossa região é delicada né? Horas chove muito, horas não chove, a gente chegou a perder safra esperando a semente pra plantar. E se você tem uma casa de sementes isso não vai acontecer. Porque agora a gente planta na hora que a gente acha que é hora de plantar, porque a chuva chegou e isso ajuda na segurança alimentar né? Você vai ter alimento porque você plantou e as Casas de Sementes tem contribuído muito pra questão do agroecológico, é uma experiência realmente importante que deve ser fortalecida cada vez mais e ampliada” (Entrevista realizada em julho de 2022, Festa da Colheita - Assentamento Pocinhos).

O acesso às sementes armazenadas nas Casas acontece, geralmente, nos primeiros meses da quadra invernososa (dezembro e janeiro). Importante lembrar que a Casa nunca entrega toda a variedade de uma semente, temendo que poderá vir uma seca e não poder produzir outras sementes. As sementes mais acessadas variam entre variedades de feijão, milho, jerimum, melancia e pepino. A reposição de sementes acontece após a colheita, entre os meses de julho e agosto, após a estocagem dos grãos²⁵ que serão destinados para alimentação da família e dos animais. Em seguida, as Sementes já selecionadas são destinadas para a Casa, de forma que no próximo ano estejam novamente disponíveis para acesso.

²⁴ Teixeira (2020) afirma que o Programa Hora de Plantar (PHP) é uma política de distribuição subsidiada de sementes híbridas (modificadas geneticamente), do Governo do Estado do Ceará, que teve início por volta de 1987. Outro fator de importante reflexão dentro do programa é que somente podem ter acesso a sementes camponeses que tenham o Documento de Aptidão ao Pronaf (DAP), para a inscrição no programa, que é o que lhe dá a condição de agricultor, uma vez que, dentro da lógica dos grandes pacotes tecnológicos, a classificação dos camponeses não é reconhecida.

²⁵ No entendimento de meus interlocutores, a noção de grãos se refere àquilo que será destinado à alimentação das pessoas ou dos animais.

É necessário explicitar que o espaço da Casa de Sementes não é utilizado somente para armazenamento das Sementes, mas também como espaço de encontros e reuniões da comunidade, à exemplo de reuniões da associação e, até mesmo dos próprios integrantes da Casa de Sementes, que se organizam internamente para gestão do espaço coletivo por onde comumente fazem debates pertinentes à vida em comunidade ao cotidiano das famílias, onde traçam suas resistências no campo, dialogam sobre as lutas por terra, água etc.

Algumas destas estruturas são construídas apenas para a finalidade de armazenar sementes, outras já existem na comunidade, como no caso de assentamentos, ou são implantadas em um espaço cedido na casa de algum camponês. A grande maioria se localiza em comunidades camponesas e, com raríssimas exceções, nos bairros.

Para Lopes (2022)²⁶, a existência das Casas pode ser lida como coletiva, tanto pelos processos que acontecem em cada uma, quanto pelo espaço organizativo do qual são parte. A RIS Ceará atua numa espécie de retroalimentação na qual as Casas fortalecem a Rede e vice-versa. Nesse sentido, é indispensável afirmar que houve um esforço por parte dos camponeses em se associarem a pessoas com as quais partilhavam dos mesmos interesses, de modo a criar demandas e planos de ações coletivas.

Ao analisar a conformação da RIS Sobral ao longo do tempo, foi possível identificar uma espécie de irradiação da Rede. Isso se dá pela compreensão que o agir em rede contribui para a construção de conexões entre as experiências. As redes regionais vão, ao longo do tempo, constituindo vitalidades em conexão com os fazeres cotidianos mobilizados pelos camponeses, no âmbito do armazenamento coletivo. A pertença a uma rede ou a várias é processual e acontece orientada, sobretudo, pelas ações realizadas em torno do cuidar e preservar as sementes.

No tocante à sua estrutura orgânica, a RIS funciona em três instâncias complementares: Comunitária, Municipal e Regional. Na comunitária, a gestão é feita por meio de sócios e sócias da comunidade que assumem distintos papéis, como o de coordenação, que é responsável por animar a participação dos camponeses associados, coordenar reuniões e monitorar o funcionamento da Casa de Sementes.

²⁶ Ao longo deste capítulo, por onde descrevo o campo onde essa pesquisa acontece, utilizo bastante a referência de Helena Rodrigues Lopes, Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Helena pesquisa a ecologia das Casas de Sementes e, sem dúvida, seu trabalho foi essencial tanto para subsídio bibliográfico para meu trabalho de campo, quanto para nortear quais os próximos passos eu daria para compreender a reconstituir a história da RIS Ceará, uma vez que não há muitos estudos sobre a Rede.

O Secretário auxiliará a coordenação, mas também será responsável pela papelada²⁷ burocrática da Casa de Sementes; o Tesoureiro é responsável pela gestão e organização da contribuição mensal²⁸ dos associados; e o Seleccionador de sementes assume um papel importantíssimo, que é revisar as sementes levadas pelos/as sócios/as durante o período de devolução. Este garantirá que as sementes estejam em boa qualidade, selecionadas e bem armazenadas e, muitas vezes, chega a fazer outra seleção para garantir a melhor qualidade possível da Semente para o ano seguinte. “*A gente escolhe as melhores sementes de cada espiga, ou baja*”, assim me ensinou **Umbuzeiro**, durante o trabalho de campo.

Em outro trabalho (Teixeira, 2020), afirmei que as instâncias municipais são criadas quando um município apresenta mais de três Casas de Sementes, e nesses casos, as coordenações comunitárias de cada município juntas monitoram a situação das Casas, e dialogam com as instituições parceiras integrantes da RIS. Quando as RIS municipais estão articuladas, há, frequentemente, uma dinâmica de reuniões onde planejam as Festas da Colheita comunitárias e municipais, cursos e oficinas com o tema das Sementes e ações coletivas, sejam em comunidades específicas do município ou ações em rede municipal.

A instância regional reúne uma representação de cada município que planejará conjuntamente as ações da RIS para todo o território, incluindo capacitações, encontros de avaliação da articulação durante o ano, atualizações de dados e realização das Festas da Colheita que acontecem no período de maio a julho de cada ano. Sobre isso, em diálogo com **Cumarú**, ele afirmou o seguinte:

“Festa de colheita é importantíssima, eu sempre falo na comunidade que as comunitárias a gente convida toda a comunidade e não só os associados da casa, a gente envolve todo mundo, os jovens, os professores a igreja (...) é um processo educativo também. E nós trabalha três coisas: um pouco da nossa cultura de agradecer né? De celebrar nossa fé, fazer um pouco de partilha, demonstrar e degustar um pouco dos nossos alimentos do que a gente consegue produzir e fazer um resgate das nossas culturas antigas, as brincadeiras que muitos jovens até não conhecem. E cada Casa faz diferente, mas a gente considera que se cada Casa de Semente fizer com esses três pontos já fez uma festa de colheita ótima. Na festa municipal da mesma forma, convida todas as casas de sementes, não dá pra fazer uma coisa bem ampla mas a gente já começa a fazer a parte de formação, certo? Fazemos também as três coisas: momento celebrativo, agradecimento, partilha e cultural. E regional no mesmo sentido que embora não dê pra fazer chamando todo mundo, que no caso a gente só chama

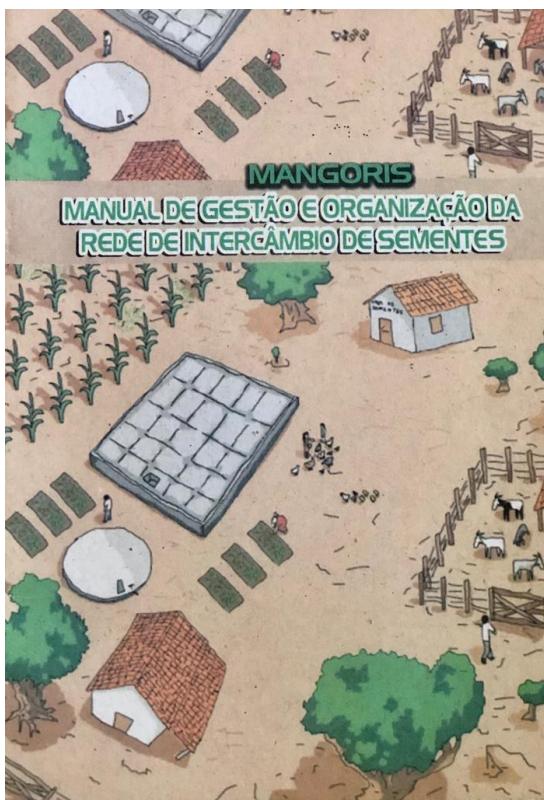
²⁷ É como os/as camponeses/as se referem aos documentos da Casa de Sementes. Logo mais, trato sobre isso.

²⁸ Trata-se do funcionamento financeiro da Rede. A arrecadação de recursos financeiros diz respeito ao funcionamento autônomo da RIS e das Casas de Sementes. A estratégia de sustentabilidade baseia-se na contribuição mensal de cada sócio/a das Casas que, atualmente, é de R\$ 1,00. Dos recursos arrecadados, 58% se destinam às Casas de Sementes, 25% para as RIS municipais e 17% para a RIS microrregional. Esse recurso é o que possibilita a participação dos/as sócios/as em intercâmbios, deslocamento dos/as coordenadores/as para engajamento em atividades diversas, organização das Festas da Colheita e manutenção da estrutura das Casas, mas ainda é um grande desafio.

representações das casas de sementes a gente sempre indica que traga um que tenha conhecimento das ações e traga outro que não tem muito conhecimento que não acredita muito, pra ele vim pra esses momentos e ver que são momentos necessários e gostar. A gente faz esses momentos que necessários também de formação. Na festa regional é onde é a hora que as vezes até próprios coordenadores se formam melhor, se formam e levam muitas informações pra trabalhar na base. É uma forma da gente tá animando todo nosso público, não apenas os nossos público e nossos sócios mas também tem os parceiros as instituições e fica uma coisa grande como está” (Entrevista realizada em julho de 2022 – Festa da Colheita em Pocinhos).

À título de organização interna da Rede a RIS Sobral, há um Manual de Gestão e Organização das Casas de Sementes (MANGORIS) elaborado no ano de 2016, com apoio da Cáritas Diocesana de Sobral, sob direção do Programa Ecoforte, que é consultado pelos sócios e sócias das Casas de Sementes em caso de dúvidas. O documento é uma espécie de regimento onde os integrantes da Rede são convidados a tomar responsabilidades e obrigações compartilhadas entre si.

Figura 2 - Manual de Gestão e Organização da Rede de Intercâmbio de Sementes



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022).

O objetivo principal do MANGORIS é orientar e organizar os camponeses em torno das Casas de Sementes, a partir de linhas políticas e organizativas comuns, buscando estratégias de

mobilização e preservação das Sementes Crioulas no fortalecimento da Agroecologia, que é um dos elementos norteadores da RIS, bem como a soberania alimentar.

Nele, estão 10 eixos que tratam sobre os objetivos; a estrutura orgânica e constitutiva da RIS; a sustentabilidade financeira; a organização das Casas de Sementes; os manejos e produção de alimentos; o funcionamento dos roçados comunitários; as parcerias; Sementes; formações; e a legitimidade do manual como instrumento também político da Rede, e que qualquer decisão sobre este material deve ser definida de forma coletiva.

Todas as Casas de Sementes integrantes da RIS Sobral possuem instrumentos de gestão das Casas. Aqui, especificamente, me refiro aos recibos de entrega e devolução de sementes conforme a Figura 3, e fichas de cadastro de sócios/as que, de modo geral e após longos processos de reflexão junto a órgãos do estado, passaram, finalmente, a serem reconhecidos como comprovação de atividade rural, uma vez que antes, apenas as comprovações de integração nos pacotes governamentais como a DAP (Documento de Aptidão Pronaf) e o Programa Hora de Plantar eram reconhecidos. Para serem reconhecidos como ‘agricultores’, no entendimento dos órgãos estaduais e federais, os camponeses teriam de estar inseridos dentro de tais programas.

Figura 3 - Recibos de Empréstimo e Devolução de Sementes RIS Sobral

RECIBO DE EMPRÉSTIMOS N^o 001

Recebi da Casa de Sementes _____
a quantidade de _____ de sementes de _____
para plantio. Declaro estar ciente do compromisso que tenho de devolver á Casa de Sementes
a quantidade de sementes recebida com um percentual de _____ %
(_____) de acréscimo, logo após a colheita em perfeitas
condições de armazenamento, conforme as normas definidas pelos/as sócios(as).

Por assumir inteira responsabilidade sobre o que acima declaro, assino abaixo:

de _____ de _____

Coordenador(a) da Casa de Sementes Assinatura do Sócio (a)

Representante Legal da Associação ou STTR

Dados do/a Sócio/a da Casa de Sementes
Nome Completo: _____
Documentos: _____
Profissão: _____
Município: _____ Localidade: _____

1^a via casa de sementes - 2^a via sócio (a)

RIS
Sementes da Vida
MUNICÍPIO DE SOBRAL - CE

RECIBO DE DEVOLUÇÃO N° 00351

Recebi do(a) sócio(a) _____
a quantidade de _____ de sementes de _____
referente ao empréstimo por ele(a) feito em ____/____/____, Declaro
estar ciente de que as sementes foram devolvidas com um percentual de _____ %
(_____) de acréscimo, e que as sementes estão em
perfeitas condições de armazenamento, conforme as normas definidas pelo(as) sócio(a)

Por assumir inteira responsabilidade sobre o que acima declaro, assino abaixo:

CASA DE SEMENTES _____
_____ de _____ de _____

Coordenador(a) da Casa de Sementes

Assinatura do Sócio (a)

Fonte: Acervo pessoal da autora (2022).

Lopes (2022) afirma que os camponeses vão criando vínculos com o estado a partir de sua organização nas Casas de Sementes, nos afazeres cotidianos. As Casas que se estabilizam institucionalmente nos recibos, ainda que só por meio de fluxos cotidianos, plantio, colheita, devolução e armazenamento, cobram ao mesmo tempo a responsabilidade de reconhecer aquilo que fazem coletivamente em suas comunidades. O Programa Hora de Plantar, por muito tempo, foi reconhecido pelos camponeses como uma forma de obter a documentação necessária ao acesso à previdência social, e isso indica uma fragilidade da política pública, quando constituída alheia às práticas realizadas pelos camponeses.

Sobre a questão específica das fichas, “papéis” ou “papelada”, como identificam, gostaria de destacar que, embora a Rede possua o Manual (MANGORIS) que trata sobre essas questões organizativas, nem todas as Casas acompanham em seu funcionamento a burocracia institucional presente no cotidiano. Portanto, embora a “papelada” seja importante para os integrantes da RIS Sobral, ela não adentra de forma homogênea este universo, e isto não invalida seu funcionamento. Além disso, também visibiliza que o papel da Casa está para além da “papelada”, e sim no compromisso de cuidar e preservar as sementes. Neste sentido, o campo me oportunizou compreender melhor questões como essa, e perceber as diferentes dinâmicas que regem diferentes grupos na sociedade.

2.2 Contexto empírico: Assentamento Pocinhos (Forquilha - CE)

Esta pesquisa foi desenvolvida no município de Forquilha, no Ceará, na mesorregião noroeste do estado, no semiárido cearense, distante cerca de 198 quilômetros da capital. Forquilha emancipou-se do município de Sobral no ano de 1985, através da Lei de criação nº 11.012 e, atualmente, reúne uma população de 24.073 pessoas.

Dados oficiais do IBGE apontam que sua formação tem conexão direta com a construção do Açude Forquilha, ainda em 1927, localizado atualmente às margens da BR 222. Tal episódio foi responsável por fazer prosperar o povoado em seu entorno, chegando até seu estado de evolução política e emancipação. O topônimo se deve à conjunção de três rios (Madalena, Oficina e Timbaúba) que, juntos, constituem um formato de Forquilha, dando origem ao nome do município.

O Assentamento Pocinhos, que é base para esta pesquisa, se localiza a cerca de 16km da sede do município de Forquilha, situado às margens da CE-257, e distante 230km de Fortaleza. A área que hoje constitui o Assentamento era antes uma fazenda pertencente ao “Coronel Chico Monte”, uma figura política de Sobral e região com registro de passagem na Câmara Municipal de Sobral como vereador, em 1921, e na Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, em 1931, ocupando o cargo de Deputado Estadual e, posteriormente, Federal, em 1945.

Durante minha estadia na comunidade²⁹, entre uma conversa e outra, a história do Assentamento Pocinhos aguçava a criatividade dos moradores, que dividem-se entre duas histórias: a primeira, remete às memórias dos mais antigos moradores com quem pude também dialogar. Para eles/as, o nome Pocinhos está relacionado à criação de porcos pelos antigos patrões, quando relataram a existência de várias pocilgas no local, anteriormente e, portanto, o nome sugestivo deve-se a essa memória. Já na segunda versão, Pocinhos seria uma forma

²⁹ O termo “Comunidade” é muito utilizado pelos atores desta pesquisa, é por meio dele que se referem ao lugar da “morada”, onde vivem em coletividade, incluindo o espaço geográfico e as pessoas que estão distribuídas nesse espaço. Lemos (2009) afirma que o conceito de comunidade evoca várias conotações emotivas, geralmente, utilizada para descrever conjuntos habitacionais, aldeias, vizinhanças e grupos étnicos. A comunidade implica o consenso, um modo associativo de sentir mútuo, é onde se desfruta os bens comuns, os amigos e inimigos em comum, e também a proteção recíproca. É onde, segundo Lemos (2009, p. 203), “As relações que compõem a comunidade são relações de sangue, de lugar e de espírito, derivadas do parentesco, da vizinhança (convivência na aldeia) e da amizade (identidade e semelhança nas profissões)”. Portanto, o Assentamento Pocinhos enquanto “Comunidade”, nesta dissertação, representa um espaço de afirmação de identidades, de produção de cultura e memórias, de partilha, manutenção de interesses e conflitos em comum. É por meio deste conceito que as pessoas organizam seu cotidiano. As Comunidades rurais se identificam para além da territorial, como espaços que se articulam, sujeitos que pensam e agem de diferentes formas. A vida em comunidade não é sempre harmônica, e os moradores vivem conflitos e diferenças internas que fogem ao consenso moral da comunidade.

“apelidada” da antiga fazenda, devido à existência de vários poços profundos, na busca por água, durante o período de seca.

E no exercício de ver, ouvir e escrever, conforme aponta Roberto Cardoso de Oliveira (1996), tomei para mim a última versão por alguns motivos que me desafio a descrever. Primeiro que, na estrutura da antiga fazenda, só encontrei nas caminhadas que fiz pela comunidade uma única e antiga estrutura de pocilga que, evidentemente, não impede que tenham existido outras, mas o que me levou a crer que as outras poderiam não existir foi o desconhecimento de outras estruturas antigas, por outros moradores da comunidade. Esse questionamento interno também não inviabiliza ou torna a história menos “verdadeira” pois, para quem a contou, tem todo um significado.

Outro fator que merece ser destacado na segunda versão é que o Assentamento se localiza no interior do estado do Ceará, em pleno semiárido, e por causa de fenômenos naturais, possui uma referência climática que marca substancialmente esta região, principalmente pelo baixo índice de pluviosidade e chuvas irregulares, o que, de certa forma, justificaria a escassez de água e a necessidade de perfuração de tantos outros poços. Lá ainda é possível visualizar esses locais que, atualmente, estão em desuso, mas que comprovam temporalmente sua existência.

A peleja pela tão sonhada terra data de 1999, com 22 famílias que moravam no entorno da fazenda e prestavam serviços para os donos das terras; os homens trabalhavam na lida com gado e recebiam como pagamento um animal, a cada “10 cabeças” cuidadas; já as mulheres, trabalhavam na casa-grande cuidando da casa e preparando alimento para os donos da fazenda ou patrões, como os interlocutores se reportam.

Durante as narrativas dos meus interlocutores, sempre notei uma “certa” cordialidade³⁰ com relação aos patrões: “nunca tivemos desavenças com os patrões”, “os patrões ajudavam demais”. Conforme a história ia sendo contada, eu ia refletindo sobre a figura do “patrão”. Silva (2006) afirma que essa figura é parte do processo secular de ocupação dos sertões que põe em evidência o papel exploratório e de subordinação imposta pelos proprietários, ao longo do século XX.

³⁰ Sergio Buarque de Holanda (1995), em ‘Raízes do Brasil’, destaca um conceito muito importante que é o conceito de “Homem Cordial”. Para ele, uma das principais marcas do brasileiro é a cordialidade. Aqui, é importante abrir muitas aspas e ressalvas sobre esse conceito, pois, o autor não entende esse conceito como bondade, generosidade ou qualquer outro tipo de relação benéfica. Neste sentido, a cordialidade em seu significado real nos reporta à ideia de coração, então, agir com o coração é agir com afetos, e esses afetos são responsáveis também por mascarar as relações de conflito na nossa sociedade. Dito isto, pensar nesse conflito e, ao mesmo tempo, nessa relação afetiva entre patrão e empregado, me fez ver nas narrativas uma semelhança com a cordialidade tratada por Sergio Buarque de Holanda.

Um marco importante na memória de **Umbuzeiro**, que também faz parte de uma memória coletiva, foi a construção do açude para abastecimento das famílias moradoras da comunidade:

“Nós temos muita gratidão ao coronel Chico Monte, eles ajudavam demais a gente. Fizeram um açude pra nós, que vivíamos aqui, poder ter água. Foi nós que cavamos a mão na década de cinquenta. A dona Tereza chamava nós aqui nesse pátio e dava cesta de comida para nós com nossas famílias, ela era muito boa, tínhamos ela como uma mãe” (Entrevista realizada em julho de 2022).

Os patrões eram espécies de padrinhos, provedores e, ao mesmo tempo, chefes. Com isto, os camponeses tinham limites para se desavir com os donos das terras que, até então, dominavam as condições de vida dessas famílias, incluindo acesso à terra, sementes, alimentação e entre outros, incluindo valores morais destes sujeitos que, historicamente, ficavam submetidos a um projeto de dominação que constituía e continua constituindo as formas de dominação capitalista no campo.

E, por entender que os camponeses interlocutores nesta pesquisa integram a classe trabalhadora, nos termos marxistas, concordo com Martins (1981) quando afirma que o campesinato deve ser compreendida como uma classe social, uma vez que a classe camponesa porta uma condição semelhante a do proletariado, no sentido de classe que antagoniza com a burguesia, mesmo que a partir de uma relação bastante diversa.

Não tenho aqui a pretensão de aprofundar o debate sobre a composição atual da classe trabalhadora, mas procuro incorporar neste trabalho, de maneira crítica, as problemáticas e limitações que surgem no campo. Explicito que a relação “patrão-empregado” aqui destacada pode ser problematizada a partir da consciência de classes. Iasi (2006) afirma que a consciência de classes inclui momentos ou formas distintas de consciência: a consciência alienada, a consciência de classe em-si e a consciência de classe para-si.

Assim, ao narrarem sua relação com os patrões de forma amena, os interlocutores desta pesquisa podem ser enquadrados em um processo de consciência alienada que implica em uma naturalização da realidade, que acaba por desvincular componentes da visão de mundo de seu contexto e da sua história, vendo o mundo a partir da ótica da própria burguesia e, neste caso, dos patrões/coroneis. Vejamos, ao mesmo tempo que narram que foi o patrão que construiu o açude pra lhes dar de beber, dizem também que foram eles próprios que trabalharam e fizeram o açude, ou seja, as “benfeitorias” da antiga fazenda, incluindo o açude, desde sempre eram por direito dos camponeses/as.

Com o falecimento do casal anfitrião (Tereza e Coronel Chico Monte), a herdeira Maria Olga também, muito falada como “moça estudada” e muito bem educada, que foi ao Rio de Janeiro e também para o “estranjeiro”, passou a cuidar dos negócios na fazenda: “Quando ela vinha [...], a Olga, ela sempre mandava chamar nós tudim aqui pra dar cesta pra nós, todo mundo saía daqui desse pátio com sacola na mão”, afirmou **Umbuzeiro**. Esta, por sua vez, fundou uma escola para que os filhos dos trabalhadores ‘fossem educados’ e, preocupada com a religiosidade da comunidade, fundou a capela de Nossa Senhora de Lourdes, que é padroeira da comunidade.

A oportunidade de tornar Pocinhos em Assentamento surgiu após o falecimento de Olga, quando os filhos dela, a terceira geração de Cel. Chico Monte e Maria Tereza, resolveram se desfazer das terras. Em campo, os relatos indicaram que foi o advogado da família, que sempre acompanhou Olga nas idas à fazenda, que reuniu a comunidade e sugeriu a ideia de buscarem o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA)³¹ e, por este fato, a figura do advogado é lembrada também com muita gratidão e afetividade.

Mas, sobre isto, é importante salientar que, por se localizar em uma região semiárida e se tratar de grandes proporções de terra, a venda da Fazenda Pocinhos poderia não ser uma tarefa fácil. A saída mais estratégica aos então herdeiros das terras seria viabilizar a venda via um mecanismo do estado³², neste caso, o INCRA.

Das 22 famílias que trabalhavam na fazenda, apenas 10 moravam efetivamente nas terras e para que a proposta tivesse êxito, necessitaria de mais de 10 famílias. Com o tempo e o “boato” entre os trabalhadores da fazenda, essa notícia foi se espalhando, as famílias que moravam em outras fazendas viram também a oportunidade de realizar o sonho da terra própria e, aos poucos, foram se acomodando na comunidade. Isso explica porque a maioria das famílias são extensas³³ e não nucleares³⁴, pois uns foram morando com outros até que a oficialização do Assentamento fosse feita, com isto, é possível compreender porque as famílias na comunidade são ainda bastante numerosas.

³¹ O INCRA é o órgão responsável pela criação ou reconhecimento e acompanhamento dos Projetos de Assentamentos (PAs), sendo também o órgão responsável por criar e/ou implementar políticas públicas para os assentados, buscando atender aos objetivos da Reforma Agrária proposto em legislação específica e reforçada pelo II Plano Nacional de Reforma Agrária (Brasil, 2004).

³² Germani (2006), afirma que, no Brasil, as contradições do modo de produção capitalistas estão no bojo da questão agrária. O acesso à terra no país tem sido historicamente marcado por grandes conflitos, que tem se acentuado nos últimos tempos. Em resposta, diversas estratégias foram construídas para impedir que a propriedade da terra fosse dada aos que nela trabalhavam. Esse processo tem início antes da criação do Brasil enquanto Estadação e, nesse sentido, já nasce pondo fim ao livre acesso à terra.

³³ É compreendida como uma família que reúne outros membros de outros graus de parentesco, além de pais e filhos. A família extensa comporta tios, primos, avós etc.

³⁴ A família nuclear é compreendida de forma restrita por pais e filhos.

Foi, então, no ano 2009 que a fazenda Pocinhos, com 4.459 hectares de terras, foi comprada e oficializado pelo INCRA como Assentamento Federal e, ao mesmo tempo que as famílias, a partir de então, seriam donas do seu futuro. Atualmente, vivem na comunidade cerca de 43 famílias assentadas e mais 13 agregadas³⁵, totalizando 56 famílias. Após alocadas, as famílias receberam um Plano de Manejo para que, entre os moradores, pudessem se organizar coletivamente para trabalhar na terra.

No Plano de Manejo, que funciona desde 2015, consta que todos os anos será liberado um talhão³⁶ para que as famílias possam trabalhar no corte de madeira. O trabalho é permitido anualmente após a liberação da Superintendência Estadual do Meio Ambiente (SEMACE), e é dele que muitas famílias assentadas também tiram seu sustento. **Anjico** destacou que não são todas as pessoas da comunidade que acessam este “benefício”, pois alguns exercem outras atividades, como cuidar de animais de médio e grande porte, ficando as talhadas a cargo de quem não tem nenhuma outra atividade como fonte de renda.

No aspecto socioeconômico, a principal fonte de renda da comunidade advém da criação de animais de pequeno, médio e grande porte, e produção de milho e feijão nos roçados como atividades principais da agricultura. As mulheres organizam-se em grupos para produção de artesanatos de palha da carnaúba e participam de feiras da Economia Solidária como forma de geração de renda.

Os camponeses da comunidade têm um sistema de organização e produção familiar, ou seja, a renda das famílias resulta de sua própria produção, que é o plantio de milho e feijão, principalmente, e criação de animais de pequeno, médio e grande porte (isso foi confirmado através de diálogos informais na comunidade).

Existe um sistema de organização familiar da produção onde cada animal encontra-se em diferentes estágios, formando um sistema rotativo que faz com que a produção não pare e o alimento não falte na mesa. Com isso, eles tiram o necessário para sua alimentação e o excedente vendem para comprarem no mercado o que não produzem no campo (arroz, macarrão, biscoitos, itens de higiene pessoal etc). Os animais de médio e grande porte são a poupança viva que “acode na hora da precisão”.

Os escritos de Wolf (1976) sobre sociedades camponesas já nos remetiam a esta organização, quando o autor destacou que o mundo do camponês não é amorfo, mas ordenado e possuidor de formas particulares de organização. Nesse sentido, a propriedade camponesa é,

³⁵ Para meus interlocutores, os agregados são famílias que chegaram depois da constituição do assentamento.

³⁶ As talhadas referem-se ao corte de madeira em áreas disponibilizadas pelo INCRA durante um ano para um determinado grupo de assentados. Ao todo, são 10 talhões e o corte da madeira é feito de forma alternada.

a um só tempo, unidade econômica, pois produz excedente e a base do seu próprio sustento.

Para Görden (2004), a lógica da produção camponesa sempre combinou a produção para o autoconsumo e, concomitantemente, para o mercado, sendo este o segredo da resistência camponesa ao longo da história do capitalismo. É produzir para encher a mesa e ter o prazer de saciar as necessidades alimentícias do grupo familiar com produção diversificada.

Mitidiero Junior, Barbosa e Sá (2017), em um estudo realizado sobre o Censo Demográfico de 2006, mais precisamente sobre o setor agropecuário, apontam que o campesinato é um dos maiores responsáveis pela alimentação no Brasil, pois cerca de 70% dos alimentos vêm do campo, ditou seja, de pequenas propriedades:

[O Censo] revelou que os pequenos produtores produzem boa parte dos alimentos que chegam à mesa dos brasileiros, transformado essa realidade em um dado oficial de Estado. É bom enfatizar: agora é oficial que a pequena produção familiar produz parte significativa dos alimentos, sendo que, depois da divulgação dos dados, foi disseminada em diversos meios a média de que a agricultura familiar era responsável por 70% dos alimentos consumidos no Brasil. Esta informação foi vista com olhos raivosos pelos ruralistas/agronegócio, o que levou uma parte da intelectualidade aliada a esse segmento, a produzir estudos que combatessem as conclusões apontadas no Volume Especial da Agricultura Familiar (Mitidiero Junior; Barbosa; Sá, 2017, p. 14).

Os autores também destacaram que:

Do nosso lado, ao constatar que os sujeitos que produzem mais alimentos são os que possuem menos terra (geralmente terras menos favorecidas do ponto de vista da fertilidade, acesso à água, localização geográfica, etc.) e são menos assistidos pelo Estado, enfatizamos que a visão social que domina é a de justiça social e de crítica radical à ordem estabelecida. Visão que não aparece em estudos dos acadêmicos apologistas ou serviçais ao agronegócio (Mitidiero Junior; Barbosa; Sá, 2018, 58).

Assim, cabe ressaltar que, em termos de diversidade, a produção camponesa também se sobressai em relação ao modelo monocultor do agronegócio, levando em consideração a desproporcionalidade de terras concentradas no setor do agronegócio sem produtividade.

Além do mais, toda essa produção é resultado da reciprocidade dos/as camponeses/as e sua relação com a natureza e a sociedade, considerando que os modos de produção são harmoniosos com o seu meio. Comer do que se planta é uma forma de reafirmar a soberania alimentar³⁷ enquanto autonomia dos povos e comunidades camponesas. Para Tavares, Costa e Fagundes (2016), a soberania alimentar é o instrumento político da agricultura camponesa que

³⁷ “Soberania alimentar é o direito dos povos a definir suas próprias políticas e estratégias sustentáveis de produção, distribuição e consumo de alimento que garantam o direito à alimentação a toda a população, com base na pequena e média produção, de comercialização e de gestão, nos quais a mulher desempenha um papel fundamental”. (Tavares; Costa; Fagundes, 2016, p. 58).

tem e demonstra sustentação socioeconômica e ambiental, diferente do agronegócio, que destrói territórios, modos de viver e de produzir.

A constituição da Casa de Sementes, em Pocinhos, aconteceu em 2009 e foi uma das primeiras a ser constituída no município de Forquilha, através de uma parceria entre a Cáritas Diocesana de Sobral e o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Forquilha. A ideia de ter uma Casa de Sementes foi amadurecida através de reuniões, onde os camponeses tratavam sobre seu cotidiano, o trabalho nos roçados, a falta de sementes, que é um ponto chave das Casas de Sementes, e entre outras questões da vida e do cotidiano. Foi nesse espaço de troca e reflexão que conheceram a importância de ter uma Casa de Sementes na comunidade. **Ipê Roxo** relembra que, inicialmente, havia um pouco de estranhamento: “Você sabe como são pessoas, né? Era muita gente ainda achando que não ia dar certo”.

Posteriormente, houve um momento decisivo para pensar que nome a comunidade daria ao espaço, algo que pudesse representá-los como um todo, a sua coletividade e, sobre isso, **Angico** rememorou o seguinte:

“A gente pensou muito em algo que fosse realmente importante pra nossa comunidade que representasse ela, e aí a gente olhou pros nossos padroeiros que uma já é nossa Santa Lourdes, mas também tinha nossa procissãozinha aqui, que a gente faz todo ano a procissão de São José, que é uma coisa linda, e aí ficou com esse nome de São José” (Entrevista realizada em julho de 2022).

Para os adeptos do catolicismo, São José é esposo de Maria e pai de Jesus Cristo. Na tradição católica, São José é protetor dos trabalhadores por seu trabalho artesão (carpinteiro). No Ceará, e em vários municípios do interior do estado, é Santo Padroeiro e responsável por um bom inverno, inclusive, é comum nas falas ouvir que “se chover dia de São José, o inverno vai ser bom”.

Essa crença tem origem em uma história bíblica, na qual São José foi escolhido por Deus para proteger sua família durante uma grande seca no Egito. Segundo a narrativa bíblica, Deus revelou a José em sonho que haveria uma grande fome na terra e o encorajou a levar sua família para o Egito, onde eles encontrariam refúgio e alimento. Assim, a figura de São José tornou-se associada à proteção contra as secas e à intercessão divina para que advenha chuvas em momentos de necessidade. Muitas comunidades rurais realizam festas em homenagem a São José durante o período de estiagem, pedindo sua ajuda para que chova e haja uma boa colheita

Diante do exposto, e como relataram os camponeses, foi com as bênçãos de São José que a Casa passou a funcionar. **Sr. Juazeiro** relatou que integra a RIS desde que a Casa foi fundada, mas que antes não compreendia a importância do espaço e, inicialmente, chegou a participar por interesse na “papelada” para aposentadoria.

Segundo ele, a organização local passou por dois momentos, sendo que o primeiro, após a fundação, foi de “desleixo” por parte da comunidade: “aqui foi muita ficha feita, sócio para todo lado, mas não deu em nada no começo, eu vinha mesmo para ver o que que ia ser, já que eu era cadastrado na Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematerce) e já ia ter mesmo a documentação que comprovava minhas atividades rurais”.

O segundo momento contou com uma articulação mais próxima, realizada pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Forquilha, por meio de reuniões e definições sobre a gestão da Casa, que o fizeram pensar: “agora vai dar certo mesmo” e, com isto, ele mesmo acabou assumindo uma posição de coordenação do espaço, mas muito receoso pelo fato de ser “analfabeto”, como ele se descreve. Desde então, passou a ir para os encontros de formação da RIS Sobral e uma destas memórias fez questão de partilhar:

“O primeiro encontro que eu fui, foi lá no Morrinhos, mas eu saí de casa com uma raiva tão grande porque eu não conhecia né? E eu pensava comigo: isso aí é só pra empalhar meu tempo e eu deixar meus que fazer e ir pra lá mesmo. E pior, estava na época do meu aniversário e tava tudo programado já pra nós fazer uma festinha lá em casa com os amigos [...] e nessa arrumação deu uma desmotivação muito grande. Aí a **Ipê Roxo** forçando: “não, ocê tá como coordenador agora, tem que assumir, num pode ir ninguém no lugar não, quem tem que ir é você” e nisso eu acabei indo. Mas se eu te disser que foi uma das reuniões mais proveitosas que eu já participei? Foi uma das reuniões que eu que eu mais tirei proveito porque foi a primeira que eu fui e eu fiquei prestando atenção em tudo que tinha lá, tudo que os palestrantes falava eu tava atento escutando e eles focaram muito na parte do veneno, que as pessoas evitasse e aquela coisa toda e eu não sabia a gravidade daquilo ali, e foi daí que eu foquei muito naquilo dali e eu sem saber ler nem escrever tinha que trazer tudo gravado na mente. Eu me lembro que o rapaz lá disse que um dos produtos que pega mais veneno é o tomate, o pimentão (...) isso eu me lembro muito bem. E os que pegava menos e explicou até porque, o feijão, o milho e tinha outro, mas esses dois eu me lembro porque ele disse que se tem uma praga atentando e se ocês quiserem botar alguma coisa tem que botar na florzinha porque a baja ela tem aquela florzinha que ela cai né? E fica a bajinha já gerando e depois da baja ocê descasca e joga fora e fica muito pouco no caroço, isso aí ele explicou e eu lembrei muito disso aí, porque nas outras coisas pega direto. E foi daonde eu pensei: ah num perco mais nunca. E teve uma mulher que perguntou se lavando num saia o veneno e ele até explicou com exemplo pra nós, que se lavar um prato sujo de gordura só com água, a gordura num sai, imagine um produto daquele ali. Aí foi que foi surgindo essas ideias de participar dessas festas tudo pra mim foi fazendo sentido e eu num faltei mais nenhuma, é muito mais participativa, você troca ideia, experiência” (Entrevista realizada em julho de 2022).

Neste sentido, **Sr. Juazeiro** teve um papel importantíssimo de fortalecer o trabalho de base que o Sindicato já vinha realizando com a comunidade. Por meio da participação em atividades coletivas da RIS, onde ele vivenciou e experimentou em outros espaços, comunidades e municípios, o debate sobre o cuidado com as sementes. Sempre que chegava, fazia as partilhas com os/as sócios/as, se esforçando para descrever e multiplicar o que viu e aprendeu na prática para a comunidade.

Antes da chegada das Casas de Sementes, a comunidade “se valia” das “sementes do governo”, que integram o Programa Hora de Plantar, que consiste na distribuição subsidiada de sementes geneticamente modificadas (híbridas) e que, por muitas vezes, é até ironizado devido ao atraso que ocorria na entrega das sementes, gerando um descrédito na política que era visivelmente perceptível nas narrativas.

Gliessman (2000) afirma que as variedades híbridas podem até ser mais produtivas do que as não híbridas, porém, requer com frequência condições ótimas para plantio, além da aplicação intensiva de fertilizantes inorgânicos para só, então, atingir seu potencial produtivo. Além disso, as sementes híbridas, ao contrário das Sementes Crioulas, não podem produzir com o mesmo genoma que seus pais, tornando os povos dependentes dos produtores comerciais, e neste caso, do programa, tirando-lhes a autonomia e o direito de escolha para o plantio na hora certa.

Desde a formação do Assentamento, relatam plantar milho e feijão híbrido. Mas foi a partir da chegada da Casa que puderam multiplicar a Semente de Feijão Crioulo do pai de **Sr. Umbuzeiro**, conhecido como “Feijão bajão” ou “Canapum”, que perpassa a família já há 37 anos. Atualmente, grande parte da comunidade possui essa variedade e sabe sua história, como eles mesmos dizem, sabem a procedência. Também puderam trocar sementes com outras comunidades e municípios e, assim, tecerem novas histórias e memórias.

Com a chegada da Casa de Sementes, as famílias assumiram um papel fundamental, primeiramente de resgate das sementes, posteriormente, de multiplicação e preservação, e, por conseguinte, puderam desenvolver muitos conhecimentos baseados no empirismo, a partir da observação, ao longo do tempo. Passaram a cultivar suas variedades crioulas, que foram adquirindo resistência com o clima da região semiárida, fazendo com que as famílias também retomassem e desenvolvessem vínculos afetivos com as sementes e repassassem para as próximas gerações.

É importante observar que, antes mesmo da chegada da Casa de Sementes, as famílias já tinham a prática de cuidado e armazenamento de sementes em suas casas, mas não de forma

organizada. Com a chegada das secas e períodos de estiagens prolongadas, muitas sementes foram perdidas, ao longo do tempo, e de forma individualizada, em cada grupo familiar, restando apenas o apelo ao Programa Hora de Plantar. Com a proposta de um espaço exclusivo para armazenamento das sementes, os camponeses podem depositar e acessar maiores quantidades e variedades de sementes. Para além disso, o local é um espaço de sementes e memórias que se encontram e se confraternizam. O costume de armazenar em casa permanece, “mas só que a casa é assim, já sabe, se faltar, tem lá”.

Com a ida de **Sr. Juazeiro** para outras atividades da RIS em momentos anteriores, as festas eram contadas nas reuniões de sócios com bastante atenção e admiração por ele. A fala dele transportava quem o escutava para outra dimensão, a dimensão da Festa da Colheita, com bandeirolas no céu, fotografias que remetem a memórias antigas, sementes para trocas e, claro, uma variedade extensa de alimentos.

Foi diante dessas conversas nas reuniões que a comunidade percebeu que, no festejo, seria a oportunidade perfeita para trazer de volta para o cotidiano das pessoas e, principalmente, gerações mais novas (as crianças e juventudes) os valores culturais que estavam sendo perdidos. Foi, então, que os homens tiveram a ideia de retomar o grupo de brincantes de Reisado, que é guiado por um dos mais antigos moradores da comunidade que se prontificou a transmitir para os outros suas memórias, histórias, contos, poesias e cantigas acumuladas durante seus 86 anos de vida.

A primeira Festa da Colheita do Assentamento Pocinhos aconteceu no ano de 2015 e teve participação em peso da comunidade e parceiros, todos abrigados no alpendre enfeitado da casa sede³⁸, admirando a fogueira queimar no terreiro enquanto as notas do forró pé de serra aqueciam o coração dos participantes (Figura 4).

³⁸ A casa sede é uma grande estrutura de alvenaria construída pelos antigos proprietários da terra. A arquitetura espaçosa, cheia de quartos com assoalho e forro de madeira, evidencia a diferença entre as outras casas da comunidade e acentua o distanciamento social entre as famílias. Atualmente, a representatividade da casa tem tomado outras formas e conotações, a partir da gerência dos assentados. A casa sede é também Casa de Sementes, sede da Associação Comunitária, e suporte para atividades comunitárias, principalmente por estar localizada em um espaço central na comunidade.

Figura 4 - Registro da realização da primeira Festa da Colheita no Assentamento



Fonte: Arquivo da Comunidade (2015).

Para a comunidade, a Festa da Colheita é um momento de celebração e de agradecimento a Deus pela chuva, pelos alimentos produzidos que enchem as mesas e garantem o sustento das famílias e dos animais. Também significa o encontro das pessoas para se confraternizarem. Desde 2015, a Festa não pode faltar e, ano após ano, a comunidade se mobiliza para concretizá-la. As mulheres relataram que a festa é a “coisa mais linda” que já viram acontecer na comunidade e que compensa cada empenho para sua realização.

3 A FESTA DA COLHEITA: FARTURA E PARTILHA NA MICRRORREGIÃO NORTE DE SOBRAL

Neste capítulo, apresento a Festa da Colheita no contexto das festas brasileiras e em âmbito mais localizado na microrregião de Sobral, trazendo fontes, registros e produções acadêmicas relacionadas ao tema. Aqui, abordo como a Festa teve início, o que é a Festa e como ela se organiza institucionalmente por meio da RIS.

Aqui, a análise contempla como a Festa é organizada pelos camponeses, abordando traços particulares do rito e dos festejantes, assim como revelações da vida social do público que festeja, não deixando as dimensões da religiosidade e da dádiva (Mauss, 1988) de fora.

Trato, ainda, sobre a importância da Festa para os/as camponeses/as integrantes da RIS Sobral e o papel político que a Festa cumpre na produção e reafirmação de identidades camponesas.

3.1 A festa da colheita no contexto das festas brasileiras

As festas e rituais festivos marcam de forma significativa nossa vida cotidiana, desde os primórdios da civilização. Itani (2003) afirma que, há mais de 10 mil anos, as festas já eram realizadas e que, deste modo, a tradição perpassou gerações ao longo de séculos constituindo, desta forma, uma maneira de localizar o tempo no espaço. Muitas das celebrações festivas vêm sendo mantidas por diferentes povos, ao longo do tempo, resistindo a interdições e imposições em diferentes momentos da história.

Nóbrega (2010) afirma que as festas marcam fases históricas, períodos de crises, transtornos na vida do homem em sociedade e do contato com a própria natureza. No Brasil, mais precisamente durante o período colonial, as festas configuravam um elemento de construção da sociabilidade brasileira, ora como repressão e controle social, ora como ato de subversão. Desde antes da abolição, a realização de festas negras ou batuques que, aos ouvidos dos senhores, poderia representar algazarra, era, na verdade, uma forma de resistir à escravidão e ao extermínio de uma cultura.

Isso justifica as iniciativas de realização das festas coloniais, pois era uma forma de demonstrar o poder pleno sobre os povos e a garantia da lealdade dos grupos subordinados. A iniciativa das chamadas festas coloniais era uma estratégia de controle oficial, tendo em vista que as festas, assim como os motins, também representavam estratégias de sedimentar o poder monárquico por grupos subalternizados.

Na contemporaneidade, além de conter diversas simbologias, muitas festas podem se constituir em um evento dentro do qual discursos são elaborados, identidades são construídas e no qual as comunidades podem partilhar experiências da vida cotidiana e vivências coletivas. Para Itani (2003), as festas estão sempre em processo de mudança, sendo transformadas pelos diferentes grupos sociais e pelas novas simbologias que vão sendo criadas.

Segundo Amaral (1998), as festas ocupam um lugar privilegiado na cultura brasileira adquirindo, no entanto, significados particulares. Conforme a autora afirma, é por meio do ato de festejar que os indivíduos traduzem suas experiências e expectativas de futuro. O conhecimento de nossa cultura popular é fecundo, seja pela extensão territorial ou mesmo a diversidade do país, pelo próprio caráter dinâmico e diferenciado da cultura.

Perez, Amaral e Mesquita (2012) afirma que manifestações festivas marcam tempos fortes, momentos de alternância de ritmo e intensidade da vida individual e coletiva, articulando passado e presente. Para a autora, as festas brasileiras, em suas diferentes configurações históricas e socioantropológicas, revelam uma sociedade que vive o contraste das mudanças:

O país da festa, cultura da festa, ethos da festa, festa barroca, festas do império, império das festas, festas religiosas, festas profanas, festas populares, festas cívicas, festas tropicais, festas à brasileira. A festa é um fato fundamental da vida em sociedade e fundante da assembleia reunida (Perez; Amaral; Mesquita, 2012, p. 13).

Enquanto experiência coletiva, festejar permite refletir sobre os lugares de memórias e construção de identidades de diferentes comunidades, ao mesmo tempo em que os indivíduos transitam nesses terrenos trazendo para sua narrativa a complexidade que compreende o ato de festejar.

Para Itani (2003), os ritos de colheita surgem nas antigas civilizações como uma celebração de esperança de tempos bons para a plantação. Deste modo, os ritos de celebração da colheita comemoram os frutos do trabalho, ao mesmo tempo que servem de oferenda e agradecimento responsável por animar os coletivos em torno de sua produção. A autora firma ainda que a manifestação festiva da colheita pode estar presente nas civilizações há mais de 10 mil anos.

As primeiras festas da colheita marcavam uma comemoração ritualística de atividades sazonais agrícolas, neste sentido, as festas da colheita eram uma comemoração do tempo, distinguindo diferentes atividades da cultura agrícola, como afirma:

As comunidades agrícolas utilizavam as festas como instrumento de marcação e concomitante celebravam o tempo de semear e o de colher. No tempo de semear

realizavam-se celebrações sagradas de oferendas a deuses nas quais pediam proteção e bom tempo para plantação. No tempo de colher os rituais eram com oferendas em agradecimento pelas boas colheitas (Itani, 2003, p. 11).

As festas da colheita marcam os calendários de muitos municípios e estados brasileiros em diferentes estações do ano. Colheita do milho, do trigo, do arroz, da uva, da mandioca, do caju e tantas outras que marcam o período sazonal da produção no campo.

De acordo com Silva, Siebra e Machado (2016), o costume de celebrar a colheita vem de muitos tempos e de outras culturas. Para eles, a Bíblia retomou festas de povos bem antigos, além disso, celebrar a colheita também é retomar as bases ancestrais os rituais de agradecimento baseados na partilha. Para estes autores, ao celebrarem a colheita, os povos estão:

- 1) Retomando a fé no Deus libertador e na realização de suas promessas;
- 2) Fazendo memória da caminhada, da luta pela reforma agrária, descentralização e acesso a água para beber e produzir e por condições de vida decente para todas as pessoas que vivem e trabalham no campo;
- 3) Ajudando jovens e crianças a entrarem num caminho novo que leve a construção de uma nova sociedade, onde reine a partilha, a fraternidade e o bem viver;
- 4) Realizar uma festa que reforce as coisas boas e bonitas da cultura camponesa: as comidas de milho, o aluá, a “mistura que vem do criatório, as frutas do pomar, as verduras da horta comunitária, os peixes (Só do que é produzido por nós);
- 5) As poesias, as toadas, as brincadeiras, o reisado, os instrumentos, os enfeites, a partilha, a fé e a caminhada (Silva, Siebra; Machado, 2016, p. 7).

Segundo informações da Secretaria da Proteção Social do Ceará (SPS), os primeiros registros de festas da colheita são de tradições indígenas e marcam os períodos de colheita em seus territórios. As celebrações marcam a cultura de cada povo e asseguram o não desaparecimento da tradição. As festas são momentos de grande fartura, agradecimento e partilha de alimentos preparados a partir da produção.

Na microrregião norte de Sobral, os primeiros indícios de realização da Festa da Colheita Camponesa têm início por meio de movimentos de organização de base camponesa. Foi por meio do Movimento de Educação de Base e o Dia do Senhor³⁹, por volta dos anos 1960, que os camponeses descortinaram paisagens sociais e lutas pela libertação da exploração perversa dos senhores das terras.

³⁹ O Movimento de Educação de Base tinha uma proposta político-organizativa dos camponeses. Segundo Prado (2014), era através do Movimento do Dia do Senhor, uma iniciativa também da igreja católica, que os camponeses se organizavam e discutiam os problemas da comunidade e encontravam brechas para o questionamento e a luta social. Se não podiam se reunir às vistas do patrão, faziam isso nos horários de trabalho, durante o preparo da terra, já que era justamente pelo problema da terra que se motivaram na busca de direitos, construindo formas de organização e luta política.

Foi com a descoberta da força da organização popular que os camponeses passaram a celebrar a vida em comunidade, através de mutirões e celebrações, como a Festa da Colheita, assim afirma Bezerra (2008, p. 21):

São muitos os exemplos de vida e dos costumes em comum na construção da capela, do salão comunitário, das farmácias, dos roçados comunitários, das hortas e dos cestos de pesca coletiva. Ah! E como era bonita a festa da colheita e a alegria da partilha e da solidariedade. Era o brasileiro da ajuda mútua, da vizinhança e da camaradagem da cultura camponesa, agora partilhando também um vocabulário da luta e da resistência.

Para Bezerra (2008), nessas ocasiões, o trabalho, a festa e a alegria eram compartilhadas, evidenciando aspectos de uma cultura tradicional camponesa. Além disso, tais atividades são canalizadas em um sentido mais coletivo da vida em comunidade; a ação de partilhar no sentido da luta coletiva reivindica não só um vocabulário da justiça social, mas também dos direitos dos povos do campo.

A primeira Festa da Colheita microrregional, realizada pela RIS Sobral, aconteceu no ano de 2012. Desde então, com o aumento do número de Casas de Sementes e, conseqüentemente, da Rede, a Festa da Colheita também se expandiu, tornando-se um símbolo de resistência e organização camponesa. Mas foi somente entre os anos de 2015 e 2017 que as Festas da Colheita foram impulsionadas na microrregião de Sobral, no período que correspondente à execução do Programa ECOFORTE, já mencionado anteriormente.

As Festas da Colheita acontecem anualmente e seguem a mesma estrutura organizativa da RIS: comunitária, municipal e microrregional. A Festa comunitária acontece em cada comunidade, onde existe uma articulação da Casa de Sementes e o público pode variar entre somente as pessoas da comunidade, de modo mais reservado, e/ou a participação de comunidades vizinhas. No município de Forquilha é comum que, nas festas comunitárias, localidades vizinhas estejam presentes e também levem alimentos para partilhar.

A Festa municipal acontece na sede dos municípios que integram a RIS Sobral e conta com o apoio essencial do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de cada região, que cedem o espaço, animam a articulação das Casas e ajudam a visibilizar a Festa da Colheita Camponesa. Nesse sistema de organização, todas as Casas de Sementes Comunitárias se reúnem no município para partilharem e festejarem a produção camponesa.

A Festa da Colheita microrregional⁴⁰ se diferencia dos outros dois modelos de maneira peculiar. Esta, por sua vez, acontece de forma rotativa em municípios e comunidades da RIS que queiram sediar o grande encontro. Neste modelo, a Festa acontece em uma comunidade previamente definida em assembleia da Rede, por meio de uma votação democrática das comunidades que se dispuseram da missão.

As portas da comunidade que se compromete em receber Festa se abrem para pessoas de diferentes comunidades e municípios da microrregião. A estadia dos participantes é solidária na casa de camponeses/as da comunidade. Neste aspecto, as famílias permitem que quem esteja na comunidade vivencie e partilhe fragmentos do seu cotidiano, considerando que, assim, a luta vai se fortalecendo na prática, a partir das trocas, observação e vivência de realidades semelhantes e distintas.

Conforme explicita Lopes (2022), a Festa não consegue envolver todos os participantes da RIS Sobral. As RIS municipais e as Casas de Sementes definem juntas quem irá participar e são priorizados os responsáveis pela gestão das Casas que terão, após a Festa, a tarefa de replicar as informações e conhecimentos adquiridos em suas comunidades. Isso serve também de estímulo, ou seja, o envolvimento nas Casas de Sementes abre oportunidades de participação na Festa Microrregional.

Junto do festejo, é sempre realizado um encontro formativo com duração de 3 dias. Nesses encontros, são tratados assuntos gerais de cunho organizativo da RIS Sobral, mas também temas diversos, e o objetivo é fortalecer e unificar as lutas diárias dos povos do campo que se organizam através da Rede. Para além do intuito da formação e fortalecimento, é nesse espaço onde os camponeses de diferentes municípios e comunidades se confraternizam e partilham histórias de vida e do seu cotidiano camponês.

A celebração da colheita acontece sempre no segundo dia de atividades, no período da noite, e obedece aos ritos de celebração que as comunidades e municípios realizam: ofertório, bênção dos alimentos, partilha dos alimentos, sementes, apresentações culturais e atividades que podem surgir de acordo com cada comunidade que se responsabiliza de preparar.

O significado da palavra “ofertório”, popularmente falando, geralmente encontra sentido no rito católico de celebração da missa. É no momento do ofertório onde os membros do culto ofertam a Deus ou Santos itens materiais ou imateriais como doação ou partilha em pedido ou agradecimento.

⁴⁰ Mais adiante, o leitor terá mais detalhes sobre o acontecimento da festa e suas etapas.

Na Festa da Colheita, o ofertório se constitui de um momento e de um espaço dentro do ritual celebrativo, onde os camponeses oferecem a Deus os melhores frutos de seus roçados, é um espaço de representação onde são preparados cestos com frutos das lavouras e são levados em oferecimento a Deus. Acompanha este momento as ferramentas da labuta camponesa, como sinônimo do trabalho realizado até a colheita.

A bênção dos alimentos é feita por um convidado ou membro da comunidade que convida todos para rodear a mesa dos alimentos. Depois que todos estão reunidos, estendem as mãos sobre os alimentos e depositam seus agradecimentos, que pode ser cantado ou pronunciado. Em termos de religião, a celebração segue os ritos do catolicismo, com missa e padre, em algumas comunidades. Contudo, se percebe que a figura do padre não é preponderante para o rito ou a festa. Nesses casos, os camponeses evangélicos não participam, embora estejam presentes em outros espaços da festa.

Segundo Lopes (2022), isso coloca em destaque que a motivação de participar da Festa passa também por uma convivência de credos. Apesar da presença predominante do catolicismo, os/as camponeses/as evangélicos/as estão presentes, ajudando, inclusive, nos processos organizativos, o que expressa esse universo coletivo e enraizado na vida cotidiana que as Casas de Sementes fazem habitar.

Figura 5 - Bênção coletiva dos alimentos



Fonte: Acervo pessoal da autora (2015).

A partilha dos alimentos é sempre feita após a bênção dos alimentos. Geralmente, uma mesa grande e farta é montada com alimentos que as famílias levam para partilhar, como é podemos visualizar na Figura 5. A alimentação compartilhada possui significados simbólicos⁴¹ e perpassa aspectos sociais, políticos, econômicos, culturais religiosos e estéticos. A alimentação que é partilhada demonstra oposição a um ato solitário, individual ou autônomo, então, o comer junto atribui sentidos culturais e de socialização em grupo.

As sementes ganham inúmeras possibilidades no espaço da Festa. Conforme citado anteriormente, as Sementes Crioulas têm grande significado para os/as camponeses/as integrantes da RIS. Portanto, as Sementes Crioulas são expostas em espaços específicos, indicando a variedade de sementes existentes, em espaços reservados para troca de saberes e sementes. Em alguns locais, as sementes fazem parte da composição estética do ambiente (mandalas, letreiros etc.), conforme ilustra a Figura 6.

Figura 6 - Distintas formas de organização das Sementes no Encontro de Planejamento da RIS Sobral no Distrito de Padre Linhares (Massapê)



Fonte: Arquivo Cáritas Sobral (2016).

As apresentações culturais integram a programação da Festa e envolvem artistas locais da comunidade ou região. A proposta é um momento de integração dos participantes e resgate de tradições que, muitas vezes, as comunidades relatam estarem sumindo. O forró pé de serra que acompanha triângulo, zabumba e sanfona é uma das atrações mais vistas durante as festas, além deste, poesias, quadrilhas e “brincadeiras” de Reisado também marcam as apresentações em diferentes comunidades. Desta forma, é um encontro das pessoas para se confraternizarem

⁴¹ Apresento mais detalhes sobre o assunto no capítulo 4, que trata da comida também como forma de sociabilidade.

e refletirem sobre as realidades de suas comunidades, aprofundando o sentido da resistência enquanto produção e em agradecimento a tudo o que foi semeado.

3.2 A produção da Festa

A preparação da Festa começa desde quando os camponeses põem as Sementes na Terra. Se há um bom inverno, as boas notícias começam a se espalhar que naquele ano a festa será grande e com muita fartura. Recordo, portanto, a afirmação de Woortmann e Woortmann (1997), quando afirmam que a comida se articula no universo camponês com outras categorias concebidas como nucleares, tais como “trabalho” e “terra”, igualmente ricos em significado

A Festa da Colheita é constituída de vários momentos que devem ser bem preparados, segundo os/as camponeses/as. A Festa “só sai boa” se for preparada com antecedência, e isto requer a participação de muita gente. Um dos primeiros passos é a realização de reuniões da comunidade, município ou região, dependendo da instância da Festa. É neste espaço onde mulheres, homens, jovens, idosos, crianças, e quem mais sentir-se à vontade para participar, até mesmo aqueles que porventura não são sócios da Casa de Sementes, dialogam sobre a organização das equipes necessárias para preparação do festejo, visualizando colaboradores e dividindo tarefas.

O segundo passo é a organização das equipes: ambiente, acolhimento, animação, celebração, alimentação, e =o outras equipes que as comunidades achem necessárias. As pessoas que ficarem responsáveis por determinada atividade deverão convocar outros parceiros (homens, mulheres, crianças e jovens) para somarem na atividade. Estas equipes, por sua vez, realizam outros momentos a fim de pensarem sobre a missão dada e providenciarem tudo o que for necessário.

Algumas destas equipes foram citadas frequentemente nas entrevistas e, portanto, avaliei a importância de citá-las, destacando seu papel no suporte para realização das festas:

- **Equipe de Ambiente:** é responsável pelo local da celebração que geralmente acontece em um espaço aberto, comumente no pátio próximo à Casa de Sementes. Neste caso, a limpeza antes e depois do festejo, e manutenção durante o evento, é de responsabilidade desta equipe. A organização do local, como enfeites - bandeiras, sementes, símbolos, faixas, objetos da cultura camponesa (enxada, foice, facão, alimentos recolhidos da roça etc.), assentos para quem vai chegar - é atribuição desta equipe.

Figura 7- Equipe de ambiente nos preparativos da Festa Microrregional em Pocinhos



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022).

- **Equipe de Acolhimento:** nesta equipe, as pessoas são responsáveis por prepararem versos, poesias, músicas para acolher quem vai chegando, tais como:

Canção de Acolhida (Sejam bem-vindos):

Refrão:

**Sejam bem-vindos, nossos irmãos
À nossa festa, fruto da nossa união.
Sejam bem-vindas, nossas irmãs
À nossa festa, fruto da nossa união**

Nossa colheita festejamos com amor
Vem você trabalhador pra conosco se alegrar
os mais idosos, rapaz, moça e criança
cada um na confiança, vem alegre festejar.

Nossa colheita celebrada no sertão
Feita pelas nossas mãos todos vem participar
Em nossa festa se celebra a caminhada
Tem mesa preparada com os produtos do lugar

Que Alegria encontrar nossos irmãos e irmãs
Que trabalhando este chão colhem tanto alimento
Gente aguerrida que deseja igualdade
Vivendo em comunidade, povo novo em movimento”

(Letra: Machado e Siebra; Melodia: Sergipe).

No trecho acima, é possível identificar que o verso desta produção artístico-cultural posiciona o grupo em um lugar de militância social, reafirmando uma identidade camponesa por meio de elementos como a colheita, o trabalho no campo, a união, a participação de um

público plural que vai alegre festejar a colheita no sertão cearense, uma realidade comum aos integrantes da RIS.

- **Equipe de Animação:** aqui estão as pessoas responsáveis pela coordenação da programação. Além destes, são também os tocadores, dançarinos, grupos de quadrilha, poetas e cantadores do lugar, ou até mesmo de outra comunidade/município que tenha sido convidado ou que tenha solicitado para somarem na animação.
- **Equipe de Celebração:** as pessoas desta equipe são responsáveis por prepararem a celebração. O que fazer em cada momento do ritual, quem irá assumir cada etapa, escolher os cantos, e juntos escolhem quem vai ensaiar os cantos para o dia da celebração.
- **Equipe de Cozinha:** são pessoas responsáveis pelo preparo de algum alimento, se assim for combinado. Geralmente, nas festas microrregionais, como participam muitas pessoas de outras comunidades e municípios, os alimentos partilhados pelos participantes são levados para preparo. Desta forma, a equipe providencia panelas grandes, fogão, lenha etc.

Figura 8 - Equipe de Cozinha nos preparativos da Festa da Colheita em Pocinhos



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022).

- **Equipe de Alimentação:** esta equipe é responsável por receber os alimentos que vêm das famílias e comunidades, se for a Festa Microrregional, anotando e repassando tudo

para a equipe de cozinha. São ainda responsáveis por servirem os alimentos e de organizá-los na mesa da partilha, garantindo que não falte variedade de alimentos para a partilha.

A composição de cada uma dessas equipes acontece de forma voluntária, contudo, é ponderada a necessidade de uma divisão por gênero para realização de atividades consideradas “trabalho pesado” ou “grosseiro”, como capina, corte de lenha, abate de animais, armazenamento de água etc., que fica a cargo dos homens. A noção de “pesado” associada aos homens e “leve” às mulheres é uma construção social, em que o tipo de trabalho é identificado pelo gênero da pessoa que o faz (Schwendler; Thompson, 2017).

Figura 9 - Equipe de Alimentação durante a Festa da Colheita em Pocinhos



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022).

Além destas equipes, outras podem ser formadas de acordo com a necessidade de cada comunidade. Essas definições vão de acordo com cada festa e cada lugar. A RIS tem uma cartilha norteadora de como celebrar a colheita, assim, quem vai chegando, vai se atualizando. O livro contém o passo a passo de como celebrar a colheita, como realizar a bênção dos alimentos, cantos etc.

Figura 10 - Cartilha de orientação para celebração da Festa da Colheita



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022).

O livreto da Festa da Colheita é uma publicação elaborada ao longo de quatro décadas. Pensada, inicialmente, na Diocese de Propriá/Sergipe, no ano de 1970, chegou ao Ceará pela Diocese de Crateús, posteriormente, sendo lançada em sua terceira edição com subsídio do Programa Ecoforte. O exemplar recolhe práticas, ritos, gestos e cantigas camponesas.

A Festa da Colheita microrregional em Pocinhos aconteceu durante os dias 21, 22 e 23 de julho de 2022, e minha chegada antecipada, no dia 19 de julho, permitiu acompanhar os preparativos que antecederam a celebração. A movimentação da comunidade já era intensa e, por isso, considero que a Festa iniciou antes mesmo do próprio evento acontecer. A cerca de um mês, o assentamento estava em suspensão⁴², uma vez que homens, mulheres, crianças e jovens se dedicaram aos trabalhos de organização da Festa, deixando suas atividades cotidianas em segundo plano.

⁴² O período de suspensão corresponde à interrupção temporária das atividades cotidianas, realizadas em função da Festa.

Durante a realização do trabalho de campo, fui acolhida na casa de **Angico e Aroeira**. Essa estadia solidária fez com que eu adentrasse o universo da família e da própria comunidade, uma vez que passei a transitar naquele espaço. O segundo dia (20 de julho de 2022) começou muito cedo: cerca de 4 h 30 min da manhã o casal pôs os pés para fora da rede. Era o dia do “mata bicho”. O animal que foi abatido - um porco - alimentou primeiramente a família e, em sinal de solidariedade, a carne também foi doada para a alimentação dos participantes do Encontro e da Festa da Colheita Regional, que já iniciaria no dia seguinte. Portanto, o dia do “mata bicho” é também o dia da fartura. Na casa também tem festa!

No decorrer do dia, estive na casa sede, acompanhando os mutirões de organização do espaço, divisão de tarefas, e episódios do cotidiano da comunidade que iam me atravessando. De imediato, notei que o espaço durante o período da manhã estava marcado de forma predominante pela presença masculina. A explicação deste fato, entre tantos outros, está relacionada ao circuito de atividades domésticas desenvolvidas pelas mulheres durante o turno da manhã, tais como o cuidado da casa, preparação do almoço, pequenas criações de animais e, porventura, alguma horta que a família tenha no quintal. Desta forma, somente no período da tarde, algumas mulheres somaram-se aos trabalhos.

A divisão do trabalho que regia os mutirões tinha como um de seus critérios organizadores o fator gênero. As mulheres encarregaram-se de varrer, lavar, passar o chão e decorar o espaço do encontro, assim como o cuidado e o preparo do alimento. Os homens ficaram incumbidos de montar fogueira, aguar o pátio, colher palhas de coqueiros, buscar lenha e água.

A análise do trabalho feminino e suas relações com o universo familiar remetem necessariamente às relações sociais de gênero, cujo debate, nas últimas décadas, vem fazendo parte das preocupações de pesquisadores ligados às mais diversas áreas das ciências humanas. Boni (2005) afirma que a construção da identidade da mulher no campo teve e persiste sendo fortemente impregnada pelo patriarcado, qualificando o lugar social e político de mulheres e homens nas relações de produção e nas relações sociais do núcleo familiar rural.

Figura 11 - Mutirões comunitários no alpendre da Casa Sede onde também se localiza a Casa de Sementes São José



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022).

No campesinato, a divisão sexual do trabalho é responsável pela produção de padrões de comportamentos que se estruturam numa ordem binária e sexuada que não só diferencia, mas também hierarquiza o trabalho segundo o sistema sexo/gênero. Heredia (1979) afirma que a oposição masculino/feminino vai além de uma simples divisão de tarefas e se expressa na oposição casa-roçado, que demarca o espaço do trabalho e do não trabalho no campo, distinguindo os lugares do masculino e feminino referentes a essa divisão.

Portanto, as relações de gênero e geração se expressam através de hierarquias em que o envolvimento da família e da comunidade, no desenvolvimento das atividades preparatórias do festejo, toma como referência a posição ocupada por cada membro no sistema familiar, ocorrendo uma divisão das esferas de intervenção de homens e mulheres e membros de diferentes gerações estabelecidas nas esferas produtivas reproduzidas, e projetadas nos mutirões de organização da Festa.

Até o findar do dia, a casa sede esteve ocupada por homens, mulheres, jovens e crianças que, aos poucos, deram formas e cores ao espaço. Bandeirolas espalhadas no pátio, fogueira montada, faixa receptiva e tudo mais para receber os participantes do encontro e da Festa microrregional da Colheita.

A mobilização no dia seguinte (21 de julho de 2022) teve início bem cedo com as mulheres fazendo algazarra na cozinha, preparando a alimentação do encontro. Catavam feijão acompanhadas de prosa e risadas. Uma questão interessante, que saltou da memória a enquadrar esta cena em meus olhos, é a de que a cozinha ganha, na lida camponesa, uma outra conotação. A cozinha é espaço de construção de saberes e sabores, onde as mulheres realizam manutenção

de suas origens familiares compartilhando sentidos, símbolos e vivências que atravessam gerações e representam o modo de vida camponês.

No contexto de reconfiguração dos hábitos alimentares locais, e como alternativa a regimes alimentares industrializados e globalizados, o consumo de alimentos tradicionais da culinária camponesa retoma uma conexão com o ato de cozinhar, permitindo uma memória afetiva do preparo, das cores, dos sabores e dos modos de viver comunitário. É na cozinha onde a alimentação camponesa é preparada, e é também lugar de experimentação onde as mulheres põem em prática sua criatividade. É ainda neste espaço onde episódios do cotidiano em comum destas mulheres se encontram e se fortalecem, onde partilham as preocupações com a saúde dos parentes, questões da comunidade, até mesmo dos casamentos.

Não demorou muito tempo, e as primeiras caravanas chegaram no pátio da Casa de Sementes em Pocinhos. Do ônibus, desciam corpos distintos com bolsas, sementes, mudas e alimentos para o encontro. Aos poucos, as paredes da Casa foram preenchidas de simbolismo e afetividade através de registros fotográficos, faixas e sementes de vários outros lugares que se juntavam ao assentamento. A casa, que é também a Casa de Sementes, se tornou a casa dos participantes. Até mesmo quem estava no espaço pela primeira vez já se sentia à vontade, como se estivesse em sua própria casa.

Figura 12 - Chegada das caravanas e entrosamento dos participantes



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022).

À noitinha, após a chegada de todas as caravanas, o anúncio do jantar foi feito. Prontamente, os participantes retiraram de suas bagagens pratos, talheres e copos. Na fila, as conversas e “prosas” sobre o deslocamento e questões cotidianas acompanhavam o caminhar até a mesa posta do jantar. Na mesa, o típico baião de dois, carne assada, saladas, sucos e

também coalhada para os que optassem por não comer da comida “grosseira”⁴³.

Em termos de organização, a Rede de Intercâmbio de Sementes trabalha de forma bastante incisiva o não uso de descartáveis. Todos que participam do encontro levam seus pratos, talheres e copos. Se, porventura, alguém esquecer, contará com a solidariedade de algum outro participante, que poderá ceder temporariamente seus utensílios.

Figura 13 - Espaço para higienização e limpeza dos utensílios de cada participante



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022).

O fato de todos levarem seus recipientes para fazerem suas refeições contribui para que as mulheres que estão responsáveis pelo preparo de alimentos não se sobrecarreguem lavando uma louça extensa, uma vez que cada um e cada uma tem a responsabilidade sobre seus objetos. É reservado um espaço com água, sabão e esponja para higienização e limpeza dos itens.

À noite, como é de costume na abertura das Festas microrregionais, todo o público participante se reúne para a escuta atenta da história da comunidade. Essa partilha é importante por vários motivos, pois, no contexto comunitário, estimula a participação de crianças, jovens e adultos na busca por conhecer suas origens e valorizar a história do lugar em que vive, assim

⁴³ Os/as camponeses/as se referem e entendem como comida grosseira alimentos que, segundo eles, demoram para fazer digestão e/ou “pesam no estômago”, na concepção deles. O baião de dois é um desses alimentos. Eles atribuem isso à mistura do feijão com arroz e o caldo de feijão na preparação do alimento. Na etnografia de Ellen e Klaas Woortmann (1997) sobre camponeses sergipanos, eles destacaram o que para os sitiantes são alimentos fortes e fracos. Penso que, nessa questão, o campo me aproxima de uma concepção semelhante de sentido.

como todos os processos de resistência travados para a garantia da permanência digna de gerações, no campo.

No contexto da RIS Sobral, ao partilharem as histórias de resistências para acesso à terra, água de qualidade, garantia de sementes, alimentação sadia e condições dignas de permanência do campo, a articulação se fortalece, uma vez que essas histórias evidenciam similitudes e divergências de cada comunidade por onde traçam caminhos e estratégias de organização.

Em Pocinhos, assim como em outras comunidades que já sediaram o evento, uma mesa de abertura foi composta. Entre os integrantes, estavam representações do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Forquilha, Coordenação Municipal da RIS, Cáritas Diocesana de Sobral, Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado do Ceará (FETRAECE), representação da Associação Comunitária, o coordenador Sindical de Base da comunidade e, algumas vezes, o poder municipal, através da Secretaria de Agricultura, mas esta participação depende de cada município e de como as articulações entre poder municipal, estado e as comunidades são estabelecidas.

Por ser um evento tão representativo para a sociedade camponesa e pela dimensão que tem ganhado enquanto patrimônio cultural, além da visibilidade que a RIS Sobral ocupa no estado, muitos atores sociais veem no espaço uma oportunidade para visibilidade política e divulgação do trabalho realizado por suas instituições junto à Rede, como forma de autopromoção. Ao mesmo tempo, o espaço serve como ponte para visibilidade do trabalho realizado com as Sementes Crioulas no estado e os processos desencadeados dessa organização, como a Festa da Colheita, produção agroecológica e a formação política de base.

Segundo Arruda (2021), as performances (Turner, 2015) político-narrativas⁴⁴ apresentam indicadores relevantes da multiplicidade de interesses em jogo no campo político de uma determinada sociedade, assim como podem conter importantes elementos representativos dos diversos grupos identitários que compõem os campos de resistência dos excluídos que buscam mais visibilidade e representatividade social e política.

O dia seguinte (22 de julho de 2023) iniciou muito cedo, pois, antes mesmo de o sol raiar, já era possível ouvir as “prosas”⁴⁵ entoadas ainda das redes armadas sob o alpendre da

⁴⁴ Arruda (2021) define o conceito de performance político-narrativa como uma série de atos intencionais que contêm e representam narrativas, que possibilitam a apresentação de conteúdo a um público, com o qual se pretende interagir comunicativamente e afetá-lo, produzindo reações nos mais diversos aspectos e âmbitos da vida social.

⁴⁵ “Prosa”, na linguagem camponesa e cearense, em particular, denota um sentido de “brincadeira”.

casa sede. O colorido das redes que acolhiam os corpos⁴⁶ naquele lugar e o cheiro do café fresquinho, aos poucos, ia tomando conta do espaço indicando o despertar.

As filas começaram se formar: fila do banho, do café e a caminhada em procissão das pessoas que estavam em outras casas. O desejo era de logo se aglomerarem no pátio da casa sede, partilharem o alimento e seguirem com a programação do dia.

Figura 14 - Alimentação coletiva



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022).

As palmas sintonizadas com o canto de abertura convidavam a todos que ainda estavam dispersos a se aproximarem do espaço da formação: *“Companheiro, me ajude, que eu não posso andar só, eu sozinho ando bem, mais com você ando melhor”*. A escolha da toada de abertura me chamou atenção no sentido de que a musicalidade escolhida para animação dos momentos é muito significativa para o momento que vivenciam enquanto Rede de cooperação.

A atenção da manhã foi dedicada a discussões e reflexões sobre a realidade social, política e econômica do país. A mediação foi feita por um membro da FETRAECE, que afirmava: *“este é um espaço alegre, mas principalmente de reflexão para mulheres, jovens e homens agricultores e agricultoras perante os retrocessos e desafios ocorridos dentro do cenário atual”*. A fala fez referência a uma série de retrocessos enfrentados em todo país, desde a quantidade de vidas perdidas pela negligência política da direita bolsonarista, durante a pandemia de Covid-19, quanto aos cortes orçamentários no tocante às políticas de apoio e fomento da agricultura familiar e de programas basilares, como o Programa de Aquisição de

⁴⁶ Ao me referir a corpos, nesta pesquisa, tomo como base a noção de Judith Butler (1993) para afirmar como os corpos podem ser locais de resistência. Dentro do campesinato e na Festa da Colheita, os corpos também ganham forma e significado através de suas práticas, que podem ser discursivas ou não.

Alimentos (PAA) e o Programa de Aquisição de Alimentos Escolares (PNAE).⁴⁷

O espaço aberto para debates gerou várias tensões entre os camponeses, principalmente entre integrantes de grupos religiosos que experimentam e atribuem significado à política a partir do campo religioso. Esse caso específico demonstra questões que considero importante tratar; primeiro, que a vida em comunidade, por mais semelhante que seja em uma determinada sociedade - neste caso mais específico, a sociedade camponesa -, a classe não é homogênea e se forma a partir de múltiplas percepções da realidade.

O período da tarde esteve reservado às discussões sobre conservação das sementes e plantio no tempo certo. A formação foi conduzida pelo Instituto Federal do Ceará - Sobral e Cáritas de Sobral, responsável pela montagem da programação. Não demorou muito para que o público se dispersasse da programação prevista. O motivo: o tratamento do “óbvio”. Muitos me relataram: “Querem ensinar padre a rezar missa?”. Muitos comentavam entre eles de que forma os pais faziam em suas casas e como esse saber passou por gerações sem nenhum fracasso.

Este espaço me trouxe profundas reflexões sobre um erro comumente cometido por instituições assistencialistas e as próprias instituições de conhecimento sobre como se dão as construções de alteridades. Um plano perfeito para ensinar camponeses como fazer o que, há anos, já fazem, inclusive, comprovados por suas próprias observações empíricas e experimentais nos seus laboratórios a céu aberto, que são os roçados e quintais. E esse conhecimento, que é passado de geração a geração, comprova melhor que ninguém como essas tradições culturais, que são memórias vivas, são eficientes.

⁴⁷ Ambos os programas foram criados no âmbito abrangente da política de combate à pobreza, durante o governo Lula (2003-2010), e objetivam a constituição de estoques públicos de alimentos produzidos por agricultores familiares e para a formação de estoques pelas organizações da agricultura familiar. Os fornecedores são os agricultores familiares, assentados da reforma agrária, silvicultores, aquicultores, extrativistas, pescadores artesanais, indígenas, integrantes de comunidades remanescentes de quilombos rurais e demais povos e comunidades tradicionais, que atendam aos requisitos dos programas. É importante destacar que alguns municípios integrantes da RIS comercializam para o PNAE em seus municípios e esse alimento retorna para muitas escolas localizadas em zonas rurais.

Figura 15 - Camponeses reunidos no alpendre da Casa de Sementes do Assentamento Pocinhos para momento de formação



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022).

Sobre os rumores durante a “palestra”, os camponeses não querem se indispor com as instituições parceiras. Há um sentimento de gratidão pelo trabalho desenvolvido junto à Rede e, portanto, aqui se evidencia um pequeno fragmento do fazer política, onde as interpretações que os grupos fazem sobre as instituições e objetos com os quais lidam no seu cotidiano são também responsáveis por discursos e ações empreendidas.

À tardinha, houve tempo livre para jogos de futebol masculino e feminino, no campinho da comunidade, assim como para que, quem não se sentisse à vontade, pudesse conhecer mais da localidade, transitando livremente pela comunidade, ou até mesmo se prepararem para o grande momento da Festa.

A hora da Festa chegou. No pátio, mesas foram colocadas para receberem os alimentos levados para a partilha. A fogueira foi acesa e a toada⁴⁸ do forró pé de serra começou a ressoar na comunidade. Foi o anúncio do festejo do povo camponês.

A abertura da celebração parte de uma mística que é compreendida como uma conexão profunda que busca a compreensão do mundo e da vida, que pode ser conduzida por meio da arte, da poesia, da música, ou de outras formas de expressão humana. Indursky (2008) afirma que, inicialmente, a mística pode ser compreendida a partir do universo religioso, e que trata de uma relação do homem com Deus, por meio da contemplação.

Na linguagem dos movimentos e organizações populares, o termo/conceito de “Mística” é muito comum, principalmente àqueles que tenham na composição de suas trajetórias a religião como origem. Em cada movimento ou organização, o termo ganha abordagem e conotação

⁴⁸ As toadas são músicas de melodias simples e fáceis de serem cantadas, fazendo com que haja maior participação do público. As músicas do nordestino Luiz Gonzaga são toadas que geralmente são tocadas e cantadas nas celebrações de colheita.

diferente. Para Indursky (2008), a mística é uma prática político-ritualística e acontece nos mais diversos espaços como congressos, encontros e assentamentos, tomando variadas formas que potencializam a capacidade de luta: “Hinos, poesias, cantos, palavras de ordem, encenações, para apenas apontar alguns exemplos. E, nelas, os símbolos do movimento sempre se fazem presentes e são parte constitutiva da mística bandeiras, bonés, camisetas, foices, pás [...]” (Indursky, 2008, p. 113).

Dessa forma, a mística é um ritual que aponta para um gesto de resistência, autoafirmação e reafirmação do sujeito. No caso dos camponeses e na Festa da Colheita, ela garante a construção de uma identidade. É a partir dela que os sujeitos reafirmam suas convicções e o pertencimento ao movimento camponês e, neste caso específico, o pertencimento à Rede de Intercâmbio de Sementes.

É no momento da mística que é realizado um ofertório em agradecimento a Deus pelo bom inverno, pelas chuvas e pela farta produção. Este é um dos momentos mais simbólicos da Festa antes da partilha de alimentos. É quando os camponeses entram com Sementes Crioulas, ferramentas de trabalho (enxada, foice, facão, chapeús de palha etc.) e cestos de alimentos vindos dos roçados e quintais.

Figura 16 - Mística de abertura da Festa da Colheita em Jordão, Distrito de Sobral



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2016).

Por ser um rito de base da igreja católica, em alguns casos, há comunidades que convidam o padre da paróquia para celebração. Sendo desta forma, embora os camponeses de credo evangélico se envolvam em todo o processo, na parte celebrativa, que segue ritos do cristianismo, eles não participam. Ocorre que a festa não é feita só de pétalas de rosas. Já que ela é uma representação da vida em sociedade, entre seus componentes imprescindíveis está a

conflituosidade (Marques; Brandão, 2015), mas, em Pocinhos, a bênção dos alimentos ocorreu de forma coletiva e ecumênica e todos puderam participar compartilhando do mesmo espaço.

O espaço da Festa geralmente é organizado em uma lógica circular. Quando se forma um círculo, todas as pessoas ficam em igualdade, não se criam hierarquias e se permite que todos/as sejam vistos/as, contribuindo para a autoestima de todos/as os/as participantes. Essa memória me remeteu aos escritos de Paul Singer (2002), ao tratar sobre as primeiras noções de Economia Solidária, contrapondo-se ao modelo capitalista de organização socioeconômica, onde a sociedade se organiza a partir de hierarquias.

Na Festa, é encontrada uma grande variedade de alimentos: bolos diversos (jerimum, batata doce, mole, milho verde, tapioca etc.), canjica, mugunzá (doce e salgado), baião de feijão maduro, galinha caipira, porco, carneiro, doces (mamão, leite, jerimum etc.), tapioca, cuscuz, sucos diversos de frutas produzidas nos quintais agroecológicos das famílias (goiaba, acerola, limão, caju, manga etc.), saladas com alface, rúcula, tomate cereja e outras inúmeras variedades.

Figura 17 - Alimentos partilhados para Festa da Colheita Comunitária em Pocinhos no ano de 2023



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

Em outro trabalho (Teixeira, 2020) aponte, a partir de um levantamento de dados realizado no ano de 2016, que, na microrregião de Sobral, aconteceram 35 Festas da Colheita entre festejos comunitários, municipais e microrregional. E que, para o processo de organização, foram realizadas cerca de 90 reuniões, 60 mutirões e 136 equipes de preparação e organização formadas, com a participação de 40 apresentações culturais. Além disso, cerca de 135 tipos de comidas foram compartilhados.

Em comparação com festas de iniciativa privada, nas quais se paga para entrar e para consumir qualquer tipo de alimento/bebida, a da Colheita tem entrada gratuita e todos se alimentam igualmente de tudo o que está disponível no local. Além disso, comer do que se planta é colher com sabedoria frutos de uma vida mais saudável, e é neste espaço onde orgulhosamente demonstram a sua riqueza.

Durante e após a refeição comunitária, os artistas fazem a animação através de suas manifestações culturais (poesias, forró pé de serra, quadrilhas, Reisado etc.).

Figura 18 - Animações culturais da Festa - forró pé de Serra e Reisado das Caretas



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022).

Esse é o ponto alto da Festa. A animação é feita por artistas locais que, às vezes, estão até esquecidos depois da chegada da música eletrônica. Portanto, é uma forma de rememorar e valorizar as veias artísticas que existem localmente.

A Festa da Colheita camponesa é resistência de dentro para fora, e desempenha um papel de grande relevância para a desconstrução do semiárido como um lugar inviável, mas como uma construção a partir da produção agroecológica e da fartura. É celebrando a colheita que os camponeses exibem sua riqueza, suas possibilidades e tradições, demonstrando também o

fortalecimento de uma identidade cultural e coletiva dos povos do campo, que dá sentido às suas vivências.

No rito, é onde acontece o encontro de pessoas e histórias que se confraternizam, se identificam e veem nas lutas diárias uma oportunidade de transformar suas comunidades em lugares possíveis e dignos de se viver. Em dois municípios da RIS (Forquilha e Morrinhos), a Festa está marcada no calendário de eventos do município, o que, para os integrantes da RIS, é uma grande conquista e reconhecimento.

Para **Cumarú**, que é um dos coordenadores da RIS microrregional, a Festa da Colheita é um evento que propicia essa visibilidade, mostrando que estão se movimentando em seus espaços, além disso, é uma retomada de sinais de partilha e solidariedade que, com o tempo, já estavam se perdendo:

“Pra você ver, você deve morar na cidade, mas na comunidade a dinâmica é diferente se um precisa de uma coisa o outro tá lá pra ajudar, mas porque que eu to dizendo isso? Porque até isso já estava se perdendo no campo com o uso das tecnologias, era cada um no seu canto lá isolado, e eu acho que o que ajudou a melhor foi esse contato, esses encontros, a gente sai pra ver gente ao vivo mesmo e conhecer as histórias“ (Entrevista realizada em julho de 2022 - Festa da Colheita em Pocinhos).

No tocante ao debate geracional, a Festa da Colheita, através da Rede de Intercâmbio de Sementes, tem buscado maior envolvimento deste público. Recorrentemente nas falas dos camponeses integrantes da RIS, percebe-se a preocupação em envolver as juventudes. A proposta é integrar diferentes idades e muitos jovens têm demonstrado interesse em participar da organização da Festa.

A expressão “estude para deixar o cabo da enxada”, por muito tempo, foi corriqueiramente falada pelos camponeses aos filhos. Alguns camponeses relataram já ter apontado aos filhos que quem não se dedicasse aos estudos “ia parar no cabo da enxada”, baseado em uma visão de que a relação com a terra era algo atrasado. Visão esta que é disseminada pelas grandes mídias capitalistas, interessadas em mão de obra barata e até mesmo pelas escolas cartesianas.

O campo é geralmente associado a um lugar de atraso, sem coisas importantes e “modernas” como nas cidades. As juventudes que estudam nas cidades sentem-se continuamente motivadas a sair do campo para a cidade. A verdade é que existe uma grande mobilização social e ideológica para que essa migração realmente ocorra, e as juventudes possam servir à lógica capitalista, conforme afirma Sousa (2002, p. 75): “A migração dos jovens do campo para a cidade é incentivada por uma ideologia que associa o urbano ao

desenvolvimento e o rural ao atraso, reforçando uma lógica de subordinação do campo às necessidades do capitalismo urbano”.

Neste sentido, a Festa da Colheita é um estímulo para a empreitada de recriar a cultura e reforçar o gosto da juventude pelo projeto camponês que vem constantemente sendo ameaçado, até mesmo por políticas de estado que desvalorizam os modos de vida no campo e prometem projetos profissionalizantes que se alinham à lógica do capital e do agronegócio. Aos poucos, o número de jovens participantes das Casas de Sementes têm aumentado, sendo uma oportunidade de somarem-se às Casas e colaborarem com a organização nas comunidades.

Sobre isso, **Jurema Branca** afirma que a Festa da Colheita contribui em vários aspectos, em especial à questão da maior visibilização das mulheres e envolvimento das juventudes, para que a agricultura camponesa seja vista com outros olhos:

“A gente vê o êxodo rural muito grande nas comunidades e a festa ela ajuda na organização das mulheres em si, porque as vezes é visto só o que os homens realizam né? Porque as mulheres têm todo um envolvimento no plantio. E os jovens também pra eles começarem a pensar de uma forma diferente a agricultura” (Entrevista realizada em julho de 2022 – Festa da Colheita em Pocinhos).

Após a noite longa de Festa, o dia seguinte foi utilizado como espaço para avaliar os momentos, agradecer a comunidade pela acolhida carinhosa e cuidadosa. Um momento que considero bastante significativo é o de agradecimento às mãos cuidadosas que preparam os alimentos. As mulheres que estão nos bastidores garantindo que não falte o alimento na hora certa são agradecidas pela dedicação e cuidado no preparo das refeições do público participante.

É também neste espaço que o balanço do que foi doado por cada município para a Festa é realizado. Geralmente, as comunidades fazem doação de algum alimento que será levado pelas representações participantes como contribuição para realização do encontro e Festa. Em 2022, acompanhei esse balanço feito pelas caravanas municipais e foi estimado cerca de R\$ 3.648,00⁴⁹ de alimentos vindos da produção camponesa (macaxeira, jerimum, farinha de mandioca, feijão, carne caprina, suína, polpa de frutas, verduras dos quintais camponeses etc.).

Portanto, é possível afirmar que a riqueza do povo camponês está nos modos de vida, na sua cultura e na produção local. A Festa da Colheita reflete a realidade social daquele espaço camponês, e, portanto, contribui para uma leitura e compreensão do campo. Ao mesmo tempo,

⁴⁹ Embora a produção camponesa se organize em contraposição ao modelo capitalista e tome como base a solidariedade, como eles próprios afirmam, a mensuração dos produtos que são doados para os encontros/festas é realizada de acordo com a valoração do mercado formal capitalista. É para eles uma forma de “compararem” e visualizarem as economias feitas, a partir do que produzem, e reafirmarem a grandeza de sua produção, já que não precisam comprar “de fora” para realizarem suas atividades.

é a quebra do cotidiano de homens e mulheres de comunidades camponesas para festejar, agradecerem a colheita e se confraternizarem.

É nesse emaranhado de significados de plantar, colher e festejar que a Festa da Colheita apresenta seu verdadeiro potencial. Desvirtua-se da seca e, ao mesmo tempo, das “Cercas”, provando que, quando os camponeses têm acesso à terra, água e sementes, a produção e a fartura são garantidas.

3.3 O simbolismo e a dimensão religiosa

A região no Nordeste é marcada por um caleidoscópio cultural de ritos, feiras, festas, cantos, mitos, crenças e modos de vidas culturalmente construídas. Os rituais religiosos e festivos são uma constante na comunidade camponesa, conforme apontam diversos estudos que integram a análise que segue. Percebe-se forte tendência das práticas e crenças religiosas, místicas, superstições e mitos. Portanto, não foi difícil identificar certo sincretismo religioso de pessoas que se curam com ervas medicinais, buscam as rezas, ao mesmo tempo que fazem promessas, interpelando os santos católicos.

Lévi-Strauss (1970) afirma que existem duas formas de ver os mitos; alguns pretendem que cada sociedade exprima sentimentos fundamentais nos mitos, tais como o amor, o ódio ou a vingança, que são comuns a toda a humanidade, e para outros, no caso dos interlocutores da pesquisa, os mitos constituem tentativas de explicação de fenômenos dificilmente compreensíveis, principalmente no tocante à religiosidade. Nas visitas que fiz à casa das famílias, observei a presença de oratórios, quadros e imagens religiosas, entre outros.

A festa e a religiosidade apresentam-se como um modo privilegiado de organização em torno do princípio da reciprocidade⁵⁰, como proposto por Mauss (1988). Para o autor, este princípio vai além da troca, referindo-se ao ritual da troca como mais importante que as coisas trocadas em si, já que não se trocam apenas coisas economicamente úteis, mas, antes de tudo, gentileza, banquetes, ritos, danças, festas etc. A reciprocidade está alicerçada no movimento de dar, receber e retribuir, constituindo laços sociais, alicerçado na obrigação associada à liberdade de retribuir.

⁵⁰ Há uma discussão específica sobre o princípio da reciprocidade no campesinato, trazida por Eric Sabourin (2009), que destaca que a reciprocidade é um princípio central nas práticas sociais e econômicas do campesinato. Para ele, as relações de reciprocidade ajudam a construir e manter a coesão social, a solidariedade e a sustentabilidade das comunidades rurais. Essas práticas não são apenas econômicas, mas também culturais e sociais, proporcionando uma rede de apoio mútuo que fortalece a resiliência das famílias e das comunidades rurais.

A Festa da Colheita, portanto, alimenta laços de sociabilidade entre os membros da comunidade e de outras comunidades da microrregião ligados às Casas de Sementes por meio da RIS Sobral, através de convites para participação da celebração da colheita com abundância de comida, apresentações culturais e alegrias que serão igualmente retribuídas em anos posteriores, conforme as celebrações de colheita vão sendo realizadas. Na Festa, a circulação de alimentos é um espaço privilegiado pela Dádiva da oferta a vizinhos, amigos, familiares e a própria divindade (seja qual for).

Para além da Festa, observei que as relações recíprocas atravessam realidades sociais e podem ser traduzidas pela liberdade de dar, receber e retribuir por meio da troca de favores como realização de “trabalhos trocados”, de modo que estas trocas possuem um aspecto simbólico que fortalece os laços de comunidades e de famílias. Por isso, ofertar, compartilhar, comer, beber e festejar constitui um momento dedicado ao sagrado, onde a vida coletiva é realimentada e se expressam de maneira expandida as relações de reciprocidade e dádiva, presentes também no cotidiano.

Os símbolos culturais presentes no cenário da festa referem-se à tradição da Festa da Colheita e da cultura regional. Assim, o espaço de celebração mobiliza itens e/ou objetos com significações que encontram sentido a partir do universo camponês, como as ferramentas de trabalho, as sementes, a comida, os frutos da colheita e a fogueira. As simbologias que vão sendo criadas são representações de um ideal, de uma história e uma causa camponesa popular e desempenha um papel fundamental na caminhada da RIS Sobral e na vida dos camponeses/as que dela participam.

Nesse sentido, como me foi explicado, é importante a presença de elementos que caracterizem o trabalho dos camponeses e a produção (por exemplo, enxadas, chapéus, “ legumes” , frutas e sementes); As Sementes, que representam a construção da autonomia e soberania camponesa no tocante à produção e alimentação. A comida, no sentido defendido por DaMatta (2001, p. 56), “define não só aquilo que é ingerido como também aquele que ingere”.

Figura 19 - Ferramentas de trabalho e sementes em espaço de acolhida da Festa da Colheita microrregional em Pocinhos



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022).

Pode-se afirmar, portanto, que comer é mais do que apenas um ato de sobrevivência, mas é também um comportamento simbólico e cultural. DaMatta (2001), ao estudar a comida brasileira, defende que toda substância nutritiva é um alimento, mas nem todo alimento é comida. Alimento, como aponta o autor, é universal e geral, é o que o indivíduo ingere para se manter vivo. Já a comida ajuda a situar uma identidade e definir um grupo, uma classe, uma pessoa. Sendo assim, a comida é o alimento transformado pelas representações sociais e culturais e, portanto, comer é também um ato político.

Os frutos da colheita representam a dádiva divina (Mauss, 1988), mesmo em tempos de pouca chuva, ao mesmo tempo representam formas de agradecer e de pedir condições para uma boa colheita no novo ano. Assim, são ofertados os melhores frutos dos roçados e dos quintais em agradecimento a Deus.

A fogueira, que também é marca registrada nos festejos juninos, é sinal forte nos festejos da colheita. Por serem realizadas no período de inverno, a fogueira é uma oportunidade de manter a comunidade aquecida, além disso, para os interlocutores da pesquisa, “*a fogueira é bonita demais e não pode faltar*”, conforme me afirmou **Anjico** durante uma conversa na comunidade.

Figura 20 - Fogueira acesa durante a Festa da Colheita microrregional em Pocinhos



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022).

Ribeiro (2002, p. 29) afirma que as fogueiras, em tempos passados, simbolizavam também uma forma de proteger as lavouras dos maus espíritos e, desta forma, sempre estiveram ligadas aos momentos de colheita: “As fogueiras eram acesas, para afastar maus espíritos. Tais festas eram ocasiões de comemorações também de noivados e casamentos, mais abundantes nos anos de boa colheita. A fogueira sempre centralizou a festa”.

Por fim, a Festa enquanto espaço simbólico denota uma linguagem capaz de expressar muitos planos emblemáticos. Segundo Jung (2008), os símbolos são importantes não apenas para o crescimento e estabilidade psicológica do indivíduo, mas também desempenham a função social muito importante de unir o indivíduo à coletividade.

3.4 O significado da Festa para os camponeses

O sistema capitalista, de muitas formas, vem destruindo o campo, sua cultura e seus modos de vida. Há algumas décadas, a imagem do campo como um lugar de atraso vem sendo disseminada pelo agronegócio. O mal que causam aos solos, às águas e natureza, como um todo, nega ao povo camponês sua identidade.

Reside no campesinato uma potência revolucionária, assim como nas Sementes Crioulas e no sonho de vencer a fome e a miséria. A destruição da Caatinga e da biodiversidade vem acontecendo de maneira avassaladora nos territórios camponeses, e com isso, o povo camponês é tentado a entrar na lógica do mais fácil e do mais rápido, adentrando no funcionamento do mercado e aderindo às soluções mercadológicas do agronegócio, como sementes híbridas e transgênicas.

Nesse contexto, o povo camponês tem buscado não só resistir, mas propor a convivência com o ambiente, a natureza e retomar as bases ancestrais de uma agricultura sustentável e ecológica. No tocante à Festa, a celebração acontece anualmente em todas as suas instâncias (Comunitária, Municipal e Regional) como forma de fortalecer e agradecer até mesmo no período em que a colheita é pouca.

Os camponeses costumam afirmar que “o pouco com Deus é muito e o muito sem Deus é nada”, então, a Festa como celebração e agradecimento engloba não só os frutos do roçado e do quintal, mas também a água da cisterna, a forragem dos animais e o dia a dia no campo.

Um dos questionamentos que me trouxeram até aqui foi: “O que de fato os motiva a festejar? A largarem suas lidas, pegarem estrada e vivenciarem a Festa? Marques e Brandão (2015) afirmam que as festas são unidades onde coexistem sujeitos, motivações, elementos, estruturas, poderes, tempos e espaços diferentes⁵¹. Todos eles se distribuem, relacionam, fundem e comunicam em redes.

Dona **Umburana** afirma que a ida para atividades da RIS, como a Festa da Colheita, se dá pela curiosidade de adquirir novos conhecimentos, conhecer outros lugares, realidades e histórias. Sem contar na animação que é proporcionada nos momentos de entrosamento e socialização dos participantes:

⁵¹ As festas geralmente acontecem entre meio e finais de semana (quinta, sexta e sábado), subvertendo a ideia do tempo capitalista, ao criar um espaço temporal alternativo onde as regras e ritmos cotidianos do trabalho e da produção são suspensos. No contexto capitalista, o tempo é rigidamente organizado em função da produtividade e do lucro, com uma clara separação entre tempo de trabalho e tempo de lazer.

Ai pra a festa é foi uma mudança de vida total, tanto pra conhecer outros lugares como pra outras coisas [...] eu aproveito esse encontro pra tudo. Pra encontrar as pessoas, pra conhecer as histórias das outras pessoas e pra me divertir ao mesmo tempo né? E ter o conhecimento e aprender mais e mais. Quando eu chego no encontro eu vou anotando muita coisa e quando eu chego na minha comunidade já é pra fazer outro encontro com as mulheres, pra mostrar foto, dizer como foi, repassar tudo. E eu digo pras mulheres que remédio de mulher estressada, de mulher com depressão é reunião. Eu digo a elas que eu fiquei boa de uma grande depressão indo para as reunião e isso tudo é muito aproveitável. Muitas mulheres estão saindo de quadro depressão por causa dos encontro, que é muito animado é aquela alegria, a gente aprende tanta coisa. E mulher não pode ficar só em casa, que mulher que fica só em casa fica doente” (Entrevista realizada em julho de 2022 – Festa da Colheita em Pocinhos).

A Festa, por meio de sua linguagem característica, é um dos mecanismos que contrabalançam a estrutura de opressão e poder que se enveredam pelos aspectos alienantes da economia. É por meio das festas populares e, nesse caso específico, da Festa da Colheita, que a sociedade camponesa recupera seu sentido de participação e de construção de identidade.

Segundo Amaral (1998), a Festa é capaz de apreender o sentido de cidadania proporcionando um despertar da consciência. Por essas e outras razões, a autora atribui às festas uma tríplice importância: cultural, modelo de ação popular e produto turístico. Aproximando a tríplice importância das festas empreendida por Rita Amaral, a Festa da Colheita Camponesa tem grande importância cultural por colocar em cena valores, projetos, artes e devoção como um modelo de ação popular por onde também se constroem processos de resistências, e como produto turístico, no sentido de ser uma alternativa capaz de valorizar a cultura camponesa.

Bastos (2019, p. 150) afirma que os festejos populares aparecem com destaque nas campanhas e movimentações em torno do associativismo camponês, na busca por direitos e justiça no campo: “Nesse sentido, danças, cantorias, repentes, versos, enunciaram marcas culturais dos camponeses carregadas de sentidos políticos questionadores da estrutura agrária brasileira, contribuindo para escrita de mais um capítulo da história social da teimosia no Brasil”.

Amaral (1998), em ‘Festa à Brasileira’, diz que a festa é, conforme o contexto, capaz de celebrar, ironizar e sacralizar a experiência social. É capaz, ainda, de resolver, pelo menos no plano simbólico, contradições da vida social, apontando, assim, para seu poderoso papel de mediador entre as estruturas econômicas, bem como entre as diferenças sociais e culturais, estabelecendo pontes entre grupos, realidades e utopias, além de suas mediações simbólicas entre o sagrado e o profano.

Em entrevista com Dona **Janaguba**, a Festa foi apontada como uma oportunidade para conhecer realidades próximas e divergentes no sentido de fortalecer as lutas, sejam elas por

terra, sementes, água etc. Indagada sobre as motivações de se deslocar de tão longe para participar do festejo, ela afirma:

Exatamente a questão de a gente saber que é através da rede que vai se espalhando a iniciativa de cuidar das sementes, as experiências, as informações para que a gente possa mudar a nossa realidade, e que a gente venha pra gente se fortalecer, conhecer as outras experiências, as experiências das outras comunidades e que volte essas experiências para a nossa comunidade pra gente se fortalecer lá na base também (Entrevista realizada em julho de 2022 - Festa da Colheita em Pocinhos).

As festas se efetivam como produto de forças coletivas, ao animar a comunidade, celebrar alguma coisa que tem valor para um povo, oferecer algo a ser compartilhado, com o resultado de unificar e exaltar o orgulho comunitário. Do ponto de vista do consumo, é uma oportunidade para o lazer e a vivência de experiências socioculturais fora da rotina diária.

No contexto de lutas sociais, os camponeses foram construindo um sistema de lutas partilhadas inscritas em seu cotidiano pela sobrevivência e a reprodução social. A Festa como uma forma de resistência reafirma um modo de vida que busca garantir o direito pela autonomia no campo, representada pela referência à vida na fartura. A Festa da Colheita, por meio das mediações da sua teia significativa, permite a reelaboração imaginária das noções de identidade regional e da cultura local.

4 PRODUÇÃO CAMPONESA, COMIDA E CULTURA

Neste capítulo, trago uma abordagem da comida como um instrumento importante para compreender as relações sociais existentes, bem como fatores culturais, históricos, ambientais e econômicos. Falar de comida é também entrar no universo da produção de alimentos, é pensar na organização do espaço rural, dos saberes tradicionais dos camponeses e do papel político que o comer cumpre. Portanto, nesta seção, destaco o papel da comensalidade na Festa e na vida dos/as camponeses/as.

4.1 Alimentação como sociabilidade e como ato político

Ao tratar de comida no universo camponês, é imprescindível que a temática da produção de alimentos seja abordada conjuntamente; o comer se relaciona à uma série de fatores que são essenciais para a vida, tal como: saúde, segurança e soberania alimentar. Além disso, a maneira como os alimentos são produzidos interfere não somente na saúde de quem vai comê-los, mas também no meio ambiente.

A agricultura data mais de 10 mil anos e se constituiu a partir de um longo processo de observação e experimentação ancestral, assim, outras gerações foram herdando os conhecimentos acumulados por gerações anteriores. Segundo Vargas e Silva (2015), por muito tempo, homens e mulheres viveram do trabalho com plantas e animais, e muitos povos indígenas cultivaram alimentos sem deixar de preservar a floresta. A Agroecologia é o método que muitas comunidades camponesas vêm utilizando para produzir de forma diversa cuidando da natureza. Diferente do latifúndio, que produz em grandes propriedades, no sistema de monocultura, com interesse de acumular recursos e não de alimentar as pessoas e nem cuidar do planeta.

Mesmo com o avanço da Revolução Verde e suas tecnologias, os camponeses têm resistido e teimado em produzir alimentos livres de veneno, tanto é que, conforme abordado anteriormente nesta pesquisa, o campesinato é responsável por 70% da produção que chega até as mesas dos brasileiros, ou seja, um terço de toda alimentação do país vem da agricultura de base familiar e camponesa, e não do agronegócio, que exporta entorno de 90% do que produz⁵².

⁵² SOUZA, Vivian. Recordes no agronegócio e aumento da fome no Brasil: como isso pode acontecer ao mesmo tempo? **G1**. São Paulo, 11 ago. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2021/08/11/recordes-no-agronegocio-e-aumento-da-fome-no-brasil-como-isso-pode-acontecer-ao-mesmo-tempo.ghtml>. Acesso em: 15 dez. 2023.

Os maiores volumes produzidos pelo agronegócio é cana-de-açúcar, soja e milho, que abastece principalmente a indústria e menos o prato de quem está passando fome. É por isso que, mesmo quando cresce a produção do agronegócio, não significa que mais pessoas irão se alimentar.

A alimentação está na base de tudo e, por mais que se fale que comer é um dos direitos básicos e vitais da humanidade, sabe-se que o sistema político e econômico não consegue assegurar condições dignas de alimentação para uma grande parte da população e, desta forma, comer acaba sendo um ato político. Em junho de 2022, uma pesquisa da Rede Penssan indicou que 33 milhões de pessoas no Brasil passavam fome todos os dias, e mais da metade da população brasileira, no mesmo período, estava sofrendo insegurança alimentar, ou seja, quando não se tem comida garantida todos os dias⁵³.

Outro ponto importante é que a produção do agronegócio (capitalista) é pautada por um modelo que não produz comida saudável quando, por exemplo, aplicam tecnologias destrutivas desmatando a floresta e introduzindo sistemas de monocultivos que, quando chegam à mesa, estão carregados de agrotóxicos e hormônios que são altamente prejudiciais à saúde e ao meio ambiente.

O alimento tem um poder transformador e é uma das ferramentas que pode ajudar a melhorar a saúde individual e coletiva quando, de fato, se ingere comida de verdade. O comer é um ato político⁵⁴, a partir do momento em que se tem poder de escolha do que se poderá comer, principalmente com a diversidade de vitaminas, entre outros elementos que nosso organismo precisa para um bom funcionamento. Quando não podemos escolher, devido a determinados fatores, inclusive o econômico, podemos até encher a barriga, mas ingerindo algo que não supre as necessidades básicas do nosso corpo.

Presenciamos, atualmente, uma Sindemia Global⁵⁵ com as mudanças climáticas, doenças relacionadas à alimentação e à desnutrição. Na publicação do relatório da comissão The Lancet (2019), a sindemia global engloba fome e desnutrição, mas também doenças não transmissíveis que levam a óbito e que estão ligadas à alimentação e mudanças climáticas. Esses dados apresentados têm uma relação direta com o alimento no sentido de como é produzido, como é

⁵³ MAIS de 33 milhões de brasileiros passam fome todo dia, revela pesquisa. **Jornal Nacional**. Rio de Janeiro, 8 jun. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/06/08/mais-de-33-milhoes-de-brasileiros-passam-fome-todo-dia-revela-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 10 dez. 2023.

⁵⁴ FERNANDES, Sarah. Por que comer é um ato político? **Brasil de Fato**. São Paulo, 6 jun. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/07/06/por-que-comer-e-um-ato-politico>. Acesso em: 10 dez. 2023.

⁵⁵ O conceito de Sindemia Global foi apresentado pela revista científica de Medicina The Lancet no ano de 2019, em um relatório comissionado, e incorpora uma visão sistêmica sobre a alimentação, seus impactos na saúde e no meio ambiente, relacionando a má nutrição em todas suas formas e as mudanças climáticas.

preparado e como é consumido.

Segundo do relatório da comissão The Lancet (2019), as doenças crônicas não transmissíveis são responsáveis por 70% das mortes por ano e, com isso, é possível refletir que, através da comida, é possível diminuir a incidência desses casos. O sistema de produção capitalista avança cada vez mais sobre o ato de comer, reduz o tempo do preparo e do consumo da refeição. O comer rápido sem nenhum senso de coletividade e padronizado leva a fortalecer o capitalismo, o sistema convencional do agronegócio e a indústria médica e farmacêutica, produzindo comidas ultraprocessadas, rápidas, envenenadas, baratas e de grande durabilidade.

A política no Brasil ainda adota um modelo de produção artificial que é muito impulsionada pela bancada ruralista no congresso e que continua inviabilizando que sejam difundidos modelos de produção alternativa, como a agricultura agroecológica. Do ponto de vista ambiental, a agricultura clássica do agronegócio tem um impacto ambiental muito grande, portanto, é a partir de uma agricultura alternativa que se poderá recuperar os impactos já causados pela agricultura que degrada, no sentido de mitigar o aquecimento global e, até mesmo, resfriar esse processo a partir de como a prática de produção de alimentos é realizada.

O sistema global está pautado em uma economia capitalista que não funciona para todo mundo. O Brasil é visto como um grande produtor de alimentos, mas, na verdade ele, é produtor de *commodities*⁵⁶. Dito isto, a produção camponesa é uma oposição à esse modelo monocultor, uma vez que não se utiliza de venenos, agrotóxicos, que preserva o meio ambiente e respeita os territórios indígenas, quilombolas, ribeirinhos etc.

Portanto, é importante ressaltar que, quando se trata de agroecologia, o termo passa por diversas compreensões, inclusive de apropriações do próprio agronegócio. Assim, é imprescindível ter em mente que o agroecológico é orgânico, mas não necessariamente o orgânico é agroecológico, uma vez que existem monoculturas grandiosas de orgânico evidenciando um modelo de produção.

É preciso refletir, portanto, sobre o que de fato é uma comida de verdade. Existem estudiosos que apresentam o alimento como um elemento marcador, estruturante na organização social das pessoas, então, a revolução agrícola foi um marco civilizatório do ato de cozinhar e manipular os alimentos. E muitos filtros impedem que olhemos para a comida como uma construção humana, e a terceirização dos alimentos em um mundo caótico esquematizado pelo sistema capitalista evidencia isso.

⁵⁶ *Commodities* são produtos de origem agropecuária ou de extração mineral, em estado bruto ou pequeno grau de industrialização, produzidos em larga escala e destinados ao comércio externo.

Teixeira (2020) afirma que a alimentação, aos poucos, também está sendo mecanizada com eletrodomésticos, uma “glamorização” do fazer comida por meio de grandes chefes que, na maioria das vezes, são homens. E, desta forma, a comida vai desenvolvendo uma estratificação de classes sociais, fazendo também com que a população deixe de viver suas relações culturais e alimentares.

Pesquisas da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) apontam que a desigual distribuição de alimentos é um dos grandes fatores geradores de insuficiência nutricional, ou seja, o agronegócio não garante a segurança alimentar da população. Assim, a Festa da Colheita, nesta pesquisa, evidencia a capacidade e riqueza da produção no campo, que tem garantido o abastecimento das famílias e preservado o meio ambiente, frente à concorrência desleal do capital do agronegócio.

A agricultura camponesa não é apenas um modo de produzir no campo, mas de viver do campo. É uma cultura própria de relação com a natureza e a comunidade. Mesmo com pouca terra, os camponeses têm uma produção diversificada e combinam a criação de animais com produção vegetal o ano todo.

Em campo, ao dialogar sobre produção de alimentos e comida, os camponeses sempre se referem ao termo da “fartura⁵⁷ que, conforme Dona **Sabiá** me explicou, é “ter seu próprio alimento, não precisar comprar fora e ter muita coisa da roça ou do quintal, muito milho, muito feijão, muito cheiro verde [...]”, é ter uma diversidade de alimentos em quantidade, qualidade e variedade, e isso, para os/as camponeses/as, não só de Pocinhos, mas de outras regiões do estado, é sinônimo de muito orgulho. A “mesa farta” enfatiza a autonomia que o camponês exerce sobre o processo produtivo.

Outra questão intrigante para os/as camponeses/as é que, embora consumam os alimentos industrializados, estes são fonte constante de desconfiança; primeiro, pela procedência, segundo, pela classificação do gosto, e terceiro, pela sua pureza no sentido de que não são alimentos saudáveis, iguais aos produzidos em casa.

Segundo Görgen (2004), uma nação é soberana quando é dona de seu próprio destino, quando ela tem alimentação suficiente para seu povo comer e ainda estocar. Para os/as camponeses/as, a soberania alimentar começa em casa, com a produção para consumo próprio,

⁵⁷As compreensões nativas em torno da categoria fartura se relacionam com o conceito trazido por Woortmann e Woortmann (1977, p. 27): “Fartura está referida a bens alimentícios de origens diversas (animal e vegetal), assim como à quantidade dos alimentos de que se pode dispor”.

não dependendo do mercado para garantir o auto sustento, é produzir de tudo para encher a mesa de comida.

O comer e o nutrir, pra além das necessidades fisiológicas, tem uma ligação com o prazer, gera efeitos psíquicos de memória afetiva, nostálgicos, felizes e até de heranças culturais. A comida tem um componente cultural e tudo o que se come com prazer tem uma relação direta com o âmbito dos afetos: comida de alma, comida conforto, comida de casa, comida memória.

Assim, para que, então, seja possível tratar sobre a democratização da alimentação saudável, considero necessário não esquecermos da função social que a terra ocupa na produção, tendo em vista que a reforma agrária, atualmente, se constitui de uma política essencial para que a produção agroecológica aconteça de forma efetiva. Somente desta forma será possível descentralizar das mãos do agronegócio o poder da imposição de determinado sistema de produção. A distribuição de alimentos no Brasil é centralizada, e somente com uma política de redemocratização os camponeses poderão ampliar sua produção e seus modos de vida

Perder a biodiversidade implica achatamento culturalmente as populações, perder receitas, frutas, temperos regionais e saúde, além de fragilizar culturalmente os povos. Um povo sem cultura, em qualquer âmbito, ainda mais na cultura alimentar, é mais vulnerável, é menos orgulhoso e mais fácil de manipular com as premissas do que vem de fora, de outras culturas colonizadoras, inclusive.

Tanto no contexto festivo quanto não festivo, a comida é um tema antropológico bastante relevante, pois é um instrumento eficaz para a compreensão da dinâmica de relações sociais existentes, revelando fatores culturais, históricos, econômicos, ambientais. É um ritual experimentado cotidianamente por todos os seres humanos e não humanos (Haraway, 2021) que precisam se alimentar. O comer agrega simbolicamente pessoas, cotidianos, conhecimentos para domínio e preparo dos alimentos e, por isso, é através da memória que pratos e receitas são transmitidos de geração em geração (Woortmann, 1986), mesmo quando as pessoas se distanciam de suas raízes

Dona **Umburana** rememorou que a Festa da Colheita em sua comunidade foi responsável pela reconexão com sua ancestralidade⁵⁸, no tocante à culinária baseada nos modos de vida

⁵⁸ Para Verger (1992), a ancestralidade refere-se à ligação e ao reconhecimento das gerações passadas, geralmente de um grupo familiar, étnico ou cultural. Ela engloba a herança genética, cultural, social e espiritual transmitida ao longo do tempo. A ancestralidade é um conceito central em muitas culturas e sociedades, simbolizando a continuidade e a identidade coletiva. Ela frequentemente envolve o respeito e a honra aos antepassados, mantendo viva a memória e as tradições através de práticas, rituais, histórias e conhecimentos passados de geração em geração.

camponeses e, até mesmo, no trato com medicina tradicional⁵⁹, através de práticas de cuidado por meio do uso de plantas medicinais: “Eu retomei o que eu tinha deixado para trás”, afirmou. Retomou conhecimentos de suas ancestrais para a cura de doenças e, atualmente, prepara garrafadas, lambedores, charopes, chás etc. Ela é referência em medicina tradicional na RIS Sobral e relata ser um dos meios por onde gera renda extra para casa.

A Festa promoveu inovação para ela e as mulheres da comunidade, por meio da conexão com o alimento. As cozinhas das mulheres de Camará (Santana do Acaraú) transformaram-se em espaços de retomada e experimentação de culinária tradicional e, ao mesmo tempo, inovadora ao passo que substitui ingredientes processados e industrializados pelo que se tem no quintal de casa:

“O que antes era feito com ingredientes que nós não tínhamos agora a gente inova e só usa o que tem. Olha se eu te contar que nós fizemos lá umas coxinhas de jerimum ninguém acredita, a gente se alimenta de forma mais saudável, inventa receitas novas, e olha todo mundo dá ponto nas nossas inovações. Tudo quanto é de novidade tem, tudo de todo jeito tem na festa da colheita e é tudo muito bonito. Na festa tem pé de moleque, macaxeira frita, bolo de macaxeira, a macaxeira sozinha [...] a gente faz um escondidinho de macaxeira, purê de macaxeira. E o milho? O milho a gente faz tudo, é pamonha, mugunzá, mingau, cuscuz” (Entrevista realizada em julho de 2022 – Festa da Colheita em Pocinhos).

É importante observar como através da comida a manutenção das relações sociais da comunidade vão sendo feitas, principalmente no caso específico das mulheres de Camará, que passaram a se reunir frequentemente para trocarem ideias, receitas e histórias, assim como o alimento preparado.

Portanto, se os alimentos são contextualizados dentro das trajetórias individuais e coletivas, as comidas ingeridas narram histórias associadas com o passado das pessoas que os consomem. Para Romanelli (2006), os alimentos produzidos são receitas preparadas e consumidas sob uma forma cultural e integram memórias coletivas, reforçando laços locais e regionais e reafirmando que a alimentação revela a estrutura da vida cotidiana, do seu núcleo mais íntimo e mais compartilhado.

Através da comida, é possível reforçar vínculos de união em comunidade, dinamizando e estimulando relações entre os indivíduos, é o que afirma Hubert (2011, 101):

Compartilhar do mesmo alimento em grupo, com pessoas que têm objetivos religiosos e crenças comuns, além de ser um momento altamente socializante, é capaz de reforçar os laços de união do grupo e criar vínculos significativos entre os adeptos.

⁵⁹ Prática ancestral presente no cotidiano dos povos do campo que se refere ao preparo de medicamentos à base de plantas medicinais nativas e cultivadas.

Não somente comer, mas sobretudo fazer, preparar os alimentos envolve uma série de relações com vistas ao compartilhamento. Preparar o alimento, nesse sentido, pode ser considerado um ritual de comensalidade social, que envolve comunicação, e implica uma troca, partilha, união, age como catalisador, estimulando, dinamizando e incentivando as relações entre os indivíduos.

E, diante das inúmeras formas que a “comida” pode ser pesquisada, é fundamental explicitar que, durante a Festa, uma grande variedade de alimentos é preparada e manipulada pelas famílias e comunidades participantes, e isso significa que manejar estes alimentos e produzir a comida que alimentará a todos integra um sistema simbólico e cultural que parte de escolhas específicas dos indivíduos que integram este espaço, o espaço camponês.

O alimento, segundo Hubert (2011), é toda substância que, ingerida ou absorvida por um ser vivo, o alimenta ou o nutre. Porém, sua importância, apesar de sua natureza vital e essencial, ultrapassa o puramente fisiológico, por possuir também importante valor social e cultural.

A prática alimentar, de acordo com Carneiro (2003), pode ser considerada a origem da socialização, uma vez que, ao comer junto e partilhar da comida, um grupo atribui sentidos a esse ato, e, por isso, podemos tomá-lo como um momento privilegiado de socialização, uma prática cultural significativa que serve de referência para os indivíduos envolvidos em um jogo de conhecimento e reconhecimento no qual são investidos valores e sentimentos que moldam sua identidade (Maciel, 1996)

No tocante ao tema da sociabilidade junto ao ato de “comer”, cabe ressaltar que a alimentação não é um ato solitário, e sim uma atividade social que envolve outras pessoas, tanto na produção dos alimentos, quanto na própria comensalidade, ocasião para se criar e manter formas ricas de sociabilidade. Para Romanelli (2006), a dimensão afetiva da alimentação, que engloba a relação com o outro, está presente nas refeições familiares, momentos de encontro, de conversação e de troca de informações, isto é, da criação e manutenção de formas de sociabilidade bastante ricas e prazerosas.

No caso da Festa, o simples fato de sair de casa já demonstra uma vontade de interagir socialmente. É uma forma das pessoas se apresentarem aos outros. Estudos realizados por Joanne Finkelstein (1989), ao analisar os comportamentos sociais desencadeados pelo comer em espaços de restaurantes, apontam que os indivíduos produzem comportamentos regidos por normas predeterminadas.

Segundo Finkelstein (1989), as pessoas se comportam de acordo com comportamentos regidos pela “moda”, fazendo com que, na maioria das vezes, haja pouca ou quase nenhuma interação social. Sobre este fato, a autora não diminui a capacidade socializadora que o “comer

fora” cumpre, mas que, devido à importância econômica dada em nossa sociedade a esta atividade, o “comer fora” adentra o universo econômico capitalista, influenciando diretamente na espontaneidade.

Gostaria ainda de salientar que, através do ato de comer, hierarquias de poder também são estruturadas e evidenciadas no universo social: quem tem o que comer, quem pode comer item “X” ou “Y”, demonstrando *status* de prestígio, divisão e poder. Mas, na esfera da Festa da Colheita, ao contrário do que Finkelstein (1989) constatou por meio de suas pesquisas, as sociabilidades acontecem de forma espontânea, onde não há preocupação de demonstrar hierarquias ou *status* sociais. Há valorização de um estilo de vida, da vida simples, da natureza, do natural e da solidariedade.

Ao tratar sobre os diferentes significados da comida e suas representações nesta pesquisa, busco a necessidade de compreender as práticas alimentares como uma relação à qual os fatores fisiológicos, simbólicos e culturais da alimentação podem estar atrelados. Neste sentido, apreender a comida como uma atitude mais elevada do que apenas ingerir alimentos, sobretudo uma ação prazerosa, permitindo a conexão com os significados que envolvem herança cultural, memória afetiva e momentos de sociabilidade

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Antropologia tem se modificado nos últimos anos e esse movimento é fruto da crescente demanda em favor da diversidade no pensamento antropológico. A relevância da reflexão antropológica, produzida em cenários não hegemônicos, tem ganhado cada vez mais espaço nas reflexões sobre o processo de construção dos saberes.

Atravessamos uma grande crise civilizatória, portanto, a crise da modernidade ocidental é uma crise de crises convergentes cujos sintomas são perceptíveis na emergência climática, no esfacelamento do sistema de suporte a vida, no recrudescimento da violência e desigualdade social, com o racismo atentado contra os corpos, territórios etc. E para que se possa, então, arejar as maneiras de compreender como habitar o mundo, é preciso aprender com outras perspectivas que não sejam as ocidentais modernas. E para que se possa aprender outras perspectivas, epistemologias dos povos não ocidentais, dos povos africanos, dos povos indígenas, das populações tradicionais e populações camponesas, necessitamos de perspectivas que não sejam baseadas em uma cosmologia de separação dualista.

A menos que se coloque dessa forma, em um relacionamento com esses povos e com esse sistema de conhecimento, a nossa tendência é reproduzir nossos padrões coloniais de relacionamento, de subalternização, de inferiorização, de exploração e subordinação. É por isto que assumo a agroecologia como a porta de entrada desta pesquisa, seja porque foi por meio dela que conheci a RIS Sobral, ou porque é emaranhada a esta história que me sinto forte para enfrentar a barbárie.

Considero que estas conclusões não significam o encerramento desta pesquisa, até porque as inúmeras possibilidades de aprofundamento não se esgotam aqui. Pesquisar a Rede de Intercâmbio de Sementes me ajudou a olhar para a concretude dos fatos em vistas de produzir conhecimento, desde as trajetórias de vida dos territórios, e a pesquisar com os pés no chão. Acredito, assim, cumprir com a função social da Universidade, que não deve ser o instrumento de propagação do modelo epistêmico hegemônico, mas, um espaço de formação e produção de conhecimentos importantes para as resistências dos povos.

Ao longo destas considerações, pontuo alguns avanços e aspectos que são possíveis de serem trabalhados futuramente. Propus a mim mesma, com esse estudo, compreender a importância da Festa da Colheita para os camponeses e as relações desencadeadas em formas diversas, tais como política, social, cultural e identitária, evidenciando as representações e práticas sociais envolvidas.

Para alcançar o objetivo proposto, foi preciso investigar a historicidade e os motivos que levaram os camponeses a resgatarem Sementes Crioulas e a construir uma identidade a partir dessa prática social. O contexto em que emerge a RIS Sobral, no estado Ceará, se dá muito a partir da questão agrária e social, e da problemática de escassez e má distribuição de recursos naturais, como a água, terra e as sementes. Por assim dizer, a constituição da RIS Sobral está enraizada nas disputas por terra, recursos naturais e na criação de estratégias de superação para as dependências e exclusão social.

A Festa da Colheita, que é fruto desta organização camponesa, tem sua origem associada ao ciclo das colheitas agrícolas e ao calendário religioso, possuindo características familiares e costumes tradicionais da cultura regional. Aliada ao escopo teórico, busquei, por meio desta pesquisa, oferecer diferentes olhares também sobre o comer, a comida e o alimento, levando em consideração os aspectos da produção, da nutrição e da oposição ao modelo capitalista do agronegócio e seus grandes meios de produção, bem como a dimensão simbólica do comer no tocante à cultura, resgatando tradições alimentares importantes no ceio das famílias camponesas, como uma maneira de aproximação das comunidades, estreitando laços entre seus membros e também com suas divindades por meio da Dádiva.

Pesquisar os camponeses que integram a RIS Sobral trouxe algumas dimensões do imaginário que povoa aquele universo, cada pessoa e cada lugar. A RIS Sobral enquanto organização trouxe avanços significativos na vida dos camponeses da microrregião norte do Ceará, principalmente relacionados a aspectos econômicos, político-sociais, culturais e ambientais.

No aspecto político-social, é possível visualizar a organização e mobilização das comunidades para a prática de manejos mais adequados na agricultura e vivência da cultura camponesa. Também maior autonomia política para não receberem as sementes impostas pelo governo e empresas que comercializam sementes.

No aspecto econômico, não há gastos com compra de sementes ou de venenos para os roçados. O controle de pragas na roça é feito de forma natural com insumos da própria agricultura, buscando uma convivência harmoniosa com a natureza e resgatando laços da nossa agricultura ancestral. No tocante à segurança e à soberania alimentar, os próprios camponeses produzem seu alimento distanciando-se dos industrializados, tendo direito de escolher o alimento que fará parte das refeições, garantindo saúde e nutrição para as famílias.

A redução significativa de desmatamentos e queimadas, demonstra um acordar para a adoção de manejos agroecológicos, bem como a importância de se organizar em comunidade,

em redes que fortalecem seus processos de luta, sejam ainda por terra, água e condições de permanência digna no campo para homens, mulheres e jovens.

No aspecto cultural, a realização das Festas da Colheita tem uma simbologia muito importante para os/as camponeses/as ligada à sua produção e às tradições culturais locais de cada comunidade, município e região. Retoma práticas de sociabilidade e lazer em comunidade por partilharem um universo comum, além das práticas alimentares das cozinhas sertanejas. Com isso, fortalecem sua identidade e contemplam o avanço da agricultura camponesa como símbolo de inclusão social.

A agonia da dependência de ações governamentais para plantar, colher e sobreviver, deu lugar para o desejo de sustentabilidade, por aprender a conviver com o semiárido, se organizar, criar grupos e articulações que possam valorizar o que se tem de melhor: sua cultura, suas raízes e tradições. Conforme Toledo e Barreira-Bassols (2008), as comunidades camponesas se reinventaram para assegurar e ampliar suas margens de autonomia em relação ao ordenamento empresarial imposto pelo agronegócio. Entre outros pontos comuns, povos e comunidades ativaram suas memórias coletivas para definir estratégias de inovadoras em defesa de seus meios e seus modos de vida.

Foi a partilha generosa dos/as camponeses/as que me fizeram tecer este trabalho trazendo abordagens significativas de seus cotidianos, do celebrar e festejar a colheita. De como a RIS cumpre um papel importante e dá sentido em grupo ao trabalho que realizam com as sementes, ao plantar, colher e festejar. Espero que este trabalho possa contribuir com pesquisas acadêmicas sobre campesinato, destacando sua importância.

REFERÊNCIAS

A SINDEMIA global da obesidade, desnutrição e mudanças climáticas. **Relatório da Comissão The Lancet**. Amsterdã: Elsevier, 2019. Disponível em: <https://alimentandopoliticas.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Relatório-Completo-The-Lancet.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2024.

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. Rio de Janeiro: Editora Expressão Popular, 2012.

AMARAL, Rita de Cássia Mello Peixoto. **Festa à Brasileira**: significados do festejar, no país que “não é sério”. 1998. Tese (Doutorado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

ARRUDA, André Ribeiro Passos de. Performance político-narrativa. **Revista Pandora Brasil**, n. 113, p. 1-3, nov. 2021.

BASTOS, José Romário Rodrigues. A luta também se faz na festa: cultura e política camponesa no nordeste brasileiro (1950-1964). **Tempos Históricos**, Paraná, v. 23, n. 0, p. 129-153, mai. 2019.

BEZERRA, Viviane Prado. **Porque se nós não agir o pudê não sabe se nós isiste nu mundo**: o MEB e o dia do Senhor em Sobral (1960 - 1980). 2008. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

BONI, Valdete. **Produtivo ou Reprodutivo**: O trabalho das mulheres nas agroindústrias familiares - um estudo na região oeste de Santa Catarina. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Festas de Trabalho. *In*: BRASIL. **Aprender e Ensinar nas Festas Populares**. Rio de Janeiro/Brasília: Salto para o futuro/Ministério da Educação, 2007. p. 44-53.

BRASIL. Lei nº 11.012, de 21 de dezembro de 2004. Altera o Programa Inclusão Digital constante do Plano Plurianual para o período 2004-2007. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2004.

BRASIL. **II Plano Nacional de Reforma Agrária**: Paz, Produção e Qualidade de Vida no Meio Rural. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário/Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, 2004.

BRASIL. Decreto nº 7.794, de 20 de agosto de 2012. Institui a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2012.

BUTLER, Judith. **Bodies that matter**: on the discursive limits of sex. New York: Routledge, 1993.

CARNEIRO, Henrique. **Comida e sociedade**: uma história da alimentação. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

CEARÁ. **Secretaria da Proteção Social**. Disponível em: <https://www.sps.ce.gov.br/>. Acesso em: 08 set. 2023.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

DINIZ, Débora. **Carta de uma orientadora**: o primeiro projeto de pesquisa. Brasília: Letras Livres, 2013.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. In: SIQUEIRA, Paula. “Ser afetado”, de Jeanne Favret-Saada. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 13, p. 155-161, 2005.

FERNANDES, Sarah. Por que comer é um ato político? **Brasil de Fato**. São Paulo, 6 jun. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/07/06/por-que-comer-e-um-ato-politico>. Acesso em: 10 dez. 2023.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **A Formação do MST no Brasil**. São Paulo: Editora Vozes, 2000.

FINKELSTEIN, Joanne. **Dining out**: a sociology of modern manners. London: Polity, 1989.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GERMANI, Guiomar Inez. Condições históricas e sociais que regulam o acesso a terra no espaço agrário. **GeoTextos**, Salvador, v. 2, n. 2, p. 115-147, 2006.

GLIESSMAN, Stephen R. **Agroecologia**: processos ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRS, 2000.

GÖRGEN, Frei Sérgio Antônio. **Os novos desafios da agricultura camponesa**. Petrópolis: Vozes, 2004.

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras** – Cachorros, pessoas e alteridade significativa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HEREDIA, Beatriz M. A. de. **A morada da vida**: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

HUBERT, Stefan. Manjar dos deuses: as oferendas nas religiões afro-brasileiras. **Revista Primeiros Estudos**, São Paulo, n. 1, p. 81-104, 2011.

- IASI, Mauro. **Metarmofoses da consciência de classe: o PT entre a negação e o consentimento**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- IBGE. Histórico de Forquilha – CE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/forquilha/historico>. Acesso em: 12 jun. 2024.
- INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. *In*: MITTMANN, S.; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E. A. (org.). **Práticas discursivas e identitárias**. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.
- ITANI, Alice. **Festas e calendários**. São Paulo: UNESP, 2003.
- JUNG, Carl. **O Homem e seus Símbolos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- LEMONS, Carolina Teles. A (re)construção do conceito de comunidade como um desafio à sociologia religião. **Estudos de Religião**, v. 23, n. 36, 201-216, jan./jun. 2009.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.
- LIMA, Eliany Dionizio. Camponês ou agricultor familiar: qual deles permanece? *In*: IV Encontro Nacional e X Fórum Estado, Capital e Trabalho, 2017, São Cristóvão. **Anais [...]**. São Cristóvão: UFS, 2017, p. 1-18.
- LOPES, Helena Rodrigues. **Fazer pegar novamente, como se diz das plantas**”: um estudo sobre ecologia das práticas das Casas de Sementes da Rede de Intercâmbio de Sementes na Região de Sobral-CE. 2022. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2022.
- MACIEL, Maria Eunice de Souza. Churrasco à gaúcha. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 2, n. 4, p. 34-48, 1996.
- MAIS de 33 milhões de brasileiros passam fome todo dia, revela pesquisa. **Jornal Nacional**. Rio de Janeiro, 8 jun. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/06/08/mais-de-33-milhoes-de-brasileiros-passam-fome-todo-dia-revela-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 10 dez. 2023.
- MARQUES, Luana Moreira; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. As festas populares como objeto de estudo: contribuições geográficas a partir de uma análise escalar. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 9, n. 3, p. 7-26, dez. 2015.
- MARTINS, José de Sousa. **Os camponeses e a política no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1981.
- MARTINS, Jéssica Maiara Rodrigues. **Programa Ecoforte e o fortalecimento das redes de agroecologia: demandas e possibilidades**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Planejamento e Estratégias de Desenvolvimento) – Diretoria de Formação Profissional e Especialização, Escola Nacional de Administração Pública, Brasília, 2018.
- MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Edições 70, 1988.

MITIDIERO JUNIOR, Marco Antonio; BARBOSA, Humberto Junior Neves; SÁ, Thiago Héric de. Quem produz comida para os brasileiros? 10 anos do censo agropecuário 2006. **Revista Pegada**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 1-10, jan. 2018.

MONTEIRO, Ana Cláudia Lima; RAIMUNDO, Maria Paula Borsoi; MARTINS, Bárbara Gerard. A questão do sigilo em pesquisa e a construção dos nomes fictícios. **Psicología, Conocimiento y Sociedad**, Montevideo, n. 9, n. 2, p. 157-172, 2019.

NÓBREGA, Zulmira. **A festa do maior São João do mundo**: dimensões culturais da festa junina na cidade de Campina Grande. 2010. Dissertação (Doutorado em Cultura e Sociedade) - Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996.

PEIRANO, Mariza. Etnografia, ou a teoria vivida. **Ponto Urbe**, São Paulo, ano 2, 1-12, 2008.

PEREZ, Léa Freitas; AMARAL, Leila; MESQUITA, Wania (org.). **Festa como perspectiva e em perspectiva**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

PICOLOTTO, Everton Lazzaretti. (2009). Movimentos sociais: abordagens clássicas e contemporâneas. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 156-177, 2009.

PILON, Bruno; CORTEZ, Cacia; SOUSA, Luiz Carlos; GÖRGEN, Frei Sérgio Antônio. **Derli Casalli**: o pensamento de um incansável militante camponês. Candiota: Instituto Cultural Padre Josimo, 2019.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.3-158, 1989.

RIBEIRO, Heloisa. Rotas da fé: Festas Juninas. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 24-55, 2002.

RIBEIRO, Leandro Nieves; SOBREIRO FILHO, José. Formação da via campesina no mundo e atualidade das ações no Brasil (2000-2011). *In*: XXI Congresso Nacional de Geografia Agrária, 2012, Uberlândia. **Anais [...]**. Uberlândia: UFU, 2012. p. 1-14.

LIMA, Eliany Dionizio. Camponês ou agricultor familiar: qual deles permanece? *In*: IV Encontro Nacional e X Fórum Estado, Capital e Trabalho, 2017, São Cristóvão. **Anais [...]**. São Cristóvão: UFS, 2017, p. 1-18.

ROMANELLI, Geraldo. O significado da alimentação na família: uma visão antropológica. **Anais do Simpósio de Transtornos alimentares: anorexia e bulimia nervosas**, Ribeirão preto, v. 39, n. 3, p.333-339, jul./set. 2006.

ROSA, Marcela Pereira. **Os sentidos do trabalho camponês na produção do tabaco e na agroecologia**: possibilidades de transformação e resistência. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SABOURIN, Eric. **Camponeses do Brasil**: entre a troca mercantil e a reciprocidade. Brasília: Embrapa, 2009.

SCHMITT, Claudia Job; PORTO, Silvio Isoppo; MONTEIRO, Denis; LOPES, Helena Rodrigues. Fortalecendo redes territoriais de agroecologia, extrativismo e produção orgânica: a instrumentação da ação pública no Programa Ecoforte. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 312-338, 2020.

SCHWENDLER, Sônia F.; THOMPSON, Lúcia Amaranta. An education in gender and agroecology in Brazil's Landless Rural Workers' Movement". **Gender and Education**, London, v. 29, n. 1, p. 100-114, 2017.

SCOTT, James C. Formas cotidianas de resistência camponesa. **Raízes**, Campina Grande, v. 21, n. 1, p. 10-31, jan./jun. 2002.

SILVA, Erivan Camelo da. **A geopolítica do saque mineral**: conflitos e impactos socioambientais da mineração de ferro em Quiterianópolis-CE. 2020. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual do Ceará, Sobral, 2020.

SILVA, Erivan Camelo da; SIEBRA, Divavani; MACHADO, Manoel. **A Festa da Colheita**. Sobral: GAte, 2016.

SILVA, Roberto Marinho Alves da. **Entre o combate à seca e convivência com o semi-árido**: transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento. 2006. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) - Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2006.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

SOUZA, Vivian. Recordes no agronegócio e aumento da fome no Brasil: como isso pode acontecer ao mesmo tempo? **G1**. São Paulo, 11 ago. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2021/08/11/recordes-no-agronegocio-e-aumento-da-fome-no-brasil-como-isso-pode-acontecer-ao-mesmo-tempo.ghtml>. Acesso em: 15 dez. 2023.

TAVARES, Jozelita; COSTA, Josineide; FAGUNDES, Marli (org.). **Diversidade Produtiva das Mulheres do MPA**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2016.

TEIXEIRA, Samara Livia Araújo. **Sementes da vida**: a relação de afeto dos guardiões de sementes na preservação do patrimônio genético-cultural na microrregião norte de Sobral. 2020. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2020.

TOLEDO, Victor M.; BARREIRA-BASSOLS, Narciso. **La memória biocultural**: la importância ecológica de las sabidurías tradicionales. Barcelona: Icaria Editorial, 2008.

TURNER, Victor W., **Do ritual ao teatro**: a seriedade humana de brincar. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

VARGAS, Maria Cristina; SILVA, Nivia Regina da (org.). **De onde vem nossa comida?**: São Paulo: Expressão Popular, 2015.

VERGER, Pierre. **Os nagôs e a morte**: Pade, Asese e o Culto Égun na Bahia. São Paulo: Corrupio, 1992.

VERGÉS, Armando Bartra. **Os novos camponeses**: leituras a partir do México profundo. São Paulo: Unesp, 2011.

VIEIRA, Thiago Wentzel de Melo. “A volta dos que não foram”: camponês e/ou agricultor familiar? reflexões teórico-conceituais e a pertinência do campesinato. **Rev. Nera**, Presidente Prudente, v. 22, n. 46, p. 129-147, abr. 2019.

WANDERLEY, Maria de Nazaré Baudel. O campesinato brasileiro: Uma história de resistência. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Piracicaba, v. 52, supl. 1, p. 25-44, 2014.

WOLF, Eric R. **Sociedades camponesas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

WOORTMANN, K. A comida, a família e a construção do gênero feminino. **Revista Dados**, Rio de Janeiro, v. 29, n.1, p. 103-130, 1986.

WOORTMANN, Ellen F.; WOORTMANN, Klaas. **O trabalho da terra**: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: Editora UnB, 1997.